

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARINA MENEGUETI VACCARO

*O luto no ambiente virtual:*  
um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas

Maringá  
2021

MARINA MENEGUETI VACCARO

*O luto no ambiente virtual:*  
um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Cecilia da Silva

Maringá  
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

V114I

Vaccaro, Marina Meneguetti

O luto no ambiente virtual : um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas /  
Marina Meneguetti Vaccaro. -- Maringá, PR, 2021.  
136 f.tabs.

Orientador: Prof. Dr. Lucia Cecilia da Silva.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
2021.

1. Luto - Aspectos psicológicos. 2. Internet - Ambiente virtual. 3. Existencialismo  
(psicologia). 4. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. 5. Psicologia existencial. I. Silva, Lucia  
Cecilia da, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
III. Título.

CDD 23.ed. 150.192

MARINA MENEGUETI VACCARO

*O luto no ambiente virtual: um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:



Prof.ª Dr.ª. Lucía Cecília da Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

(Presidente)



Prof.ª Dr.ª. Roselania Francisconi Borges

Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof.ª Dr.ª. Sylvia Mara Pires de Freitas

Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof.ª Dr.ª. Carla Faria Leitão

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)



Prof.ª Dr.ª. Joanneliese de Lucas Freitas

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Aprovada em: 17 de novembro de 2021

Defesa realizada por vídeoconferência.

*Para todos aqueles que compartilharam comigo  
suas maiores histórias de amor e dor.*

## AGRADECIMENTOS

*Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar*  
(Gonzaguinha)

Aos meus pais que, em vida, me ensinaram a importância da persistência nas adversidades e, quando partiram, me permitiram conhecer a vivência do luto da maneira mais genuína que eu poderia ter conhecido;

À Cecília e Maria Fernanda por trazerem leveza e alegria a minha vida;

Ao Paulo, pelo amor, por compreender as minhas ausências e pelo apoio incondicional;

À família Meneguetti e Vaccaro pelo incentivo;

Às amigas que acompanham a minha trajetória de estudos desde o Ensino Fundamental (Andressa e Nataly);

Às amigas com quem dividi a desafiante descoberta da Psicologia e que, hoje, continuam dividindo as tão desafiantes quanto descobertas da vida;

Às amigas da Prefeitura Municipal de Maringá pelo apoio diário e às “meninas” da Residência Integrada Multiprofissional na Atenção à Urgência e Emergência da Universidade Estadual de Maringá, por me motivarem a aprender para lhes ensinar;

À professora Lucia Cecilia da Silva (ou à querida Lucinha), por ter confiado em mim novamente, e por ter me dado mais uma oportunidade de aprender com você e, principalmente, por mais uma vez ter sido mais que uma orientadora;

Às professoras Carla Faria Leitão, Carolina Mendes Campos Oliveira Mattos, Joanneliese de Lucas Freitas, Roselania Francisconi Borges e Sylvia Mara Pires de Freitas por aceitarem participar das bancas de qualificação e de defesa e por me fazerem enxergar aquilo que minha visão não alcançava;

Aos/Às professores/as do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá;

Aos participantes desta pesquisa pela confiança e por dividirem comigo suas maiores histórias de amor e dor;

Às pessoas que confiaram no meu trabalho enquanto psicóloga clínica e hospitalar e compartilharam experiências que me instigaram a buscar novos conhecimentos;

A todos aqueles/as que contribuíram de alguma forma com este trabalho, compartilhando materiais, realizando leituras, sugerindo mudanças ou lançando olhares encorajadores que serviram de espelho para que eu pudesse me perceber enquanto capaz de findar esta árdua, porém gratificante, trajetória.

*Quanto ao luto, você descobrirá que ele vem em ondas. Quando o navio é destruído pela primeira vez, você está se afogando, com destroços ao seu redor. Tudo o que flutua em volta de você lembra-lhe a beleza e a magnificência do navio que era, e não é mais. E tudo o que você pode fazer é flutuar. Você encontra algum pedaço dos destroços e aguenta um pouco. Talvez seja uma coisa física. Talvez seja uma lembrança feliz ou uma fotografia. Talvez seja uma pessoa que também está flutuando. Por um tempo, tudo o que você pode fazer é flutuar. Ficar vivo.*

*No começo as ondas têm trinta metros de altura e batem em você sem misericórdia. Elas vêm separadas por dez segundos e nem mesmo dão tempo para recuperar o fôlego. Tudo o que você pode fazer é aguentar e flutuar. Depois de um tempo, talvez semanas, talvez meses, você verá que as ondas ainda têm trinta metros de altura, mas elas se distanciam ainda mais. Quando elas vêm, elas ainda batem em você e acabam com você. Mas no meio, você pode respirar, você pode funcionar. Você nunca sabe o que vai desencadear o luto. Pode ser uma música, uma foto, um cruzamento de rua, o cheiro de uma xícara de café. Pode ser praticamente qualquer coisa e a onda desaba. Mas entre as ondas, há vida.*

*Em algum ponto do trajeto, e é diferente para todos, você descobre que as ondas agora tem apenas vinte metros de altura. E elas ainda vêm, mas elas se afastam mais. Você pode vê-las chegando. Um aniversário, um feriado ou um Natal. Você pode ver isso chegando para na maior parte das vezes se preparar. E quando isso passa por você, você sabe que de alguma forma você, de novo, sairá do outro lado. Encharcado, cuspiendo, ainda pendurado em algum pedacinho dos destroços, mas você vai sair.*

*As ondas nunca param de chegar e, de alguma forma, você não quer que elas aconteçam. Mas você aprende que vai sobreviver a elas. E outras ondas virão. E você vai sobreviver a elas também. Se tiver sorte, e isso é só para quem teve a honra de navegar, você terá muitas cicatrizes de naufrágios.”*

(Autor desconhecido)

Vaccaro, M. M. (2022). *O luto no ambiente virtual: um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas*. 2022. 136f. Tese. Doutorado em Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

## RESUMO

Diversas pesquisas divulgadas recentemente evidenciam o aumento significativo do uso da internet em nossos dias. Tanto o número de domicílios com acesso à internet, quanto o número de internautas tem crescido expressivamente a cada ano, o que evidencia a presença cada vez maior desta tecnologia em nosso cotidiano. Este aumento da utilização da internet tem trazido mudanças nos comportamentos, valores, costumes e nas relações entre as pessoas, assim como tem contribuído para o surgimento de novas práticas sociais. Dentre elas, destacamos práticas de ritualização da morte e de vivências do luto no ambiente virtual. Com foco neste cenário, este trabalho foi desenvolvido tendo como principal objetivo investigar a vivência de pessoas enlutadas que buscaram o ambiente virtual frente a uma situação de perda de um ente querido. Para que o objetivo pudesse se cumprir foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com oito pessoas que se dispuseram a compartilhar suas vivências de luto no ambiente virtual. A elaboração do roteiro da entrevista, a análise dos dados decorrentes dela, bem como a organização dos capítulos da tese foi inspirada no método progressivo-regressivo, adotado por Jean-Paul Sartre em suas obras filosóficas e biográficas que foram utilizadas como alicerces para as reflexões aqui realizadas. Diferente daqueles que ora recaem no subjetivismo, ora no universalismo, tal método, com seu movimento progressivo-regressivo e analítico-sintético, possibilita a compreensão da singularidade enquanto interiorização da universalidade, ou seja, a compreensão do homem, de como ele vive o universal no particular e do que faz daquilo que lhe é imposto sociomaterialmente. A partir dos depoimentos foi possível perceber que a vivência do luto no ambiente virtual é um fenômeno que conserva marcas e características de momentos históricos e sociais anteriores ao nosso, ao mesmo tempo em que os supera, já que também apresenta características de nosso horizonte existencial hodierno, fortemente marcado pela virtualização da existência. Notou-se também que na busca de reconhecimento da vivência do luto pelo olhar do Outro, uma necessidade ontológica e antropológica, os/as entrevistados/as encontraram no ambiente virtual uma forma de transcender as barreiras do tempo e do espaço que se apresentam de maneira tão imperiosa no mundo *offline*. Isso porque, na internet, não só obtiveram o reconhecimento que necessitavam, mas o obtiveram de maneira imediata e por parte de pessoas que sofreram perdas semelhantes às suas e que, muitas vezes, se encontram em locais geograficamente distantes, o que possibilita a vivência do “nós” enlutados. Ambos os aspectos contribuíram para que o ambiente virtual passasse a ser visto e escolhido pelos/as enlutados/as como um *locus* privilegiado para a vivência do luto, o que possibilitou o surgimento de uma nova forma de expressão do luto na contemporaneidade, não mais restrita ao ambiente doméstico e familiar, mas compartilhada publicamente nos dispositivos digitais.

**Palavras-Chave:** Luto; Internet; Existencialismo; Jean-Paul Sartre; Método Progressivo-Regressivo.

Vaccaro, M. M. (2022). *Mourning within a virtual environment: A study from the experience of bereaved people*. 2022. 136f. Thesis. Doctorate in Psychology, Psychology's Postgraduate Program, Universidade Estadual de Maringá, Maringá

## ABSTRACT

Several recent research works have highlighted a significant increase in the use of the Internet. The number of homes accessing the Internet and the number of Internet users have significantly increased over the last years. This fact is a witness of technology in our daily lives. The increase in the use of the Internet has introduced changes in behavior, values, costumes and relationships between people and has contributed towards new social practices. The ritualization of death and bereavement experience within the virtual environment should be underscored. Current paper investigates the experience of bereaved people who sought the virtual environment in the wake of loss of a beloved person. Semi-directed interviews with eight people who volunteered to share their bereavement experiences within the virtual environment were undertaken. The interview script, analysis of the data and the organization of the chapters of current thesis were perceived from the progressive-regressive method employed by Jean-Paul Sartre in his philosophical and biographical works that foregrounded current investigation. Different from reflections either based on subjectivism or on universalism, the method, foregrounded on the progressive-regressive and analytic-synthetic movement, stimulates the understanding of singularity as an interiorization of universality, or rather, the understanding of the person, the manner s/he experiences the universal within the particular and that which is imposed socially and materially. The interviews revealed that the experience of bereavement within the virtual environment is a phenomenon that preserves the marks and features of historical and social moments prior of our age, whilst, at the same time, they are exceeded since they also present characteristics of our daily existential horizon, deeply affected by the virtualization of existence. It has also been noted, that within the acknowledgement of the mourning experience through the point of view of the Other, there is an ontological and anthropological need, or rather, the interviewees have found within the virtual milieu a way to transcend the limits of time and space which present themselves so overbearingly in the offline world. This is due to the fact that, through the Internet, they not merely had the acknowledgement they needed but did so immediately and by people who experienced the same loss frequently in geographically different places, making possible the experience of the bereaved 'us.' The two aspects contributed towards the virtual environment which could be seen and selected by the bereaved as a privileged locus for the experience of mourning. It also made possible a new mode of bereavement experience in contemporaneity unrestricted by the domestic and familial environment but publicly shared in a digital manner.

**Keywords:** Bereavement; Internet; Existentialism; Jean-Paul Sartre; Progressive-Regressive method.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<i>Apresentação do tema.....</i>	12
<i>Apresentação do método.....</i>	20
<b>CAPÍTULO 1- DA IDADE MÉDIA À IDADE DA “MÍDIA”: A HISTÓRIA DA MORTE E DO LUTO NA SOCIEDADE OCIDENTAL .....</b>	<b>28</b>
<b>CAPÍTULO 2- O SURGIMENTO DA <i>INTERNET</i> E SEUS IMPACTOS NA VIDA E NA MORTE .....</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO 3- CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO PARA A COMPREENSÃO DO LUTO NO AMBIENTE VIRTUAL .....</b>	<b>58</b>
3.1 O HOMEM COMO UM SER RELACIONAL.....	59
3.1.1 <i>A relação com a materialidade.....</i>	62
3.1.2 <i>As relações com o Outro.....</i>	66
3.1.3 <i>A relação com os grupos sociais .....</i>	71
<b>CAPÍTULO 4- A PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>81</b>
4.1 OS PARTICIPANTES.....	81
4.2 O INSTRUMENTO.....	83
4.3 DESCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS .....	83
4.3.1 <i>Descrição da entrevista de Regiane .....</i>	83
4.3.2 <i>Descrição da entrevista de Edna .....</i>	87
4.3.3 <i>Descrição da entrevista de Alice .....</i>	90
4.3.4 <i>Descrição da entrevista de Mariane.....</i>	91
4.3.5 <i>Descrição da entrevista de Andressa .....</i>	93
4.3.6 <i>Descrição da entrevista de Maurílio .....</i>	95
4.3.7 <i>Descrição da entrevista de Francine.....</i>	97
4.3.8 <i>Descrição da entrevista de Mônica .....</i>	100
4.4 UNIFICAÇÕES SINTÉTICAS .....	103

4.4.1 A vivência do luto: a morte definindo o destino .....	103
4.4.2 A necessidade de reconhecimento da vivência do luto pelo olhar do Outro .....	110
4.4.3 O campo social das relações virtuais como possibilitador do reconhecimento imediato da vivência do luto e da experiência do “nós” enlutados ....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>134</b>
Anexo 1- Termo de Consentimento Livre E Esclarecido .....	134

## INTRODUÇÃO

“A graça da morte, seu desastrado encanto, é por causa da vida”  
(Adélia Prado)

### *Apresentação do tema*

Iniciarei o presente trabalho sugerindo ao leitor algo um tanto quanto incomum para o início de uma produção acadêmica: que interrompa sua leitura, mas para que possa perceber e refletir sobre a quantidade de aparelhos utilizados para acesso à *internet* que se encontram ao seu redor, tais como computadores de mesa, *notebooks*, *smartphones*, *smartwatches*, *tablets*, televisores, etc. Reflita ainda há quantas horas ou minutos utilizou a *internet* pela última vez e quantas vezes precisou se policiar para não a utilizar demasiadamente. Talvez, em algum momento, você pode até mesmo ter necessitado do auxílio de algum aplicativo para restringir o uso excessivo de outros aplicativos. Tente ainda se recordar do número de pessoas que estabeleceu contato no dia de hoje e, dentre estas, quantas foram contatadas por meio da *internet*. Caso esteja em um local público, perceba por alguns instantes quantas pessoas estão manuseando seus *smartphones* ou, pelo menos, estão próximas deles e alertas a quaisquer sons que eles possam emitir.

Tais reflexões nos permitem perceber o quanto a *internet* está cada vez mais presente em nosso cotidiano. Nós a utilizamos em nosso momento de lazer, de estudo e no trabalho para estabelecer contatos com pessoas conhecidas e desconhecidas, com familiares, com amigos e com colegas de trabalho; para pesquisar, comprar, vender, pagar contas, programar viagens e até mesmo nos lembrar de nossas necessidades mais básicas, já que hoje encontramos aplicativos que foram desenvolvidos para alertarem seus usuários sobre a necessidade de ingestão de água, por exemplo.

Esse aumento no uso da *internet* fica ainda mais evidente quando olhamos o resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que demonstra que:

desde 2004, o acesso à *Internet* no domicílio por meio de microcomputador vem aumentando, variando de 6,3%, em 2004, a 25,7% em 2012. ... em 2014, mais da metade dos domicílios passaram a ter acesso à *Internet*<sup>1</sup>, saindo de 48,0%, em 2013, para 54,9%, naquele ano, o equivalente a 36,8 milhões de domicílios. Em 2015, a

---

<sup>1</sup> O acesso à *Internet* por meio de equipamentos eletrônicos diferentes do microcomputador (telefone móvel celular, *tablet*, televisão e outros) passou a ser investigado em 2013 e por essa razão, temos uma diferença significativa na estatística a partir de 2014.

expansão continuou ocorrendo, ao alcançar 57,8%, correspondente a 39,3 milhões de domicílios. (IBGE, 2016, n.p)

Outras pesquisas mais recentes, também divulgadas pelo IBGE nos anos 2018 e 2020, demonstraram que “em 2016 a Internet era utilizada em 69,3% dos domicílios permanentes do País e este percentual aumentou para 74,9%, em 2017” (2018, p. 5). Em 2018, a *internet* passou a ser utilizada em 79,1% dos domicílios brasileiros (IBGE, 2020). Da mesma forma, o número de internautas com 10 anos ou mais de idade também cresceu significativamente no país, passando de 64,7% em 2016 para 69,8% em 2017 (IBGE, 2018), atingindo a marca de 74,7% em 2018 (IBGE, 2020).

Além dos dados revelados pelo IBGE, uma reportagem<sup>2</sup> divulgada pela *Revista Galileu* trouxe outros números significativos sobre a primeira geração a crescer com a *internet*: 67% dos membros colocam suas fotos na *internet*, 85% veem o que seus amigos e colegas pensam antes de tomar uma decisão, 88% têm um perfil em uma rede social, 65% a atualizam diariamente e 91% dormem ao lado do *smartphone*.

Com isso, fica evidente que o aumento da utilização da *internet* tem trazido mudanças nos comportamentos, valores, costumes e nas relações entre as pessoas. Novas práticas sociais surgiram, tais como o envio de mensagens virtuais em detrimento de cartas ou cartões que eram enviados com frequência em datas comemorativas; a busca por novos relacionamentos, companheiros/as e vagas de emprego através de *sites* e aplicativos e, até mesmo a ida ao supermercado tem sido substituída por alguns cliques, já que hoje as pessoas podem adquirir os produtos que desejam sem que precisem sair de suas residências.

Dentre as mudanças que o uso da *internet* tem trazido, gostaria de destacar aquela que se configura como objeto de estudo deste trabalho e que diz respeito à forma que algumas pessoas estão encontrando para ritualizar as mortes e vivenciar seus lutos: utilizando o ambiente virtual.

Por luto, entende-se o processo normal e esperado de resposta a um rompimento de vínculo significativo com algo ou alguém (Kovács, 1992; Parkes, 1998; Freitas, 2013). Isso significa que o luto pode estar relacionado a diversas perdas, como por exemplo, de pessoas, relacionamentos, bens materiais, imagem e função corporal, papéis ou ocupação, planos e expectativas de futuro, etc. Contudo, neste trabalho abordaremos especificamente o luto decorrente da morte de um ente querido.

---

<sup>2</sup> Reportagem recuperada de: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339144-17770,00-A+VEZ+DA+GERACAO+C.html>

O interesse por esta temática foi crescendo a partir de diversas situações por mim vivenciadas desde a graduação em Psicologia. A morte, tão negligenciada nas grades curriculares dos cursos de Psicologia (Junqueira & Kovács, 2008; Lima & Buys, 2008; Santos & Fensterseifer, 2015), passou a fazer parte do meu dia a dia quando estagiei em um hospital na cidade de Maringá-PR. A Psicologia Hospitalar me fascinava, mas, ao mesmo tempo, acompanhar pacientes fora de possibilidades de cura e seus familiares constituía-se como um desafio. Foi neste momento que senti a necessidade de buscar na literatura psicológica contribuições para a minha prática enquanto estagiária e, posteriormente, enquanto psicóloga hospitalar que atuava com pacientes e familiares que enfrentavam a difícil tarefa de despedirem-se da vida.

Em 9 de fevereiro de 2014, em uma edição do programa de televisão “Fantástico”, deparei-me com uma reportagem<sup>3</sup> que mostrava uma nova forma que as pessoas passaram a buscar para enfrentarem esta tarefa: fazendo uso das redes sociais virtuais<sup>4</sup>. A reportagem apresentava uma página disponível no *Facebook*, intitulada “Mães Sem Nome”, que se constitui como um espaço de troca de experiências para mães que perderam seus filhos e atualmente conta com aproximadamente 22 mil membros<sup>5</sup>.

Além desta, cito também outra reportagem, disponível na *Revista Contato: Informativo Bimestral do Conselho Regional de Psicologia 8ª Região*, que abordou sobre a imortalidade digital atingida por uma *StartUp* que conseguiu trazer uma pessoa “de volta à vida” de maneira virtual, de modo semelhante ao que pode ser visto no episódio *Be Right Back* da série *Black Mirror*, em que a personagem Martha utiliza recursos virtuais para manter a relação com o marido morto em um acidente.

Os engenheiros da *StartUp* ‘Luka’, fundada pela russa Eugenia Kuyda, conseguiram trazer um amigo dela, morto em um atropelamento aos 34 anos, ‘de volta a vida’ de maneira virtual. Utilizando fotos, documentos e mensagens trocadas por Roman Mazurenko, ainda em vida, em sistemas de rede neurais, foi possível identificar padrões e criar um algoritmo que possibilita manter conversas semelhantes às que eram tidas antes do falecimento, em 2015. O “avatar” de Roman responde como ele próprio responderia, por meio da tecnologia de inteligência artificial. (Nemitz, 2017, p. 24)

---

<sup>3</sup> Reportagem recuperada de: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/02/projeto-na-internet-ajuda-maes-superarem-perda-dos-filhos.html>

<sup>4</sup> Muito embora estejamos cientes de que o ambiente virtual é somente um dos ambientes que permitem o estabelecimento de redes sociais, utilizaremos nesta pesquisa a expressão “redes sociais” para nos referirmos às “redes sociais virtuais”, tais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, etc. Isso porque atualmente o termo “rede social” já se encontra tão fortemente vinculado à *internet* que dispensa o uso da palavra “virtual” para que o interlocutor saiba sobre qual rede social estamos nos referindo.

<sup>5</sup> Devido ao fato de o número de seguidores de páginas disponíveis nas redes sociais sofrer alterações diariamente, optamos por citar o número aproximado da página em questão.

Tais reportagens instigaram-me grandemente por terem apresentado algo até então por mim desconhecido, e que da mesma forma trazia implicações para minha atuação enquanto psicóloga clínica e hospitalar que trabalhava com pessoas enlutadas. Passei então a ficar mais atenta a estes fenômenos e comecei a perceber um aumento no número de comunidades virtuais destinadas exclusivamente a permitir aos seus visitantes/participantes a expressão do pesar pela morte de um ente querido, assim como passei a ter cada vez mais contato com pessoas, dentro e fora do contexto de atuação na Psicologia Clínica, que relataram ter recorrido às redes e mídias sociais<sup>6</sup> após passarem por uma situação de perda por morte.

No contexto clínico, especificamente, deparei-me com diversas queixas relacionadas à vivência do luto no ambiente virtual, como por exemplo, a de um filho que enfrentou conflitos com seus irmãos e demais familiares, pois, diferente deles, desejava manter ativo o perfil virtual de sua mãe falecida; a de uma mulher que sofria por achar que deveria excluir de suas redes sociais as fotos e registros do marido que faleceu quando iniciou um novo relacionamento amoroso; o incômodo de uma mãe que era julgada pelos demais internautas ao postar relatos confessionais sobre o seu processo de luto em sua própria página, etc. Pude também acompanhar pessoas que encontraram na *internet* sua maior rede de apoio para o enfrentamento do sofrimento decorrente da perda de um ente querido, estas sentiam suas dores se abrandarem ao visitarem o perfil virtual daqueles que partiram, mas deixaram marcas e registros no ambiente virtual.

Novamente recorri à literatura científica para melhor compreender esses fenômenos que a mim se apresentavam. Encontrei inúmeras e valiosas contribuições sobre o luto não só na literatura psicológica, mas também nas demais ciências humanas e sociais como a Antropologia, a Filosofia, a História, a Sociologia, etc. Porém, somente uma quantidade restrita delas abordava especificamente sobre o luto no ambiente virtual, que era justamente o que me instigava. Destas, apenas uma quantidade mais restrita ainda tinha sido elaborada por um ou mais autores do campo Psi (Peruzzo, Jung, Soares & Scarparo, 2007; Gurgel, Kovács, Mochel, Nakasu & Portugal, 2011; Matos-Silva, 2011; Wainstock, 2013; Bouso, Santos, Bouso & Ramos, 2014; Perluxo, 2015; Faustino, Neto, Barreto & Brito, 2017). Percebi, então, que adentrava um campo novo e ainda pouco contemplado pela ciência psicológica.

---

<sup>6</sup> Muito embora os termos redes sociais e mídias sociais sejam frequentemente utilizados como sinônimos, existem diferenças entre eles. No ambiente virtual, as redes sociais são os *sites* e aplicativos que possibilitam a interação entre pessoas ou grupos de pessoas como, por exemplo, o *Facebook*. Já as mídias sociais, da mesma forma que as mídias de maneira geral (televisão, rádio, jornais, etc.), tem como foco principal a criação e transmissão de informações. Sendo assim, o *Facebook* também pode ser entendido como uma mídia social na medida em que possibilita não só a interação entre seus usuários, mas a partilha de informações entre eles. Outro exemplo de mídia social é o *YouTube*, que mesmo permitindo a conexão entre pessoas, tem como principal objetivo o compartilhamento de conteúdos/informações em vídeo.

De acordo com Gurgel et al. (2011, p. 10 ) a expressão “luto virtual”<sup>7</sup>

(...) apareceu pela primeira vez, provavelmente, na edição de 02 de agosto de 1999, do *Newsweek*, por ocasião de um artigo escrito por Cose Ellis, chamado *The Trouble With Virtual Grief: The pain that so many people feel for JFK Jr [John Fitzgerald Kennedy Jr.] should not be confused with the actual suffering of family and friend*<sup>8</sup>. Nesse texto, Ellis mostra que a internet estava se tornando um espaço privilegiado para que anônimos e pessoas distantes pudessem partilhar de um mesmo processo de luto: o luto pelos vultos pátrios ou heroicos.

Se inicialmente o luto se fazia presente no ambiente virtual através das manifestações coletivas dos sentimentos de uma nação frente à morte de figuras públicas, tal como aconteceu na ocasião da morte de John Kennedy Jr., atualmente encontramos diversas outras expressões deste fenômeno, dentre elas: a manutenção do perfil virtual do falecido nas redes sociais; a transformação destes perfis em memorial; a criação, nestas mesmas redes, de grupos de enlutados que passaram por experiências semelhantes, grupos de usuários que se dedicam a listar os perfis dos internautas mortos estabelecendo uma espécie de cemitério virtual, chamados de “caçadores de *profiles* de gente morta” (Tomasi, 2011) e *sites* obituários que se dedicam a publicar notas de falecimento, vender flores e coroas virtuais para que as pessoas possam homenagear o falecido sem precisar sair de suas residências ou participar das cerimônias fúnebres.

Mais recentemente, podemos destacar algumas iniciativas que surgiram em decorrência da pandemia de COVID-19, como por exemplo, a realização de velórios *online*, em que pessoas que se encontram impossibilitadas de participar da cerimônia podem assistir a sua transmissão ao vivo por meio da *internet*, bem como a criação de um *site*<sup>9</sup> que auxilia as famílias enlutadas pelas mortes em razão da contaminação pelo novo coronavírus, a organizarem cerimônias virtuais de despedida. Isso porque, devido ao risco de contaminação, os rituais fúnebres (velório, cremação e sepultamento) foram proibidos ou ficaram restritos a um número mínimo de pessoas. Ainda no contexto da pandemia, foi desenvolvido também o *site* Inumeráveis<sup>10</sup>, responsável por publicar pequenas notas em memória às vítimas do novo coronavírus no Brasil a fim de demonstrar que as mortes não devem remeter a números ou estatísticas, mas a pessoas que partiram e marcaram a vida de muitas outras pessoas – por isso, o nome “inumeráveis”.

---

<sup>7</sup> De maneira diversa a Gurgel *et al.* (2011), optamos neste trabalho por utilizar a expressão “luto no ambiente virtual” ao invés de “luto virtual”, por não acreditarmos que se trata de um outro tipo de luto, diferente daquele que é vivenciado no mundo *offline*.

<sup>8</sup> O problema com o luto virtual: a dor que tantas pessoas sentem por JFK Jr. não deve ser confundida com o real sofrimento da família e do amigo (Tradução livre).

<sup>9</sup> Para mais, ver em: <https://infinito.etc.br/>

<sup>10</sup> Ver em: <https://inumeraveis.com.br/>

A partir do contato com as obras que abordam sobre o luto no ambiente virtual – posteriormente mencionadas ao longo do trabalho – percebi, da mesma forma como é apontado por Gurgel *et al.* (2011), a falta de consenso entre os estudiosos da área, já que de um lado encontrei autores (Oliveira & Lopes, 2008) que defendem a ideia de que manter a sensação de que a pessoa que faleceu está por perto, através da manutenção do perfil virtual, por exemplo, pode ajudar a abrandar a dor do luto; de outro lado, há autores (Silvestre & Aguilera, 2008) que afirmam que a vivência do luto no ambiente virtual pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de luto complicado<sup>11</sup>, uma vez que pela imortalidade conferida pela *internet* é possível manter com a pessoa falecida um vínculo semelhante ao que existia antes de ela morrer.

O surgimento dessas novas práticas sociais, a falta de consenso entre estudiosos da área e o desejo de contribuir com a literatura especializada afastando-me de concepções que reduzem a compreensão sobre a vivência do luto no ambiente virtual a uma discussão dicotômica e simplória sobre o uso da *internet* (positivo x negativo, benéfico x maléfico) – que negligenciam a complexidade do fenômeno – levaram-me a estabelecer o objetivo desta pesquisa: **investigar a vivência de pessoas enlutadas que buscam/buscaram o ambiente virtual frente a uma situação de perda de um ente querido.**

Para que o objetivo pudesse se cumprir foram realizadas **entrevistas semi-dirigidas** com oito pessoas que buscam/buscaram o ambiente virtual (*blogs, Facebook, Twitter, Instagram, etc.*) frente à situação de perda de um ente querido. O uso deste instrumento justifica-se por questões metodológicas, tal como será explicitado adiante, mas também pelo fato de encontrarmos na literatura uma escassez de estudos em que o pesquisador utilizou-se do mesmo instrumento ou teve contato direto com os participantes (Matos-Silva, 2011; Wainstock, 2013; Perluxo, 2015; Frizzo, Bousso, Borghi & Pedro, 2017). Isso se explica, já que na maioria das vezes são realizadas análises de relatos e depoimentos disponíveis nas redes sociais (Peruzzo *et al.*, 2007; Negrini, 2010; Gurgel *et al.*, 2011; Bousso, Ramos, Frizzo & Santos, 2012; Rigo, 2012; Tomasi, 2012; Bousso, Ramos, Frizzo, Santos & Bousso, 2014; Moura, Silva, Luna & Barros, 2016) ou a aplicação de questionários também através do ambiente virtual (Sangalli & Martinuzzo; 2017).

---

<sup>11</sup> Segundo Parkes (2009), todos os lutos são complicados/traumáticos, porém alguns podem ser mais complicados/traumáticos do que outros, como por exemplo, os lutos por mortes violentas, repentinas e inesperadas; lutos de pessoas que tinham relações fragilizadas ou problemáticas com o falecido; lutos por perda de crianças e pessoas jovens; lutos que, por diversas circunstâncias, não puderam ser vivenciados nos dias e meses posteriores à morte (luto adiado), etc.

Desde já, cremos ser importante enfatizar que muito embora o presente trabalho tenha sido finalizado em 2021, todas as entrevistas foram realizadas no ano de 2018, ou seja, dois anos antes de a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretar o início da pandemia de COVID-19. Por isso, as mudanças e transformações trazidas pela pandemia com relação à vivência das mortes e lutos não foram contempladas em nossas discussões.

A elaboração do roteiro da entrevista, a análise dos dados decorrentes dela, bem como a organização dos capítulos da tese foi inspirada no **Método Progressivo-Regressivo**, adotado por Jean-Paul Sartre (1905-1980) em suas obras filosóficas e biográficas, as quais serão utilizadas como alicerce para as reflexões aqui realizadas.

Em concordância com o que postulou Tomanik (2004), entendemos que o método diz respeito ao procedimento que nos permite conhecer um determinado objeto. Porém, não podemos entendê-lo como “apenas um conjunto de regras de ação, na medida em que reflete tudo aquilo que seus elaboradores, ou os que o adotam, acreditam ou pensam saber sobre o objeto, antes mesmo de estudá-lo” (p. 19).

Assim, levando em consideração essa forma de entendimento que não restringe o método a um conjunto de regras de ação e o fato de o Método Progressivo-Regressivo ter norteado não só a realização da fase de campo, mas todo o processo de elaboração da pesquisa, consideramos pertinente incluir sua apresentação e discussão já no início do trabalho, para que os leitores ainda não familiarizados com a teoria e o método sartriano possam nos acompanhar, desde o princípio, no processo de construção do conhecimento sobre o objeto em questão. As considerações metodológicas específicas sobre a fase de campo (apresentação e caracterização dos participantes, critérios de inclusão e exclusão, instrumento para a coleta dos dados, etc.) foram discutidas mais detalhadamente em capítulo dedicado exclusivamente a esta fase da pesquisa (Capítulo 4).

A utilização da perspectiva teórica e metodológica desenvolvida por Sartre, ao mesmo tempo em que confere originalidade ao presente estudo, traz também alguns impasses dignos de consideração. A exemplo, o fato de o filósofo não ter se debruçado especificamente sobre a temática do luto em nenhum momento de sua obra, tampouco sobre o ambiente virtual – o que seria inviável pelo horizonte histórico no qual sua produção intelectual se inseriu. O outro impasse está relacionado à própria aplicação do Método Progressivo-Regressivo, uma vez que o mesmo foi colocado em prática pelo filósofo no monumental estudo, de aproximadamente três mil páginas, que realizou sobre o escritor francês Gustave Flaubert, cujo objetivo era estabelecer uma compreensão rigorosa da vida de um único homem – o que difere do objetivo da presente tese.

Sendo assim, convém enfatizar que não tivemos aqui a pretensão de transpor rigorosamente a proposta metodológica de Sartre para o nosso objeto de pesquisa, mas sim de buscar nela uma inspiração de modo a seguir um caminho semelhante ao proposto por Mendes-Campos (2015)<sup>12</sup>.

Frente a estes impasses, o que nos encorajou a nos debruçarmos sobre um fenômeno recente de nossa história e, por isso, não contemplado na obra do principal interlocutor do trabalho, é a crença de que “o filósofo existencialista ainda é atual [e] suas concepções e ideias sobre o homem e a sociedade ajudam a explicar o mundo contemporâneo e são um instrumental de análise, fundamental para se compreender a complexidade da realidade humana hodierna” (Schneider, 2002, p. 29., grifo do autor).

Acredita-se que a pertinência de se estudar o luto no ambiente virtual está assentada no fato de ser uma prática social cada vez mais difundida, porém ainda pouco estudada, principalmente pela ciência psicológica. Este estudo caminha na contramão dos hábitos cotidianos nos quais a manifestação do luto é cada vez mais relegada ao privado, rápido e superficial (Gurgel *et al.*, 2011). Numa sociedade que minimizou os ritos que simbolizavam o luto e inibiu as expressões públicas do pesar pela perda de um ente querido, o luto expresso no ambiente virtual pode estar representando o primeiro contato de diversas pessoas com a morte e com os rituais característicos deste momento. Isso porque, tal como apontam Gurgel *et al.* (2011, p. 8):

(...) não é raro encontrar adolescentes ou adultos que nunca foram a um funeral, que não sabem o que é uma nênia<sup>13</sup>, epitáfio<sup>14</sup> ou elegia<sup>15</sup>, e menos ainda que tenham visto ou ouvido falar sobre esses elementos. Alguns sabem onde ficam os cemitérios, mas os conhecem apenas por fora. Muitos não saberiam distinguir um túmulo<sup>16</sup> de um mausoléu<sup>17</sup>, (notas nossas)

Esperamos que, ao ampliar a compreensão sobre as novas formas de vivência do luto na contemporaneidade, a presente pesquisa possa não só trazer contribuições teóricas para a

---

<sup>12</sup> Neste sentido, pensando em obras que enriqueceram a literatura existencialista utilizando a proposta metodológica de Sartre em contexto diferente ao que foi idealizado pelo filósofo (de realizar a compreensão de um homem específico como Flaubert, por exemplo), sugerimos também a leitura do livro *Psicologia Existencialista de Grupos e da Mediação Grupal: contribuições do pensamento de Sartre* (2018), de autoria de Sílvia Mara Pires de Freitas, que defendeu a utilização do Método Progressivo-Regressivo para subsidiar a atuação de psicólogos (as) que atuam com grupos, de modo a compreenderem a biografia dos mesmos e, se possível, mediá-los.

<sup>13</sup> **Nênia:** Canto fúnebre; canção plangente, melancólica (Ferreira, s/d).

<sup>14</sup> **Epitáfio:** Inscrição tumular; lápide ou tabuleta com epitáfio; elogio fúnebre; espécie de poesia satírica (em geral uma quadra) feita sobre um vivo, como se tratasse de um morto (Ferreira, s/d).

<sup>15</sup> **Elegia:** Entre os gregos e latinos, poema formado de versos hexâmetros e pentâmetros alternados; poema lírico cujo tom é quase sempre terno e triste (Ferreira, s/d).

<sup>16</sup> **Túmulo:** monumento fúnebre erguido em memória de alguém no lugar onde se acha o sepultado/sepultura (Ferreira, s/d).

<sup>17</sup> **Mausoléu:** sepulcro suntuoso (Ferreira, s/d).

literatura especializada, mas também contribuições práticas para todos os profissionais da saúde (e não só) que prestam apoio e suporte àqueles que enfrentam o processo de luto em tempos de revolução digital.

### *Apresentação do método*

Muito embora o Método Progressivo-Regressivo tenha sido proposto pelo filósofo marxista Henri Lefebvre<sup>18</sup> (1901-1991), falaremos deste método a partir da apropriação feita pelo também filósofo francês Jean-Paul Sartre, contemporâneo de Lefebvre, que o utilizou tanto em algumas de suas obras filosóficas – tais como *Questão de Método* (1960) e *Crítica da Razão Dialética* (1960) – quanto em seus empreendimentos biográficos, como por exemplo, *O Idiota da Família* (1971), obra dedicada a levar aos leitores a conhecer e compreender a personalidade do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880) “(...) como totalmente individual, mas também como totalmente representativo de sua época” (Sartre, 1972, 114).

Apesar de ter dedicado somente uma obra para discutir exclusivamente questões metodológicas, *Questão de Método* (1960), a preocupação em encontrar um método que permitisse a compreensão da realidade humana em moldes diversos dos até então existentes esteve presente ao longo de toda a obra de Sartre. No início de sua trajetória intelectual, o filósofo recorreu a Husserl e ao método fenomenológico, sem deixar de problematizá-los, tal como podemos perceber nas suas obras da década de 1930. Mais tarde, desenvolveu o método denominado Psicanálise Existencial, apresentado na quarta parte da obra *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (1943). Por fim, apropriou-se do Método Regressivo-Progressivo de Lefebvre, que ficou evidente na leitura das obras publicadas a partir da década de 1960.

Percebemos, então, que o filósofo não tinha somente a preocupação de encontrar um método, mas também de aperfeiçoá-lo constantemente em função das novas necessidades com as quais se deparava em sua trajetória intelectual. Contudo, as superações e os aperfeiçoamentos metodológicos não desconsideravam os métodos utilizados em momentos anteriores como o fenomenológico, por exemplo, que foi conservado por Sartre durante toda sua produção para acessar e problematizar os fenômenos por ele estudados.

---

<sup>18</sup> Tal método foi proposto por Lefebvre com o nome Método Regressivo-Progressivo.

Segundo Silva (2006), as mudanças metodológicas identificadas nas obras de Sartre estão relacionadas às situações e problemas com os quais o filósofo se deparou ao longo de sua trajetória de vida e obra, como também aos interlocutores com os quais discutiu. Por isso, para conhecer os métodos utilizados pelo filósofo – e aqui, em especial, o Método Progressivo-Regressivo – é imprescindível nos apropriarmos não só do conjunto de sua obra, mas também de aspectos de sua vida<sup>19</sup>.

Jean-Paul Sartre foi um filósofo, romancista, dramaturgo, crítico literário, crítico de arte e militante político que viveu praticamente todo o século XX. Nasceu em 21 de junho de 1905, em Paris, cidade onde também veio a falecer em 15 de abril de 1980, aos 74 anos. Sobre o início e o fim de sua vida, Sartre (1964/2018, p. 31) afirmou: “comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No gabinete do meu avô, havia-os por toda a parte (...) eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas”.

A leitura de biografias sobre Sartre, incluindo sua autobiografia intitulada *As Palavras* (1964), permite-nos perceber que desde muito cedo – por influência de seu avô materno que era professor e o criou após a morte precoce de seu pai – Sartre teve contato com os grandes clássicos da literatura francesa. Segundo a biógrafa Cohen-Solal (2008, p. 59), desde os 10 anos de idade Sartre “lê os autores, passa a conhecê-los a fundo, faz amizade com eles, dirige-se a todos com a maior naturalidade, com a facilidade de quem não admite obstáculos, sentindo-se imediatamente em pé de igualdade com os gênios”. Nesta mesma idade, Sartre ganhou aquilo que viria a ser seu instrumento de trabalho de toda uma vida: uma máquina de escrever,

(...) daí em diante, a escrita tornou-se uma espécie de obsessão, uma atividade fundamental: escrevia horas a fio, sem cessar. Mesmo quando feito prisioneiro, na guerra, Sartre deu jeito de convencer seus carcereiros a deixá-lo escrever, produzindo, nesse ambiente, alguns de seus romances, peças teatrais e elaborando aspectos de sua filosofia. (Schneider, 2002, p. 27)

Essa postura de igualdade e naturalidade ao dialogar com os interlocutores esteve presente em toda a trajetória intelectual de Sartre. Como pode ser percebido em suas obras, foi influenciado e, ao mesmo tempo, problematizou contribuições de autores fundamentais de sua época. Todavia, seus questionamentos não se restringiam a alguns autores específicos e, sob influência de Edmund Husserl, buscou problematizar a ciência psicológica como um todo, reformulando-a em moldes diversos daqueles que a embasavam até então e que se pautavam em concepções racionalistas, subjetivistas e deterministas (Schneider, 2002). Sobre isso,

---

<sup>19</sup> Para um maior aprofundamento sobre a biografia do filósofo, sugerimos a seguinte leitura: Cohen-Solal, A. (2008). *Sartre*. (M. Persson, trad.). 2.ed. Porto Alegre, RS: L&PM.

Beauvoir (1960/1984, pp. 52-53), companheira de Sartre, afirmou: “à psicologia analítica e empoeirada que ensinavam na Sorbonne, ele [Sartre] desejava opor uma compreensão concreta, logo sintética, dos indivíduos” (grifos da autora).

Apesar de ter se tornado mais conhecido por suas obras filosóficas, Sartre foi um pesquisador sistemático da Psicologia que, naquele momento, era estudada nos cursos de Filosofia, Pedagogia e Medicina. Foi somente em 1947 que o curso de Psicologia, voltado para a formação de psicólogos/as, foi implantado na França. Entretanto, já na década de 1920, Sartre se dedicava ao estudo desta ciência em seu curso de Filosofia na *École Normale Supérieure*, uma das instituições de ensino superior mais prestigiadas da França (Schneider, 2002).

Segundo Schneider (2002), esse interesse de Sartre pela Psicologia o colocou nos trilhos da Fenomenologia que, ao defender que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, que é sempre relação com a exterioridade, veio ao encontro da ambição de Sartre de compreender a realidade humana de maneira diferente daquelas que predominavam em sua época, ora abstratas e desvincilhadas da realidade, ora mecanicistas e causalistas. A partir do encontro com esta corrente filosófica, Sartre passou então a conceber fenomenologicamente o homem, “tomando-o como exterioridade, que se constrói sempre fora de si, em seus arredores, em seu horizonte existencial, em suma, na interação com o mundo” (Mendes-Campos, 2015, p. 22).

Tal concepção de homem jamais foi abandonada ao longo da obra de Sartre. Esteve presente na ontologia quando recorreu à noção de “ser-no-mundo” de Heidegger, mas, foi somente na década de 60, após a aproximação com o marxismo, que Sartre defendeu com mais profundidade o caráter histórico e dialético da constituição humana.

Esta perspectiva histórica e dialética da constituição humana adotada e aprofundada por Sartre em *Questão de Método* (1960) e *Crítica da Razão Dialética* (1960), defende que o sujeito “se constrói em seu contexto histórico, a partir das condições objetivas de sua situação e que, subjetivamente, mantém e supera esta sua condição” (Zanella *et al.*, 2006, p. 22).

Assim, nesta perspectiva histórica, o homem se constitui a partir da relação dialética entre objetividade e subjetividade, o que significa dizer que o homem nasce em uma determinada realidade objetiva – histórica, social, econômica, política, cultural, familiar, etc. – e, ao longo do seu existir, apropria-se desta realidade objetiva, tornando-a subjetiva. Na sequência, ao assimilar esta realidade, ele a significará à sua maneira. É por isso que a perspectiva sartriana defende que não há uma subjetividade absoluta, mas sim uma subjetividade objetivada que se objetiva novamente através da práxis do sujeito.

Nesse sentido, é a partir do movimento de apreensão do mundo pelo sujeito e sua ação sobre ele, isto é, de subjetivação da objetividade e objetivação da subjetividade, que cada sujeito irá constituir-se singularmente, construir a sua própria história e a história coletiva que, segundo o existencialismo sartriano, é obra da pluralidade das ações práticas de todos os homens. Tal perspectiva histórica e dialética de constituição humana adotada por Sartre evidencia a práxis individual como experiência original de toda dialética possível, incluindo a dialética histórica, uma vez que conforme mencionado pelo próprio filósofo, sem homens vivos não há história.

Percebemos, a partir de uma perspectiva existencial sartriana, que o homem é concebido de maneira concreta, já que não pode ser compreendido fora de sua situação; relacional, pois está em constante relação com seus arredores; como um produto, na medida em que subjetiva as objetivações deixadas pelas gerações passadas, tornando-se, assim, expressão de sua época; e produtor, pois ao agir sobre o mundo objetiva-se nele e participa da construção da história e dos contornos coletivos.

Afastando-se de concepções exclusivamente subjetivistas ou universalistas, Sartre defendeu uma concepção de homem que contém em si as esferas da subjetividade e da objetividade, que é simultaneamente singular e universal,

afinal, um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo de universal singular: totalizado e, por isso mesmo, universalizado por sua época, ele a retotaliza ao reproduzir-se nela como singularidade. Universal pela universalidade singular da história humana, singular pela singularidade universalizante de seus projetos, ele exige ser estudado a um só tempo pelas duas pontas. (Sartre, 1971/2013, p. 7)

Sartre entendia que esta forma de conceber a realidade humana exigia um método apropriado que, diferente daqueles que ora recaiam no subjetivismo, ora no universalismo, transitasse entre o singular e o universal, entre o indivíduo e a história, entre a biografia e o social, entre o homem e o mundo e, desta forma, contemplasse o caráter histórico e dialético da constituição humana.

Foi nas contribuições do filósofo marxista Henri Lefebvre que Sartre encontrou este método: o Método Progressivo-Regressivo, o qual foi colocado em prática pelo filósofo existencialista em seus empreendimentos biográficos que reconstruíam o trajeto de vida e obra de escritores como Baudelaire, Jean Genet, Mallarmé e Flaubert com a finalidade de alcançar uma compreensão antropológica e psicológica dos personagens por ele biografados. De acordo com Schneider (2002, p. 18), “essas biografias expressam, com maior ou menor grau, o conjunto das concepções teórico-metodológicas do existencialista e demonstram a viabilidade de seu método e de sua psicologia”.

Tal método, com seu movimento heurístico de vai e vem do singular ao universal, do individual à história e vice-versa, circunda o objeto de pesquisa pelas duas pontas, uma vez que parte “de situações singulares para compreender o universal e de situações universais para compreender o singular” (Schneider, 2002, p. 18). Em outras palavras, podemos dizer que o Método Progressivo-Regressivo possibilita a compreensão da singularidade enquanto interiorização da universalidade, isto é, a compreensão do homem, de como ele vive o universal no particular e do que faz com o que lhe é imposto sociomaterialmente (Vaccaro, 2014; Freitas, 2018).

Para que se possa chegar a esta compreensão são necessários dois momentos: o regressivo (analítico) e o progressivo (sintético). O momento analítico e regressivo é assim denominado, porque “regride à existência particular de um indivíduo, uma época, um grupo, um sistema social e cultural específico” (Perdigão, 1995, p. 178). Apesar de não ser suficiente por si só, é o primeiro momento de uma reconstrução sintética, portanto, indispensável, afinal, tal como afirma Sartre (1960/1987, p. 172), “nada pode ser descoberto se, de início, não chegarmos tão longe quanto nos for possível na singularidade histórica do objeto”. É somente a partir deste primeiro momento que podemos lançar mão do movimento progressivo e sintético que visa alcançar a síntese (o projeto), ou seja, aquilo que a pessoa fez com o que foi feito dela, a nos permitir “considerar em cada caso o papel do indivíduo no acontecimento histórico” (Sartre, 1960/1987, p. 168).

Segundo Ferrarotti (1991, p. 173),

A junção desse duplo movimento significa construção exaustiva das totalizações recíprocas que exprimem as relações dialéticas e mediadas entre uma sociedade e um indivíduo específico. O conhecimento integral de um torna-se assim o conhecimento integral do outro. O coletivo social e o singular iluminam-se reciprocamente.

Contudo, é importante ressaltar que tais compreensões, decorrentes das análises e sínteses, não devem ser vistas como saberes totalizados sobre o objeto em estudo, mas como totalizações-em-curso, ou seja, como totalizações provisórias e inacabadas pois, tal como afirma Zanella *et al.* (2006, p. 24) “sendo possível falar em produção de verdades, estas só podem ser estabelecidas e compreendidas de forma relativa, já que, por serem dialéticas, elas se fazem ‘devindas’, num processo de *totalização*, *destotalização* e *retotalização*” (grifos dos autores).

Será neste método, com seu movimento analítico-regressivo e progressivo-sintético, que encontraremos a inspiração para conduzir não só a realização da fase de campo da presente pesquisa, que engloba a realização de entrevistas e discussão decorrente delas, mas

também norteará todo o processo de construção do conhecimento sobre o tema, que se dará também a partir deste mesmo movimento.

Sendo assim, buscaremos no primeiro momento da tese realizar o movimento analítico-regressivo que nos aproximará dos aspectos relativos à *universalidade*, ou seja, aspectos históricos, sociais e culturais que podem estar envolvidos nas diferentes formas de expressão e vivência do luto. Isso porque, tal como aponta Mendes-Campos (2015, p. 26), “pensando sartrianamente, o estudo do panorama universal que compõe os arredores do objeto em questão é, igualmente, parte do método”.

Recorreremos à história para compreender como a morte e o luto foram vivenciados ao longo da história ocidental, a partir da Idade Média até os dias atuais, identificando as transformações ocorridas em cada período que culminaram em uma nova forma de expressão do pesar pela morte de um ente querido, agora não somente no ambiente doméstico e familiar, mas também no ambiente virtual. Acreditamos ser importante realizar este resgate histórico, tendo em vista que podemos encontrar presentes nas formas contemporâneas de experienciar o luto aquelas produzidas historicamente.

Ainda realizando o movimento regressivo, buscaremos compreender também os aspectos históricos, sociais e culturais que contribuíram para a construção do ciberespaço como um *locus* privilegiado para a objetivação da subjetividade, uma vez que, cada vez mais, as pessoas têm deixado marcas de si neste espaço e até mesmo rastros digitais que transcendem o tempo e a morte.

Se num primeiro momento nos aproximamos de aspectos relativos à universalidade, assim como mencionado anteriormente, em um segundo momento buscaremos captar aspectos relativos à *singularidade* através da realização de entrevistas semi-dirigidas com pessoas que buscam/buscaram as redes e mídias sociais virtuais (*blogs, Facebook, Twitter, Instagram, etc.*) frente à situação de perda de um ente querido:

(...) buscando perceber a interação que se expressa na maneira pela qual cada um realiza o universal em sua vivência particular, ao mesmo tempo, em que colabora, através de suas escolhas, para a construção do universal, servindo, assim, de suporte para o coletivo. (Mendes-Campos, 2015, p. 26)

Esta interação entre universal e singular que será visada nas entrevistas foi claramente explicada por Combinato e Queiroz (2006), quando afirmam que

No caso da morte, em cada tempo e cultura existe um significado atribuído a ela. Inicialmente, esse significado é externo ao indivíduo, pertencendo à cultura. À medida que esse significado é internalizado, transforma-se num instrumento subjetivo da relação do indivíduo consigo mesmo. E assim, o significado externo adquire um sentido pessoal para o indivíduo. Em outras palavras: os conteúdos externos presentes

na realidade objetiva têm significados construídos socialmente por outras gerações, outros homens. Através da atividade e das relações sociais que se estabelece com o meio, o indivíduo internaliza estes conteúdos e significados a partir de sua própria experiência e história de apropriações (ou seja, sua subjetividade). Dessa maneira, o conteúdo que tinha um significado externo (...) adquire um sentido pessoal, singular, único para cada pessoa. (p. 214)

Tendo isso em vista, a entrevista será composta por questões disparadoras que permitem aos/as entrevistados/as refletir sobre a forma como interiorizaram saberes sobre o luto, como os significaram e como expressam sua experiência.

A análise das falas das entrevistas será realizada a partir dos momentos e movimentos preconizados pelo Método Progressivo-Regressivo. No primeiro momento da discussão – analítico e regressivo – buscaremos descrever brevemente as falas dos entrevistados para, com isso, buscar nos aproximar do modo singular com que cada um vivencia suas perdas e lutos no ambiente virtual e, conseqüentemente, nos distanciar de qualquer possibilidade de compreensão abstrata sobre a vivência do luto no ambiente virtual.

A opção pela descrição das falas dos entrevistados também segue a recomendação de Sartre (1960/1987), isto é, de que ao estudarmos um fenômeno humano como o luto, por exemplo, precisamos dar voz àqueles que o vivenciam. Nas palavras do filósofo:

(...) a ação e a vida do homem que devemos estudar não podem reduzir-se a estas significações abstratas, a estas atitudes impessoais. É ele, ao contrário, que lhes dará força e vida pela maneira pela qual se projetará através delas. Convém, pois, voltar ao nosso objeto e estudar suas declarações pessoais (...). (Sartre, 1960/1987, p. 171)

Após a descrição das entrevistas, realizaremos o movimento progressivo, que nos permitirá chegar a sínteses ou, como diria Sartre (1960/1987), a unificações sintéticas que articulem os aspectos universais trabalhados nos Capítulos 1 e 2 com as descrições singularizadas dos entrevistados sobre suas vivências de perdas e lutos no ambiente virtual.

Ressaltamos que a separação entre aspectos universais e singulares em capítulos distintos se dará unicamente para fins didáticos. Por isso, tais capítulos não devem ser considerados separadamente, sob o risco de se recair ora em um subjetivismo, ora em um universalismo – ambos criticados por Sartre. Estes capítulos devem ser considerados a partir do movimento de “vai e vem” do singular ao universal, do individual à história, como proposto por Sartre (1960/1987). Pois, “o singular só existe através da maneira pela qual cada um particulariza o universal e, ao mesmo tempo, o universal só existe através da maneira pela qual cada um universaliza singularmente sua vivência” (Mendes-Campos, 2015, p. 22).

Construir a tese a se iniciar pela dimensão universal não significa que a análise das entrevistas será determinada por esses conhecimentos. Estes servirão de orientação dos

saberes históricos para identificar falas dos/as entrevistados/as que, por ventura, o(s) tenham como condicionantes de suas expressões do luto. Nas falas em que não forem reconhecidos seus condicionantes históricos, podemos identificar sua contemporaneidade e considerar que ainda não foram reconhecidas pela Psicologia. Tal procedimento ratifica um dos nossos objetivos com a pesquisa, quer seja o de produzir novos conhecimentos sobre as formas de expressão do luto na contemporaneidade.

## CAPÍTULO 1- DA IDADE MÉDIA À IDADE DA “MÍDIA”: A HISTÓRIA DA MORTE E DO LUTO NA SOCIEDADE OCIDENTAL

“A morte nos ensina a transitoriedade de todas as coisas”.  
(Felice Leonardo Buscaglia)

Sabemos que atualmente, em nossa sociedade ocidental, os fenômenos da morte e do morrer assombram as mentes e reflexões (Nardi, 2009). Poderíamos até mesmo apostar que praticamente todas as pessoas, em algum momento da vida, já foram censuradas por terem falado sobre a morte. Algo que, como bem aponta Ariès (2012, p. 40), nos “amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer o seu nome”. É comum ouvirmos alguém dizer “*vamos parar de falar sobre ‘isso’!*” quando o assunto é a finitude de nossa existência.

Hoffmann (1993) destaca que por mais que a morte seja inevitável ou, como popularmente se diz, seja a única certeza que temos na vida, ela é vista como algo inconcebível que precisa, no mínimo, ser adiada. Contudo, as contribuições de Ariès (2012) em seu livro *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* nos demonstram que esta concepção que temos da morte atualmente não esteve presente em todos os momentos históricos, mas se transformou ao longo do tempo.

Tal ideia foi também evidenciada por Combinato e Queiroz (2006), ao afirmarem que (...)  
o ato de morrer, além de um fenômeno biológico natural, contém intrinsecamente uma dimensão simbólica, relacionada tanto à psicologia, como às ciências sociais. Enquanto tal, a morte apresenta-se como um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto sócio-cultural [*sic*] e histórico em que se manifesta. (p. 209)

Em seu livro, Ariès (2012) mostra-nos que durante a Idade Média havia uma familiaridade com a morte. Isso significa que ela era vista como natural e até mesmo esperada pelo moribundo que, por signos naturais ou por uma convicção íntima, era advertido sobre a sua finitude e logo tratava de organizar os rituais característicos deste momento. Esses rituais – lamento da nostalgia da vida, pedido de perdão dos companheiros, a prece, o gesto dos penitentes e absolvição sacramental – “eram aceitos e cumpridos de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoções excessivos” (Ariès, 2012, p. 40). A consciência da proximidade da morte gerava revolta, porém, essa revolta não assumia a forma de uma recusa, uma vez que havia, naquele momento, uma aceitação da ordem da

natureza, ou seja, a morte era vista como o destino coletivo da espécie. Aceitava-se o fato de que morremos todos.

Segundo o autor,

(...) com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem em exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor. (Ariès, 2012, p. 50)

Esta forma de lidar com a morte estava relacionada à indiferenciação que havia entre os seres humanos e a natureza. Isso porque, na época, “os seres humanos, os animais, os elementos da flora, a terra, as águas eram considerados, todos, como criados por Deus e, portanto, iguais e igualmente dependentes da vontade divina” (Tomanik, 2009, p. 39). A explicação sobre a origem e o destino da humanidade e do mundo era pautada na crença e na fé. Por isso, não era passível de questionamentos. Chauí (1995, p. 113) destaca que “os primeiros filósofos cristãos e medievais afirmaram que podemos conhecer a verdade, desde que a razão não contradiga a fé e se submeta a ela no tocante às verdades últimas e principais”.

Assim como a relação entre o mundo terreno e o mundo divino, a relação entre os seres humanos também era hierarquizada, estática e preestabelecida por fatores que não podiam ser escolhidos, alterados ou questionados por eles próprios. Segundo Tomanik (2009, p. 38),

(...) os servos eram vistos como dependentes das vontades dos nobres; estes, por sua vez, eram dependentes da vontade do clero e os membros da Igreja (ao menos por suposição) eram dirigidos pelas vontades de Deus. Portanto, o destino, os direitos, as ações e os sentimentos de cada um eram considerados como processos sobre os quais eles próprios possuíam pouco ou nenhum controle.

Percebemos, com isso, que predominava naquele momento uma concepção de sujeito predeterminado por sua posição social, cuja fonte de referência era a ordem divina. Tais concepções de homem e de mundo hierarquizadas, estáticas e preestabelecidas por instâncias sobrenaturais e superiores, além de estarem a serviço de um modo de produção que não permitia aos indivíduos se moverem socialmente, mantinham perfeita sintonia com a concepção sobre a morte, também inquestionável por fazer parte dos desígnios de Deus.

Devido à familiaridade com a morte, o local predominante para o seu acontecimento era o ambiente doméstico. Morria-se em casa, no leito, cercado por familiares, amigos e vizinhos, o que fazia da morte um acontecimento público e social do qual até as crianças eram autorizadas a participar. Até o século XVIII, não havia qualquer representação artística de um quarto de moribundo sem a presença de alguma criança (Ariès, 2012), o que em muito difere

do que presenciamos em nossos dias, já que atualmente as crianças são constantemente afastadas das cerimônias fúnebres (velórios, sepultamentos, missas, etc.). É comum, hoje em dia, encontrarmos famílias que procuram auxílio profissional por não saberem como dialogar sobre a morte com uma criança ou como comunicar a morte de alguém significativo para ela.

O fato de a morte ser um acontecimento público e social guarda relações com o modo de produção daquele período. Isso porque, na Idade Média, a economia era de subsistência, ou seja, não havia a produção de excedentes e, conseqüentemente, não havia trocas comerciais. Produzia-se para o consumo imediato pelo próprio feudo, sendo que uma parte da produção era destinada à subsistência dos servos e de suas famílias e a outra (e maior) parte era destinada aos senhores. A organização social do trabalho era baseada na coletividade, pois tudo aquilo que era produzido em um feudo era propriedade comum a todos que dele faziam parte.

Sendo assim, considerando que a vida material de uma sociedade condiciona a forma de pensamento, podemos compreender que não era somente a religião, a crença e a fé que definiam a ideia sobre a morte, mas também o modo de produção vigente contribuía para que ela fosse encarada como um fenômeno que deve ser vivenciado no âmbito coletivo.

Esta concepção da morte que esteve presente durante uma longa série de séculos foi chamada por Ariès (2012) de “morte domada”, não pelo fato de que em momentos anteriores a morte tenha sido selvagem e tenha deixado de sê-la, mas por ter se tornado selvagem após este longo período de familiaridade.

A partir do século XIX, a visão e a interação com a morte mudaram radicalmente. Para Ariès (2012, p. 84), “a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição”. Esta exclusão social da morte fez com que a mesma se tornasse um tabu, substituindo a sexualidade como principal interdito. Nos dias de hoje vemos profissionais da educação, por exemplo, trabalharem educação sexual com os seus alunos, mas sentem-se despreparados para lidar com situações de morte que podem estar presentes no cotidiano escolar, conforme aponta Kovács (2005).

Essa interdição da morte está relacionada a diversos fatores, como: o desenvolvimento do capitalismo e das sociedades industriais e suas características peculiares – produção de excedentes, surgimento da classe trabalhadora assalariada, propriedade privada, estabelecimento de trocas comerciais, etc.; o advento da modernidade; o surgimento da nova forma de organização social do trabalho dividida em funções e tarefas que contribuiu para a fragmentação do coletivo; a invenção da noção de indivíduo, inexistente até então nas sociedades pré-capitalistas; o desenvolvimento técnico e científico da medicina que, apesar de

ser considerado uma conquista, fez com que a morte passasse a ser vista como sinônimo de fracasso e impotência, somada à revolução higienista que defendia a ideia de que o contato com os mortos poderia ser fonte de perigo, contaminações e doenças (Combinato & Queiroz, 2006).

No Brasil, especificamente, tal interdição foi movida “pelo medo causado pelas epidemias que tomaram de assalto as cidades brasileiras nas últimas décadas do [século] dezanove, e pelo discurso das autoridades sanitárias de controle à saúde pública e pessoal” (Koury, 2002, p. 82., grifos do autor). Logo, os mortos, que anteriormente eram enterrados próximos às igrejas, foram cada vez mais afastados do meio urbano devido ao risco de contaminação que representavam. A história dos cemitérios nas sociedades ocidentais demonstra que a relação entre vivos e mortos se transformou ao longo da história, sendo marcada ora por proximidade, ora por distanciamento.

Se na Idade Média o moribundo era advertido sobre a proximidade de sua morte e organizava os rituais do final da vida, a partir do século XIX passou-se a ocultar a gravidade do estado do moribundo a fim de poupar-lhe do sofrimento e, igualmente, poupar os profissionais que os tem sob seus cuidados de lidarem com a impotência e com o fracasso de sua ciência em curá-lo. Com isso, busca-se

(...) evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo. (Ariès, 2012, p. 85)

De acordo com Silva (2007), a sociedade ocidental tornou-se uma sociedade cujo sofrimento, a falta, a dor, a angústia, ou seja, fatos que são intrínsecos a vida humana, devem ser evitados. A autora aponta ainda que desejamos viver como super-heróis, vivenciando somente alegrias. Esquecemos que a vida também é feita de dor, sofrimento, feiura e assim buscamos distanciar constantemente aquilo que nos desagrada.

A prática de esconder do moribundo e das pessoas que o cercam a gravidade de sua patologia e a possibilidade da finitude tornou-se tão comum nos contextos hospitalares que recebeu, dentro da Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos, a denominação de “conspiração do silêncio”. Esta ocorre quando “a verdade sobre a doença é omitida num acordo silencioso entre paciente e familiares como forma de proteção mútua e defesa contra a desestruturação emocional” (Saporetti, Andrade, Sachs & Guimarães, 2012, p. 50). Além disso, não se pode deixar de considerar que a conspiração do silêncio é uma forma de proteger não só os pacientes e familiares de uma possível desestruturação emocional, mas também os

profissionais da saúde, os quais, por serem treinados para curar, não se sentem técnica e emocionalmente preparados para comunicar aos pacientes e familiares a impossibilidade da cura e a proximidade do fim, já que, para eles, a morte geralmente denuncia o fracasso da ciência da qual são representantes.

Apesar de ser ainda muito presente em nossos dias, a falta de preparo dos profissionais de saúde para lidar com a morte pode ser considerada uma herança dos pensamentos que surgiram na transição entre o período medieval e moderno, e que possibilitaram aos seres humanos se verem como diferentes dos demais elementos naturais, como seres únicos, dotados de racionalidade, direitos e que independem de ordem externa para se tornar alguém. Ou seja, pensamentos que possibilitaram o reconhecimento da instância individual do homem na sociedade. Segundo Tomanik (2009, p. 40),

Como parte daquela transição, pensadores como Bacon (...) passaram a negar as concepções de que o homem e a natureza eram geridos por entidades imateriais e sobrenaturais e que deveriam manter-se submissos a elas. Em contraposição, preferiam considerar a natureza como submetida às suas próprias leis e supor que o desvendamento progressivo dessas leis possibilitaria ao Homem, cada vez mais, assumir o controle sobre as forças naturais e utilizá-las em seu próprio benefício. Com base nessas novas concepções, os seres humanos puderam deixar de ver-se como parte da natureza e colocar-se como potencialmente superiores a ela.

Assim como Bacon, René Descartes (1596-1650) também deixou clara a pretensão que havia naquele momento de conhecer e controlar a natureza ao afirmar que:

É possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis a vida, e que, em lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, é possível encontrar-se uma outra prática, mediante a qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão claramente como conhecemos os vários ofícios dos nossos artífices, poderíamos utilizá-los da mesma forma em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como senhores e possuidores da natureza... poderíamos pôr-nos a salvo de grande número de doenças, quer do espírito, quer do corpo, e talvez até mesmo da debilidade decorrente da velhice, se possuíssemos suficientes conhecimentos de suas causas e de todos os remédios de que a natureza nos dotou. (Descartes, 2000, pp. 86-87)

Notamos que a ciência moderna, ao buscar conhecer, classificar e melhorar cada vez mais a vida das pessoas contribuiu para a exclusão social da morte, uma vez que esta passou a ser vista não mais como um fenômeno intrínseco à existência humana, assim como acontecia na Idade Média, mas como um inimigo a ser evitado a qualquer custo.

Frente à interdição da morte, o local predominante de sua ocorrência alterou-se. Se num momento anterior morria-se em casa, próximo aos familiares e amigos, atualmente o local onde a morte acontece com maior frequência é no ambiente hospitalar, longe da presença dos familiares. Ariès (2012) destaca que a morte deixou de ser uma cerimônia

ritualística presidida pelo moribundo e passou a ser um fenômeno técnico controlado pelo médico e pela equipe hospitalar, que passam a ser “os donos da morte, de seu momento e também de suas circunstâncias” (Ariès, 2012, p. 86). Da mesma forma, os velórios também foram afastados do ambiente doméstico e passaram, em sua maioria, a ser realizados em empresas especializadas em serviços funerários.

Maranhão (1986, citado por Caputo, 2008) aponta que a sociedade ocidental contemporânea tem estabelecido, através de formas culturais, a redução da morte e tudo o que está relacionado a ela no intuito de negar a experiência da mesma. É devido a isso que neste novo momento em que a morte é um tabu, busca-se cada vez mais “reduzir ao mínimo decente as operações inevitáveis, destinadas a fazer desaparecer o corpo” (Ariès, 2012, p. 87). Os velórios e sepultamentos tornam-se cada vez mais rápidos e os enterros dos corpos passam a ser substituídos pela cremação, por razões higiênicas e ecológicas, mas também por esconder a morte na medida em que desaparecem de maneira radical com tudo o que resta do corpo (Silva, 2007; Combinato & Queiroz, 2006).

Se a concepção sobre a morte sofreu alterações ao longo dos tempos, a maneira como reagimos a ela (o processo de luto) também se modificou. Isso porque,

A maneira como reagimos às perdas sofre influências diretas e indiretas, da época, do lugar social, religioso, cultural, econômico e da sociedade em que vivemos. O processo de luto, portanto, não é vivenciado da mesma forma em todas as sociedades, épocas, culturas e indivíduos. Ele sofre modificações à medida que os anos passam, as sociedades mudam e novas formas de relacionamento aparecem. (Gurgel *et al.*, 2011, p. 8)

Ariès (2012) aponta que no final da Idade Média os enlutados tinham a obrigatoriedade de expressar sua dor e seu pesar pela perda de alguém por um determinado período, ainda que tais sentimentos já não estivessem mais presentes. O processo de luto poderia até ser abreviado por alguma situação específica – como um novo casamento, por exemplo –, mas jamais poderia ser abolido. Foi também neste período que surgiram os rituais de resguardo e reclusão, nos quais os enlutados deveriam resguardar sua dor do mundo e, por isso, eram afastados dos cortejos, velórios e de suas atividades cotidianas, permanecendo durante meses ou até anos dentro de casa como forma de impedir o esquecimento demasiado cedo do falecido. Também era comum os enlutados receberem visitas constantes de familiares e amigos que lhes ofereciam apoio.

Naquele momento, havia a validação social dos sentimentos vivenciados frente à morte de alguém, o que contribuía para a experiência de enfrentamento do luto por parte dos

enlutados, já que a falta de suporte social é considerada um fator de risco para o desenvolvimento de luto complicado (Parkes, 1998).

De maneira diversa à Idade Média, que colocava a reclusão e o resguardo como uma obrigatoriedade, no século XIX tais práticas se tornaram voluntárias, os familiares começaram a participar das exéquias e a manifestarem seus sentimentos espontaneamente. Contudo, a mudança mais significativa nas formas de expressar o pesar pela morte de alguém se deu a partir do século XX e início do século XXI. Nesse momento, a maioria dos rituais, como realizar cortejos fúnebres pelas ruas da cidade, tocar os sinos de morte, velar o corpo do ente querido durante 24 horas dentro de casa, vestir roupas pretas, distribuir lembrancinhas de morte (os “santinhos”) e incluir faixas em frente a estabelecimentos indicando o luto começou a ser extinta e os poucos rituais que se mantiveram presentes prestavam-se mais a oportunizar ao enlutado o retorno à vida produtiva, do que a contribuir para a ressignificação de sua perda (Gurgel *et al.*, 2011).

Gradativamente o luto foi deixando de ser visto como um tempo necessário e passou a ser encarado como algo condenável, como um estado mórbido que diz respeito apenas ao enlutado e que deve ser abreviado, tratado e apagado. Não se pode mais expressar o pesar, o luto deve ser vivenciado às escondidas, devendo o enlutado demonstrar pouca ou nenhuma comoção. Não raro ouvimos comentários depreciativos, geralmente realizados com um tom de julgamento, a pessoas que expressam seus sentimentos nas cerimônias fúnebres, como “*você precisa ser forte, não pode chorar desse jeito, seu familiar não gostaria de vê-lo assim*”. Atualmente, também vemos muitos enlutados recorrerem a psicotrópicos para conter as emoções nessas cerimônias e evitar o sofrimento excessivo e os julgamentos alheios.

De acordo com Ariès (2012, p. 87):

(...) uma dor demasiado visível não inspira pena, mas repugnância; é um sinal de perturbação mental ou de má-educação, é mórbida.... só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso.

Não se pode deixar de mencionar que a falta de apoio e suporte aos enlutados, característica de nosso tempo, relaciona-se a um fenômeno que teve início em outro momento histórico: o surgimento da noção de indivíduo. De acordo com Tomanik (2009, p. 42), “associada ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, a mesma noção foi, também, responsável pelo rompimento de processos de solidariedade, o isolamento e a competição desenfreada”. Diferente da Idade Média, onde as relações sociais eram baseadas na coletividade, em laços de parentesco e de solidariedade, a sociedade capitalista pressupõe uma nova forma do homem ser e se relacionar. Afinal, se cada um é livre, independente, autônomo

e capaz de realizar-se a partir de suas próprias potencialidades e interesses, a lógica que prevalece é a do cada um por si e ninguém por todos.

Esta interdição do luto demonstrada por Ariès (2012) foi percebida também pelo antropólogo brasileiro Mauro Guilherme Pinheiro Koury (2002; 2003; 2014) em pesquisa realizada com habitantes das 27 capitais de estados do Brasil. Nesta, o autor buscou, por meio da aplicação de questionários e entrevistas, compreender as atitudes e comportamentos da classe média urbana brasileira em relação ao fenômeno do luto a partir dos anos 70 do século XX.

No que diz respeito ao questionamento sobre como deve ser o comportamento de uma pessoa que sofreu uma perda, 77,60% das respostas dos participantes da pesquisa afirmaram que deve “*ser discreto*”; 15,34% disseram que se deve “*seguir a tradição*” e 7,06% das respostas foi de que “*não existe comportamento ideal*”. Já com relação ao questionamento de como deve ser o comportamento dos outros em relação às pessoas que sofreram uma perda, 72,01% das respostas foi “*não importunar*”, 18,71% foi “*dar apoio*” e 9,28% foi “*depende do caso*” (Koury, 2014).

Estes números evidenciam que a classe média urbana brasileira, em sua maioria, considera que tanto aqueles que sofreram a perda, quanto às pessoas que os cercam devem agir com discrição, “tanto na brevidade das visitas e nas formas de demonstração de solidariedade, quanto no distanciamento tático, nas relações sociais” (Koury, 2002, p. 85). Isso ocorre porque, no Brasil atual, há uma tendência ao que Koury (2002) chamou de escamoteamento da expressão pública dos sentimentos. Com isso, reprovase e evita-se a expressão pública dos sentimentos e, especialmente, daqueles envolvidos em um processo de luto.

Reverbera a ideia de que a demonstração pública da dor decorrente de uma perda possa contaminar as demais pessoas com a presença da morte e do sofrimento alheio. Devido a isso, todo e qualquer tipo de demonstração pública de afetos é condenada, o que contribui para tornar o processo de luto uma vivência solitária, unicamente privada e que se realiza apenas “na subjetividade dos sujeitos que a vivenciaram, como uma relação individual e, deste modo, não social” (Koury, 2002, p. 78). Algo que se difere de outros momentos já citados anteriormente, nos quais os enlutados recebiam visitas constantes de pessoas da comunidade e podiam expressar seus sentimentos sem serem censurados por isso.

Nas palavras de Koury (2014, p. 602):

O ritual vem sendo suprimido ou abreviado de tal forma, que apenas deixa aparente, no caso das cerimônias fúnebres, o essencial e higiênico da configuração da morte e

do despacho do corpo, e um evitar aparente de sentimentos no lidar com o fato. Quando muito, ele se expressa no interior de uma solidariedade formal e constrangida de ambos os lados da relação, entre o que sofreu a perda e os outros.

É possível perceber que não foram só os mortos que passaram a ser evitados por serem vistos como fonte de contaminação, mas também aqueles que ficam e choram pelos que se foram. É comum nos depararmos com pessoas, dentro e fora dos consultórios de psicologia, que se queixam dos comentários pejorativos que ouviram por estarem enlutadas, por exemplo, “*nossa, mas você ainda está chorando? Acho que está com depressão!*” ou “*você ainda não conseguiu voltar para o trabalho?*”; ou também comentários que trazem a ideia de que aquele que faleceu deveria ser esquecido e substituído o mais breve o possível, “*não se preocupe, já você irá se casar de novo*” ou “*você já deveria ter outro filho*”. Tais expressões sugerem o quão difícil é para as pessoas lidarem com a angústia e o vazio que a morte provoca, e a impotência de não poder tirar a dor do outro trazendo o ente de volta. Além disso, são falas que têm um valor maior para aqueles que as dizem, do que para aqueles que as ouvem.

Na direção oposta a este contexto de interdição do luto e com vistas a transcendê-lo, os enlutados passaram a utilizar um novo espaço para expressarem seus sentimentos em relação às suas perdas: o ciberespaço que, segundo Lévy (1999), consiste em um espaço não físico ou territorial, composto por um conjunto de redes de computadores, um “*universo oceânico de informações... assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo*” (Lévy, 1999, p. 17).

É justamente sobre este novo espaço que voltaremos nossa atenção no capítulo seguinte, buscando compreender os aspectos históricos, sociais e culturais que contribuíram para a sua construção enquanto *locus* privilegiado para a vivência do luto na atualidade.

## CAPÍTULO 2- O SURGIMENTO DA *INTERNET* E SEUS IMPACTOS NA VIDA E NA MORTE

*“A morte encerra uma vida não um relacionamento”.*  
(Mitch Albom)

Falar da *internet* como uma tecnologia revolucionária pode não fazer mais tanto sentido para uma parte dos leitores deste trabalho e, certamente, não fará quase nenhum sentido para as próximas gerações. Afinal, lá se vão quase trinta anos da sua difusão junto à população geral, tempo que parece ter sido suficiente para a sua naturalização; da mesma forma que aconteceu com a energia elétrica, que teve seu uso naturalizado e perdeu a visibilidade e o fascínio de seus primeiros momentos de existência, a ponto de não mais atentarmos para sua qualidade de “tecnologia” (Nicolaci-da-Costa, 2006), a não ser em sua ausência, quando ela nos falta.

Há algum tempo não nos surpreendemos quando tocamos o interruptor e acendemos a luz. Da mesma forma, encontrar crianças em idade pré-escolar ainda não alfabetizadas, manuseando *smartphones*, acessando aplicativos de jogos e buscando seus vídeos preferidos no *YouTube* já não nos causa mais tanto estranhamento. Frequentemente nos deparamos com bebês rolando seus dedinhos nas telas com tamanha destreza que nos dá a impressão de que nasceram com a habilidade de utilizar a *internet*. Todavia, a história da *internet* nos mostra que seu uso não foi visto sempre desta forma que o vemos hoje.

Para abordar sobre o surgimento da *internet* precisamos, antes de tudo, nos lembrar de outros dois marcos de grande importância na história das tecnologias digitais: o da criação dos computadores de grande porte e dos microcomputadores, os quais, assim como a *internet*, também foram desenvolvidos nos Estados Unidos – país pioneiro e protagonista na criação e uso destas tecnologias (Leitão, 2002).

Os primeiros computadores de grande porte foram desenvolvidos entre o início dos anos 40 e final dos anos 60, por cientistas norte-americanos que buscavam criar máquinas para serem utilizadas com fins militares. Para isso, as máquinas deveriam funcionar como um modelo reduzido do cérebro e do pensamento humano, muito embora apresentassem grandes proporções e chegassem a ter 3 metros de altura e pesar 30 toneladas, como o ENIAC, desenvolvido em 1946 nos Estados Unidos (Breton, 1987; Leitão, 2002).

Segundo Leitão (2002, p. 51),

(...) as finalidades militares e o contexto político da época (marcado consecutivamente pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Fria) faziam com que quase toda a

população americana fosse mantida à distância. Tudo era cercado de muito sigilo e as poucas informações que vazavam – mistura de realidade e fantasia – incutiam o medo em grande parte dessa população. Temia-se o poder de destruição dessas novas máquinas e o controle que estas poderiam exercer sobre as pessoas.

O temor e a desconfiança que as pessoas sentiam com relação aos computadores – retratados até hoje em diversos filmes, séries e documentários<sup>20</sup> que demonstram de maneira mais ou menos realista os impactos que as tecnologias digitais podem trazer para a vida das pessoas e para o futuro da humanidade – começaram a se dissipar a partir da década de 1970, quando o objetivo de comercialização dos computadores foi ganhando espaço em detrimento dos objetivos militares.

Para que a comercialização dos computadores no mercado civil pudesse acontecer, algumas mudanças foram necessárias, como a redução dos custos de fabricação para que o preço de venda pudesse ser mais acessível aos consumidores; a adaptação dos programas para as necessidades dos novos clientes que, geralmente, eram as grandes empresas; e a diminuição do tamanho das máquinas para facilitar sua inclusão em diversos ambientes. Todas estas mudanças contribuíram para mais um avanço tecnológico: a criação do microcomputador que, nos Estados Unidos no início da década de 1980, já tinha seu uso difundido na esfera profissional (Leitão, 2002).

A difusão dos microcomputadores, mesmo que inicialmente nos ambientes organizacionais, contribuiu para dissipar ainda mais o temor, a desconfiança e o pessimismo com relação às novas máquinas. Decorrente disso, a população norte-americana passou a se familiarizar com as novas tecnologias. Essa aproximação entre homens e computadores começou a ser alvo de um tímido interesse por parte da psicologia, o que ficou evidenciado na obra *The second self: computers and the human spirit*, publicada em 1984 pela psicóloga Sherry Turkle, que discutia os impactos subjetivos da difusão dos computadores na esfera profissional (Leitão, 2002).

Paralelo a este momento de adaptação dos computadores para fins de comercialização e do desenvolvimento dos microcomputadores, ou seja, também nas décadas de 1970 e 1980, ocorria o desenvolvimento da *internet* – uma tecnologia que interliga computadores do mundo inteiro dando origem àquilo que Lévy (1999) chamou de ciberespaço, que repercutiu significativamente na vida das pessoas, no mundo e na história na medida em que propiciou o surgimento de uma nova cultura – a cibercultura. Esta consiste em “um conjunto de técnicas,

---

<sup>20</sup> *Jogos de Guerra* (1983), *A Rede* (1995), *Johnny Mnemonic – O Cyborg do Futuro* (1995), *Ameaça Virtual* (2001), *Medo Ponto Com Br* (2002), *Catfish* (2010), entre outros.

de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17).

Apesar de ter se tornado acessível ao grande público somente nos anos 90, as origens da *internet* nos levam ao ano de 1969, quando surgiu a primeira rede de computadores chamada ARPANET, em referência a ARPA – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa Americano que desenvolvia sistemas de comunicação com fins militares, estratégicos e científicos. A ARPANET interligava a agência do governo a quatro universidades norte-americanas e, aos poucos, começou a ser utilizada não só para os fins da ARPA, mas também como via de comunicação entre os cientistas destas universidades (Castells, 2000; Mendes-Campos, 2015).

Frente à dificuldade de “separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e conversas pessoais” (Castells, 2000, p. 83), foi necessário realizar a separação da rede em duas instâncias: uma voltada para finalidades militares e a outra para os projetos científicos, que veio a ocorrer em 1983. Poucos anos depois, no início da década de 1990, a rede foi desvinculada da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada e privatizada, contribuindo para a sua expansão junto ao grande público (Mendes-Campos, 2015).

Nesta mesma época, mais especificamente em 1991, um grupo de pesquisadores da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN), localizada em Genebra, desenvolveu uma das criações mais importantes da história da *internet*: o *World Wide Web* (WWW ou Web). Comumente confundido com a própria *internet*, o *World Wide Web* é um sistema que permite a publicação de conteúdos e o posterior acesso a eles por meio de um *browser* (navegador) como o *Internet Explorer*, *Firefox*, *Google Chrome*, etc.

Este sistema facilitou o acesso dos internautas, permitiu uma nova organização das páginas (Mendes-Campos, 2015), possibilitou o desenvolvimento de ferramentas de comunicação (Orkut, Facebook e Twitter) e o surgimento de grandes empresas, como a *Google* e a *Amazon*, por exemplo.

O resgate da história das tecnologias digitais nos levou às três últimas décadas do século XX e ao contexto norte-americano. Mas, o que dizer do desenvolvimento destas tecnologias no contexto brasileiro? Segundo Leitão (2002), apesar de o Brasil ter iniciado sua trajetória de desenvolvimento da informática importando dos Estados Unidos computadores, *softwares*, equipamentos e até mesmo as interpretações sobre os impactos do uso dos computadores na vida das pessoas, a história das tecnologias digitais no Brasil apresenta características bem distintas da história norte-americana, principalmente no que diz respeito à

cronologia, já que em nosso país os períodos de desenvolvimento destas tecnologias foram mais compactos do que nos Estados Unidos.

De maneira diversa aos Estados Unidos, as décadas de 1950 e 1960 no Brasil não foram marcadas por grandes investimentos no desenvolvimento de computadores. As poucas máquinas disponíveis no país eram importadas dos Estados Unidos e inacessíveis para a maior parte da população brasileira, visto que seu uso era restrito a pesquisadores de algumas universidades e funcionários de alto-escalão de grandes empresas privadas e órgãos governamentais.

Na década de 1970, o Brasil passou a limitar as importações de equipamentos e *softwares* e começou a investir no desenvolvimento de tecnologias nacionais. Foi neste momento, mais especificamente em 1972, que o primeiro computador nacional – batizado de “patinho feio” – foi desenvolvido na escola Politécnica da Universidade de São Paulo por professores e alunos da pós-graduação que integravam o Laboratório de Sistemas Digitais do Departamento de Engenharia Elétrica<sup>21</sup>. Apesar de representarem um avanço tecnológico, as máquinas fabricadas em território nacional tinham qualidade inferior e os preços muito mais elevados do que aqueles desenvolvidos nos EUA, o que dificultava sua difusão junto à população geral e, “na ausência de contato direto com a realidade dos computadores pessoais, o imaginário brasileiro continuava preso ao pessimismo e ao medo de que essas máquinas destruíssem ou dominassem a humanidade” (Leitão, 2002, p. 57).

No início da década de 1990, com a liberação das importações de *hardware* e *software*, os preços ficaram mais acessíveis e os brasileiros puderam ter acesso aos microcomputadores já amplamente utilizados como ferramenta de trabalho nos Estados Unidos. Simultaneamente, a *internet* também passou a ser utilizada no país; primeiro, nos contextos acadêmicos; e depois, pela população geral quando seu uso comercial foi liberado em 1995. Diferente dos norte-americanos, os brasileiros foram apresentados aos microcomputadores e à *internet* praticamente ao mesmo tempo (Leitão, 2002).

Nesse sentido, percebemos que na última década do século XX, tanto a população norte-americana quanto a brasileira se tornaram usuárias da *internet* que, nesse momento, exercia grande fascínio e encantamento, principalmente pela sua capacidade de conectar pessoas geograficamente distantes. As salas de bate-papo *online*, também conhecidas como *chats*, se tornaram uma verdadeira febre entre pessoas de todas as idades que, sob a proteção

---

<sup>21</sup> Para mais informações, sugerimos o documentário que conta a história do desenvolvimento do “Patinho Feio”, o primeiro computador fabricado no Brasil, disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=wQ22Ymo0Spk>.

do anonimato e utilizando apelidos – *nicknames* –, estabeleciam relacionamentos virtuais com outros internautas de diferentes cantos do mundo.

Além das salas de bate-papo, outra atividade que despertou grande interesse foi a pesquisa. A possibilidade de adquirir conhecimentos sem recorrer às grandes e pesadas enciclopédias, de conseguir as mais diversas informações em questão de segundos e de conhecer lugares e culturas diferentes sem a necessidade de deslocamento trazia para as pessoas a sensação de liberdade e onipotência.

Do surgimento da *internet* até os dias atuais, seu uso se transformou significativamente. A comunicação teclada perdeu a exclusividade e abriu espaço para as mensagens e chamadas de áudio e vídeo; o desejo de manter-se anônimo, antes tão valorizado pelos internautas, foi substituído pelo desejo de exposição de si e das atividades cotidianas. Os *chats*, embora ainda existentes, perderam espaço para as popularmente conhecidas redes sociais, como o *Orkut* e *Facebook*, que surgiram na primeira década do século XXI e funcionam como verdadeiras “vitrines que pedem e estimulam a divulgação de informações comuns a respeito de nossas vidas” (Mendes-Campos, 2015, p. 67).

De acordo com Mendes-Campos (2015, p. 63),

Nos últimos vinte anos, desde a sua privatização até a atual década de dez, a *internet* se expandiu, se popularizou, as tecnologias avançaram muitíssimo e os preços dos produtos foram barateados permitindo o acesso de milhões e milhões de pessoas em todo mundo ao ciberespaço.

A incorporação da *internet* no cotidiano das pessoas repercutiu nos ambientes acadêmicos, na medida em que chamou a atenção de estudiosos de diversas áreas e, principalmente, das ciências humanas e sociais. Dentre eles, podemos destacar o sociólogo espanhol Manuel Castells que, no primeiro volume de sua trilogia *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (2000) intitulado “A Sociedade em Rede”, analisou as transformações econômicas e sociais associadas à Revolução das Tecnologias da Informação<sup>22</sup>. Segundo o autor, trata-se de um evento histórico da mesma importância que a Revolução Industrial do século XVIII, pois, assim como esta, também introduziu um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura.

Da mesma forma que Castells, Nicolaci-da-Costa (2002b) também se dedicou a estabelecer semelhanças e diferenças entre a Revolução das Tecnologias da Informação, que teve início no século XX, e as Revoluções Industriais que aconteceram nos séculos XVIII e

---

<sup>22</sup> Entende-se por Tecnologias da Informação “o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica” (Castells, 2000, p. 49).

XIX quando da descoberta das fontes inanimadas de energia a vapor e elétrica, respectivamente. Porém, diferente do sociólogo que enfatizou as transformações econômicas, sociais e culturais, a autora deu destaque às transformações subjetivas e alertou sobre a importância de a ciência psicológica não ficar alheia a elas.

Em seu artigo intitulado “Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas” (2002b), a autora demonstrou que, assim como aconteceu com a primeira Revolução Industrial, a Revolução das Tecnologias da Informação e, principalmente a conexão dos computadores em rede, também levou a uma descontinuidade radical com a ordem precedente, na medida em que gerou novos espaços de vida; trouxe alterações nos estilos de agir, de viver e de ser daqueles que a vivenciaram e contribuiu, inclusive, para a proliferação de novos vocábulos que pudessem expressar os novos interesses, necessidades, formas de vida, novos relacionamentos, novos conflitos, etc.

Se a Revolução Industrial teve como uma de suas consequências o surgimento dos grandes centros urbanos-industriais (das metrópoles), a difusão da *internet* contribuiu para o surgimento de um novo espaço até então inexistente – o ciberespaço. Assim, “o ciberespaço é para a Revolução da Internet aquilo que a metrópole foi para a Revolução Industrial” (Nicolaci-da-Costa, 2002b, p. 197).

Este novo espaço e suas características foram exaustivamente estudados pelo filósofo Pierre Lévy (1996; 1999), que trouxe grandes contribuições ao problematizar a crença do senso comum de que o virtual se opõe ao real. Para o filósofo, ainda que não tenha uma presença tangível e esteja fixo em nenhuma coordenada de tempo e espaço, o virtual existe e é real, muito embora seus elementos sejam desterritorializados.

Nas palavras de Lévy (1996, p. 21) “quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam”, o que não significa de forma nenhuma que deixem de ser reais, pois, tal como aponta Mendes-Campos (2015, p. 83):

(...) passamos, cada vez mais tempo com os olhos grudados na tela, recebendo informação, comprando e estabelecendo trocas com pessoas. Todas essas ações são “reais”, apesar de se darem pela via do virtual: aprendemos com um artigo online, recebemos em casa um produto que compramos em uma loja virtual e, efetivamente, trocamos conversamos e curtimos situações da vida de pessoas reais, com quem nos relacionamos através da tela.

Sendo real este novo espaço, com características bem específicas, trouxe alterações também reais nos estilos de viver, de se comportar, de se relacionar, de ver e se ver no mundo e, acima de tudo, no estilo de ser do homem do século XXI, da mesma forma que o

surgimento dos centros urbanos-industriais trouxe significativas transformações nos modos de se comportar, de se relacionar e de ser do homem do século XIX.

Os impactos humanos das mudanças ocorridas no século XVIII e XIX foram alvo da atenção de diversos estudiosos, como por exemplo, o sociólogo alemão George Simmel, que em sua obra *A metrópole e a vida mental* (1987) apontou as influências que as metrópoles exerciam nas formas de ser de seus habitantes. Assim como seu contemporâneo e também sociólogo, Emile Durkheim, que na obra *O suicídio: um estudo sociológico* (1982) destacou as consequências psicológicas do surgimento de uma nova ordem social mais permissiva do que a feudal que impunha seus referenciais – vontade divina e da igreja – de maneira rígida e inquestionável.

Para além de objeto de estudo da Sociologia, essas alterações contribuíram significativamente para o surgimento da ciência psicológica, na medida em que houve a necessidade de uma ciência que buscasse:

compreender os problemas que os homens e mulheres do século XIX enfrentaram quando suas antigas referências foram drasticamente destruídas e uma nova realidade introduziu, para eles, novas formas de viver, de agir e de sentir. (Leitão, 2002, p. 47)

Muito embora as mudanças desencadeadas pela Revolução Industrial tenham sido de grande relevância, voltaremos à atenção neste momento para as mudanças mais recentes, ou seja, para aquelas que ainda vêm sendo desencadeadas pela Revolução das Tecnologias da Informação, cientes das dificuldades de estudá-las devido à velocidade ímpar com que acontecem.

Vimos anteriormente que desde o seu surgimento, quando ainda atrelada à agência do governo americano e às universidades, a *internet* se tornou alvo de grande interesse, principalmente por facilitar a comunicação entre seus usuários, ainda que estivessem geograficamente distantes. Segundo Mendes-Campos (2015, p. 61) “para além dos fins militares, estratégicos e acadêmicos, um dos grandes atrativos [da internet], sem dúvida, era a enorme capacidade de conectar não apenas cabos, redes, sistemas, mas, sobretudo, pessoas”.

Ao conectar pessoas, a *internet* trouxe revoluções na forma e no conteúdo das comunicações. A revolução na forma de as pessoas se comunicarem foi enfatizada por Turkle (2011) e Mendes-Campos (2015), quando alertaram para o fato de que hoje, a nossa comunicação com o outro é mais teclada do que falada – informação que pode ser confirmada pelos dados disponíveis na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam que no ano de 2017 o envio ou recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens por

aplicativos constituiu-se como a principal finalidade do uso da *internet*, sendo utilizada por 95,5% dos internautas brasileiros, deixando atrás as chamadas de áudio e vídeo que foram utilizadas por 83,8% dos internautas (IBGE, 2018). Além das estatísticas, para provar essa informação, basta que nos lembremos das últimas pessoas com as quais nos comunicamos e com quantas delas utilizamos a *internet* como meio de comunicação.

Já a revolução no conteúdo da comunicação foi enfatizada por Nicolaci-da-Costa (2002b) ao afirmar que, assim como aconteceu na Revolução Industrial, época em que houve uma proliferação de neologismos que representavam tudo de novo que estava surgindo na época,

(...) o advento dos computadores pessoais e, principalmente, da Internet fez com que novos significados fossem atribuídos a antigos vocábulos e enxurradas de novos termos e expressões – como, por exemplo, *www*, *rede*, *ciberespaço*, *realidade virtual*, *tempo real*, *e-mail*, *lista de discussão*, *navegadores*, *mecanismos de busca*, *chats*, *spam*, *Windows*, *menus*, *deletar*, *formatar*, *configurar* e uma infinidade de outros – invadissem o linguajar contemporâneo em ritmo extremamente acelerado. (Nicolaci-da-Costa, 2002b, p. 199., grifos da autora)

Frente a esta invasão de novas palavras e expressões, diversos dicionários foram criados, como por exemplo, o *Microsoft Press Computer Dictionary*, publicado em 1991 em sua versão original e em 1992 na versão brasileira; e o *Dicionário da Internet*, publicado originalmente em 1995 e em 1997 no Brasil. Porém, a publicação dos dicionários não foi o suficiente para dar conta de uma realidade e de uma língua que estavam em constante transformação. Por isso, jornais e revistas passaram a publicar glossários mensais ou semanais com listas de palavras e expressões que faziam parte desta nova realidade, assim como surgiram os dicionários *online*, atualizados com uma frequência maior do que os físicos, que rapidamente se tornavam obsoletos (Nicolaci-da-Costa, 2002b).

Não é difícil fornecer exemplos de palavras e expressões que utilizamos com frequência e que não faziam parte de nosso repertório linguístico há alguns anos, ou ainda, se faziam, não tinham o mesmo significado. Hoje, dizer que passamos horas “navegando” muito provavelmente não fará com que nosso interlocutor pense que passamos horas mar adentro. Assim como dizer “vou te seguir” pode não ser mais no sentido de andar atrás ou acompanhar, mas sim para informar ao interlocutor que as suas publicações nas redes sociais virtuais serão acompanhadas por aquele que fala. Além daquelas que já existiam e ganharam novos significados, podemos destacar também o surgimento de novas expressões, como “enviar um direct”, que significa dizer enviar uma mensagem privada; também novas

palavras, como: *blogger, chat, emoji, fanpage, feed, inbox, memes, post, selfie, spam, unfollow, timeline*, etc.

A revolução na forma e conteúdo da comunicação proporcionada pelo *boom* da *internet* e de seus dispositivos comunicacionais gerou profundos impactos nos relacionamentos humanos. Isso porque as ferramentas disponíveis nas redes sociais virtuais estimulam o compartilhamento de informações íntimas que anteriormente eram vinculadas à dimensão privada, e com isso favorecem a formação de laços relacionais significativos (Mendes-Campos, 2015). Ao acessar uma conta no *Facebook*, logo nos deparamos com a seguinte pergunta: “O que você está pensando?”. Há também a sugestão para que os internautas compartilhem o que estão sentindo, assistindo, lendo, ouvindo, bebendo, comendo, jogando; para onde estão viajando; o que estão procurando, apoiando, comemorando, relembando; com o que concordam ou discordam, etc.

O compartilhamento de pensamentos, sentimentos, preferências, gostos e afinidades incentivado pela *internet* e seus dispositivos comunicacionais, abre espaço para uma nova espécie de comunitarismo, na medida em que aproximam pessoas que se encontram geograficamente distantes, mas que possuem interesses próximos (Mendes-Campos, 2015; Matos-Silva, Abreu & Nicolaci-da-Costa, 2012). Assim, encontramos nas redes sociais inúmeros grupos que unem pessoas por questões políticas, religiosas, profissionais e, também, por suas dores e sofrimentos, como os grupos de pessoas enlutadas. Vale ressaltar ainda a existência de “grupos e pessoas com propostas escusas que podem cometer crimes por meio destas redes sociais, inclusive, que atentam contra os direitos humanos e contra o Estado de Direito” (Rosa & Santos, 2015, p. 918).

Sobre isso, Mendes-Campos (2015, p. 59) aponta que:

O mundo de hoje vive um excessivo apelo de visibilidade... Assim, a intimidade agora é chamada a se mostrar, a aparecer diante do olhar dos outros, não mais se restringindo ao plano privado da casa, da família, da mulher e do casamento.

Essa exposição de informações antes resguardadas da vida pública foi nomeada por Sibilia (2008) de espetacularização da intimidade. Com o advento da *internet* e, principalmente, das redes sociais virtuais, a exposição de conteúdos íntimos – que já vinha acontecendo em nossa sociedade como bem mostrou Guy Debord em sua obra *Sociedade do Espetáculo*, publicada originalmente na França em 1967 – popularizou-se. Com a facilidade de um clique, sabemos onde e com quem nossos colegas internautas estão; o que estão fazendo, vestindo ou comendo; há quantas horas estão parados no trânsito; para onde vão; o que pensam sobre determinado assunto; e até mesmo como estão se sentindo, através dos

relatos confessionais, uma tendência contemporânea que se assemelha aos relatos que antigamente eram escritos em diários físicos, mas se diferenciam destes pelo fato de terem como objetivo a busca da visibilidade, enquanto que os antigos diários “eram furtados à curiosidade alheia, guardados em gavetas e esconderijos secretos, muitas vezes protegidos por meio de chaves e senhas ocultas – chegando a se converter, inclusive, em práticas seriamente proibidas e perseguidas por maridos e pais” (Sibilia, 2003, n.p).

As atuais tendências de exposição da intimidade têm feito com que a morte e o morrer – fenômenos que na sociedade moderna foram fortemente vinculados à dimensão privada – voltassem a fazer parte do espaço público ao considerarmos que “a rede é a nossa Ágora contemporânea, ou seja, o nosso espaço público por excelência” (Mendes-Campos, 2015, p. 68). Não raro encontramos na rede relatos de pessoas que estão enfrentando a batalha contra a própria morte, como também de familiares e amigos que estão enfrentando a dor do luto, tais como os relatos a seguir:

*Tenho andado tão cansada ultimamente. Não sei mais como agir, não sei mais como falar com Deus pra que tudo isso passe! Pra quem tá fora é fácil falar ‘ah confia em Deus ou Deus vai te curar e etc’ eu sei que existe um Deus por pior que seja isso que eu estou passando ele n esqueceu de mim, mas tem dias que eu fico me perguntando, será se ele tá vendo, será se tá escutando? Desde agosto não tem um dia sequer que eu não vomite, tive experiências horríveis e traumáticas que levarei pro resto da minha vida! Hoje foi um dia daqueles que eu quase pedi pra Deus me tirar logo dessa situação e me levasse pra um lugar melhor. Já to cansada de dar trabalho pros outros, cansada de ser um fardo, cansada de ver meu namorado e minha mãe deixando de viver a vida deles pra viverem a minha. Eu mal aproveitei minha casa e já estou no hospital de novo, essa rotina destrói qualquer pessoa. Acho que o que me mantém (sic) de pé são o carinho e o cuidado que minha mãe tem que abandonou tudo pra vim cuidar de mim e pelo meu namorado que largou festas, amigos, bebedeira... tudo pra me apoiar. Nesse momento eu luto por eles e não por mim, pq sinceramente eu já estou cansada, só eu e Deus sabemos o que já passei, quantos traumas, quantas noites em claro chorando de dor, só eu e ele sabemos! Eu quero que acabe logo Deus, você entende meu coração, me ajuda me dar ânimo e forças pra continuar eu te imploro. (Publicação de uma usuária do Instagram em tratamento de câncer de estômago)*

*A 1ª vez que cheguei perto do céu depois que perdi uma pessoa muito importante e especial, me faltou o ar. Eu estava dentro de um avião a caminho de São Paulo. Eu estava lotada de luto. Luto, quando recente, preenche tudo que é espaço dentro da gente. Falta pouco fora dele. Curiosamente, estava bem. Até que o avião foi subindo e de repente eu vi nuvens. E logo pensei: ‘Estou mais perto dela agora. Cadê ela? Será que o céu é o lugar onde as nuvens moram e os mortos têm casa?’ Sentindo que naquele momento eu poderia estar mais perto dela, mesmo que ilusoriamente, eu chorei. Lágrimas deitavam meu rosto. Olhos fechados e lágrimas. Busquei sua presença dentro de mim. Até que senti uma mão apertando forte a minha, e o gesto dizia: ‘estou aqui’. C. também chorava. Choramos juntas. Eu sentia no meu mais profundo lugar de dor e saudade: ‘estamos juntas de novo, estou no céu, aí é o seu*

*lugar agora. Veja, estou aqui'. Sentia que escalava nuvens para ser capaz de ver pela derradeira vez quem perdi. Ela que foi embora de uma hora para a outra. Em um mês de abril de um ano ímpar qualquer, tudo mudou. Ah! Se a gente soube (sic) das nossas últimas vezes, como seria? A vida é surpresa e instante a todo tempo. Melhor assim. Melhor assim? Ao chegar nas nuvens e deslizar pelo céu preenchida pelo meu luto, estive em um lugar diferente. Sem os pés no chão e sem controle sobre quem guiava a minha rota, senti medo. Luto deixa medo como marca. Luto é registro de alma. Luto é mundo bagunçado e desaprendido. Um mundo avoado. Mas naquele instante, perto da nova casa que minha querida amiga vivia, só queria que fosse verdade que lá as pessoas são iguais e lugar onde os mortos têm casa. Queria que a casa dela tivesse chaminé, que mostrasse a fumaça saindo do telhado, que estivesse esperando meu avião passar com o olhar pendurado na janela. Essas cenas são vividas em alguns sonhos, ainda hoje. E a cada (re)encontro ocorrido nas névoas de Morfeu, busco por ela, ainda, entre as nuvens. Que bom que, feitas de algodão, na nossa imaginação, as nuvens são moradas confortáveis onde os nossos queridos moram. E de lá, nos olham e sorriem, como só os anjos em sintonia com o amor conseguem fazer. (Texto disponível em um perfil de uma usuária do Instagram)*

Vimos anteriormente que a virtualização de algo provoca sua desterritorialização (Lévy, 1996). Isso porque os elementos encontrados no ambiente virtual não são presentes, tangíveis, encarnados e palpáveis, mas nômades, transitórios e imateriais. Por isso, podemos encontrar neste ambiente corpos virtualizados que transcendem as dimensões do tempo e do espaço e “continuam existindo mesmo depois que o corpo físico não está mais presente” (Ribeiro, 2015, p. 14). É o que acontece, por exemplo, com os perfis virtuais de internautas já falecidos que são mantidos nas redes sociais após a ocorrência do óbito.

Percebemos, então, que além de impulsionar o compartilhamento de conteúdos íntimos e revolucionar a comunicação e o relacionamento entre os vivos, a *internet* também trouxe repercussões na comunicação e no relacionamento que os vivos estabelecem com os mortos.

A utilização do ciberespaço como um canal de comunicação com o transcendental foi abordada por Ribeiro (2015) em sua obra *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Nesta, realizou uma análise dos meios utilizados pelos vivos para estabelecer conexões com os mortos desde a Idade Média até os dias atuais; ou, nas palavras da autora, até a “Idade Mídia”. Ribeiro buscou resgatar o imaginário simbólico associado à morte e ao morrer na Idade Média e demonstrou a permanência e reinvenção deste imaginário nos dispositivos comunicacionais contemporâneos, tais como as redes sociais virtuais, onde podemos encontrar inúmeras publicações de internautas se comunicando com aqueles que já se foram, como pode ser visto no trecho a seguir:

*Parece que foi ontem que tiramos essa foto, esses últimos 6 meses passaram como se fossem dias. Estou feliz pelo que me tornei, parece que finalmente entendi a*

*mensagem que você queria me passar, hoje dou muito mais valor a vida que eu tenho (sic), vivo cada dia intensamente assim como você fez. Me sinto muito privilegiado por ter te conhecido antes da doença, por ter visto sua alegria de viver e poder fazer parte dessa história.* (Publicação de um usuário do Instagram à namorada falecida)

As conexões que os vivos buscam estabelecer com os mortos por meio do ciberespaço nos remete ao conceito de luto virtual que apareceu pela primeira vez, provavelmente, em um artigo escrito por Cose Ellis, publicado no *Newsweek* no ano de 1999, no qual abordou sobre a morte de John Kennedy Junior. Tal artigo demonstra que as pessoas, num primeiro momento, utilizavam o ciberespaço para manifestar seu pesar pela morte dos vultos pátrios ou heroicos (Gurgel *et al.*, 2011). Contudo, atualmente o luto aparece no ambiente virtual de diversas outras formas.

Com um olhar um pouco mais atento para as redes sociais virtuais, logo se percebe que as mesmas se tornaram um canal de homenagens aos mortos, de trocas de sentimentos e informações (sobre o acontecimento do óbito, suas causas e dias e horários das cerimônias fúnebres, por exemplo), de prestar condolências aos familiares e de buscar por solidariedade entre enlutados que passaram por experiências semelhantes. Tomasi (2011) aponta que os rituais e manifestações *post-mortem* já podiam ser percebidos nas redes sociais virtuais desde 2004, quando da criação do *Orkut*.

O *Orkut* foi uma rede social virtual filiada à empresa Google Inc., criada pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Esta rede permitia aos seus usuários: criar um perfil (*profile*) personalizado com informações pessoais, gostos e preferências; criar, atualizar e compartilhar álbuns de fotografias; ter um *scrapbook* (livro de recados) e, por meio dele, enviar e receber recados; visitar a página de amigos e amigos de amigos e criar ou pertencer a comunidades virtuais onde eram promovidos debates, levantadas questões, trocadas informações sobre determinados temas e conheciam-se outras pessoas com interesses equivalentes (Mocellim, 2007).

Peruzzo *et al.* (2007) examinaram como o luto era expresso por adolescentes e jovens adultos no *site* de relacionamentos *Orkut*. Assim, demonstraram que este era utilizado pelos enlutados para se comunicarem com outros internautas e recordarem momentos vividos na companhia da pessoa falecida, expressarem os sentimentos que a referida perda causava em suas vidas e compartilharem estratégias de enfrentamento do luto. Também era utilizado para estabelecerem comunicação com os mortos através da manutenção do perfil virtual do

falecido, no qual manifestavam carinho, saudades ou atualizações sobre os acontecimentos após a morte.

Em estudo sobre as manifestações do luto no *Orkut*, Tomasi (2011, p. 7) destacou alguns exemplos de depoimentos disponíveis nessa rede social que demonstram as práticas anteriormente citadas:

*Só para te contar...ontem, fiz um bolo pra vc e cantei parabéns lá na casa de santa cruz com as crianças da casa, foi muito bom, contei de vc pra elas. Afinal de contas o céu está em festa né?? Sei que vc vive em outro lugar!!! Te amo muitas saudades*  
(...)

*Infelizmente mais um natal sem você, mas o que me conforta é saber que estais ao lado de Deus e que estais bem. S A U D A D E S.*  
(...)

*Hoje o céu está em festa, é seu aniversário! Hoje foi um dia duro, todos lembraram de você e tristemente não cantamos o 'parabéns pra você'. Mas sei que onde você esteja, está melhor porque está próxima a Deus!!! Restaram saudades e lembranças!!!! Bjs...*

Além do compartilhamento de conteúdos relacionados ao luto nos perfis pessoais, Tomasi (2011) demonstra que também podiam ser encontradas no *Orkut* comunidades destinadas a homenagear os mortos, tal como a comunidade “LUTO Isabella Oliveira Nardoni” ou “Adeus Michael Jackson [LUTO]”; protestar contra mortes trágicas como, por exemplo, a comunidade “Justiça para Isabella Nardoni” e comunidades que tinham como objetivo divulgar perfis de internautas falecidos, com a colaboração de usuários da rede que ficaram conhecidos como “caçadores de perfis de gente morta” (Tomasi, 2011, p. 10), que atualizavam diariamente comunidades como a PGM – Profiles de Gente Morta, que contava com mais de 75 mil membros e funcionava como uma espécie de cemitério on-line.

Com a extinção do *Orkut*, estas mesmas práticas continuaram sendo realizadas em outras redes sociais, como o *Facebook* [criado em 2004 e atualmente uma das redes mais utilizadas], que permite que seus usuários criem páginas, grupos e perfis pessoais e adicionem outros usuários para trocarem informações, mensagens e compartilhem fotografias e vídeos.

Da mesma forma que no *Orkut*, o *Facebook* tem se tornado um meio que os enlutados se utilizam para expressar reações emocionais e cognitivas frente à morte, seja para manterem-se conectados ao falecido, divulgarem homenagens, eventos e agradecimentos ou expressarem condolências aos familiares enlutados (Bouso, Ramos, Frizzo, Santos & Bouso, 2014; Bouso, Santos, Bouso & Ramos, 2014), conforme mostram os trechos abaixo destacados por Bouso, Ramos, Frizzo e Santos (2012, n.p):

*Querido professor, fiquei muito triste quando soube de seu falecimento...  
Lamentei muito!*

*Eu não vou esquecer nunca do senhor, o senhor marcou a minha infância e de muita gente! Homem respeitável! Cumpriu muito bem a sua missão na terra...  
 ...Era uma das poucas pessoas que entendeu minha dificuldade. Agradei ele muito por isso.  
 Convidamos a todos para um Shabat Especial em memória ao prof...  
 Que a família tenha forças para superar esta grande perda...  
 Minhas condolências a família.*

Os estudos realizados tanto no *Orkut* quanto no *Facebook*, demonstram que a comunicação direta com o falecido por meio do ciberespaço é uma das práticas que podia ser percebida quando as redes sociais virtuais começaram a ser utilizadas, algo que ainda se encontra presente, o que em outros momentos da história (e ainda hoje) também é realizado pela via espiritual e religiosa.

Além disso, o contato com pessoas enlutadas, dentro e fora do contexto de atuação na psicologia clínica, também nos permite perceber que atualmente muitas pessoas, quando anseiam sentirem-se próximas daqueles que já partiram, além de visitarem os cemitérios, realizam visitas e deixam mensagens no perfil virtual do falecido.

Segundo Peruzzo *et al.* (2007), a comunicação direta com o falecido por meio das redes sociais virtuais pode ser justificada pelo fato de que algumas crenças religiosas defendem a ideia de que a pessoa falecida consiga ter acesso aos relatos, o que torna pertinente este tipo de comunicação para àqueles que nelas acreditam. Ou ainda, pode representar uma necessidade dos enlutados de terem seu sofrimento reconhecido e validado socialmente e, nesse sentido, manter a comunicação com a pessoa que faleceu é uma forma de demonstrarem a proximidade e intimidade que tinham com a mesma. Mas, também pode estar relacionada com a negação da morte, por “ser uma tentativa de manter o vínculo tão forte quanto existia quando a pessoa estava viva, ou até mesmo de aprofundar a relação com um personagem idealizado, já que não é mais possível o acesso real” (p. 456).

A manutenção do perfil virtual do falecido ou dos “túmulos virtuais”, como são chamados por alguns autores (Sousa & Amorim, 2017), tem aumentado significativamente. Segundo Mueller (2017, pp. 198-199),

no *Facebook*, dos cerca de 1,5 bilhão de usuários ativos, estima-se que 10 a 20 milhões sejam de usuários falecidos. Inclusive, uma pesquisa feita na Universidade de Massachusetts constatou que em 2060, existirão mais perfis de pessoas mortas do que vivas no *Facebook* [caso o *Facebook* pare de conquistar novos usuários].

No *Facebook* há a possibilidade de que o perfil da pessoa falecida seja retirado da *web* permanentemente, mediante o envio de documentos que comprovem o óbito, que deve ser realizado por familiares ou pelo advogado do titular da conta – desde que comprovado o

vínculo com a pessoa que faleceu. Além disso, é possível também solicitar a transformação do perfil virtual em memorial, quando este recebe a frase “em memória de” seguida do nome do internauta falecido (por exemplo: “Em memória de Ana de Souza”), para que amigos e parentes possam compartilhar lembranças que poderão ser visualizadas por amigos, amigos de amigos ou publicamente, conforme as configurações predefinidas pelo usuário (Albuquerque, 2016). Os perfis transformados em memorial não são exibidos em espaços públicos, como nas sugestões do recurso “pessoas que você talvez conheça”, em lembretes de aniversário ou anúncios; também poderão ser gerenciados por um “contato herdeiro”, que pode ser designado pelos usuários nas configurações gerais da conta no *Facebook*.

Outra forma comum de expressão do luto nas redes sociais se dá a partir da criação de páginas e grupos que aproximam pessoas que estão em busca de compreensão, conforto e trocas de experiências após passarem por uma perda significativa. A exemplo, temos as páginas “Luto – saudades sem fim”, com 812.524 seguidores; “Mães Sem Nome”<sup>23</sup>, com 22.329 seguidores e os grupos “NFA Acalmando Corações” com 2.808 membros e “Mães de anjos, do luto a luta pra a vida” (sic) com 5.789 membros, todos disponíveis no *Facebook*<sup>24</sup>.

Assim como no *Orkut*, no *Facebook* também é possível encontrar grupos que funcionam como obituários *online* cuja finalidade é a divulgação de mortes de usuários da rede e suas causas, como o grupo “PGM – Profiles de Gente Morta”, com 133.573 membros; páginas para protestar contra mortes trágicas, tais como as páginas “Justiça para Renata Muggiati” com 14.471 seguidores e “Não foi acidente” com 1.119.546 seguidores; e páginas destinadas a promover debates sobre a morte e o luto, como “CARPE DIEM: sobre e morte e o morrer”, com 172.298 seguidores e “Vamos falar sobre o luto?”, com 25.891 seguidores<sup>25</sup>.

Além dos grupos e páginas disponíveis nas redes sociais virtuais, há ainda os *sites* especializados no culto à memória dos mortos, como os *sites* de obituários ou cemitérios virtuais, existentes desde meados da década de 1990 em diversos países como Alemanha, Estados Unidos, França e Portugal. Tais *sites* permitem aos internautas enviarem flores e velas virtuais (que murcham e se apagam virtualmente após sete dias *online*) em homenagem à pessoa falecida e ficam enfeitados e coloridos no dia de finados quando, assim como nos cemitérios físicos, recebem muitos visitantes (Tomasi, 2013). Nesta categoria,

Podemos incluir sites como o Legacy, que publica há oito anos, cerca de 2,4 milhões de notas de falecimento ou obituários por ano, com acesso mensal médio de seis

---

<sup>23</sup> Sobre a página “Mães Sem Nome”, recomendamos o documentário “Mães Sem Nome: o luto de mulheres que perderam filhos”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O5TfVU5hEOo&t=173s>

<sup>24</sup> Todos os números de membros e seguidores foram atualizados no dia 03 de maio de 2020.

<sup>25</sup> Números de membros e seguidores atualizados em 03 de maio de 2020.

milhões e faturamento de US\$ 5,9 milhões por ano. Outro é o MyDeathSpace.com, que noticia somente as mortes de internautas do MySpace, cerca de 25 por dia. (Gurgel *et al.*, 2011, p. 11)

Além destes, podemos citar ainda o *Le Cimetière Virtuel*, da França; o *Emorial das Erinnerungs-Portal Menchen Gedenken*, da Alemanha; o *Jardin Celestial Cementeiro Virtual*, do Equador; o *MyCemetery.com*, o *The Virtual Memorial Garden*, dos Estados Unidos (Tomasi, 2013) e o Inumeráveis, *site* brasileiro desenvolvido em 2020, no contexto da pandemia, que funciona como um memorial dedicado à história das vítimas do Novo Coronavírus no Brasil. Neste *site*, familiares ou amigos de pessoas que foram a óbito em decorrência da Covid-19 respondem a um questionário sobre a vítima e, com base nas informações fornecidas, um dos jornalistas voluntários que compõem a equipe do *site* cria um texto tributo que irá compor o memorial. Abaixo seguem alguns exemplos de textos tributos disponíveis:

*Abadia de Fátima Alves, 63 anos. Era a doçura no olhar, no coração e na vida de todos.*

(...)

*Amarildo Fogaça de Almeida, 47 anos. Homem honesto, alegre e pleno. Ensinou a fazer o bem e a seguir em frente sem nunca desistir.*

(...)

*Carlos Simões Louro Júnior, 69 anos. Craque de bola, sinuca e dança. Amou sem limites a esposa, pais, irmã, filhos e netos.*

(...)

*Francisco Rafael Agostinho Araujo, 36 anos. Carregava dentro de si a força de um grande defensor dos direitos humanos.*

(...)

*Alessandro da Rosa Rocha, 29 anos. Um trabalhador incansável e um companheiro de sua esposa. Ele estava sempre com ela.*

Em artigo que aborda sobre as práticas do luto nos cemitérios *online*, Tomasi (2013) compartilha uma mensagem de um internauta que enfatiza a importância e utilidade destes *sites*, principalmente para aqueles que têm dificuldade em demonstrar seus sentimentos no mundo *offline*:

*Um serviço muito útil na Internet; Obrigado por proporcionar a mim mesmo e aos outros a oportunidade de expressar nosso luto pela perda de entes queridos. É reconfortante saber que os entes queridos serão para sempre imortalizados e lembrados; Uma ótima ideia. Um memorial adequado para a geração on-line; É como estar em um cemitério real; Mesclando o mundo virtual da Internet com o mundo virtual de recordação é mais do que lógico; Os mortos estão por toda parte! Por que não na Internet!? Boa idéia. (sic) Obrigado; Muito obrigado por ter este site. Eu sou uma pessoa muito reservada quando se trata de minhas*

*emoções, então isso me ajuda a ser capaz de expressar a minha tristeza. Deus vos abençoe!*<sup>26</sup>. (p. 8., traduzido por Tomasi, 2013)

Além das redes sociais virtuais e dos *sites* de cemitérios e obituários *online*, destacamos também a criação de *blogs* temáticos sobre o luto que, de acordo com Frizzo, Bousso, Ichikawa e Sá (2017), são utilizados para compartilhar a experiência de perda e do desafio de seguir em frente; criar rede de relacionamentos para apoio, conforto e suporte a outros enlutados; garantir espaço de refúgio para expressão de sentimentos, emoções e superação da perda; homenagear e perpetuar a memória e imagem do ente querido e ativismo social que acontece quando os proprietários dos *blogs* propõem soluções para evitarem novas mortes semelhantes às de seus entes queridos, tais como leis mais eficientes de trânsito ou aumento no número de leitos em UTI's.

Como exemplo, podemos citar a apresentação disponível em um *blog* criado por um viúvo:

*Olá Meu objetivo através dessa página é divulgar a rotina de um homem que ficou viúvo aos 30 anos, que desde então mora com uma princesinha de apenas 2 anos e posso adiantar que é algo muito especial e que o segredo de tudo é a fé em Deus. Há 6 meses perdi minha esposa em um acidente automobilístico e desde então tomei a decisão de morar e cuidar da minha filha e hoje tenho a plena certeza de que foi a melhor decisão que poderia ter tomado. O principal motivo que me levou a criar este blog, foi que logo após eu ter perdido minha esposa, fui buscar ajuda a respeito da viuvez precoce e também a paternidade sem a presença da figura materna e não encontrei quase nada... ou seja tive que me virar sozinho e hoje graças a Deus as coisas vem se ajustando aos poucos, minha filha esta bem, esta (sic) crescendo, se desenvolvendo normalmente e nada como um dia após o outro, pois além dessa responsabilidade com a minha princesinha, preciso lidar com o sentimento do luto, da perda (sic) de minha companheira com quem convivi por 10 maravilhosos anos, Deus vem cuidando de uma forma muito especial de nós, nos guiando, nos mostrando o que fazer, mesmo com tudo o que aconteceu seria hipócrita se ficasse me lamentando, pois Deus deixou minha filha para me dar forças e tem sido maravilhoso, uma superação diária dos dois. A partir de hoje quero tentar postar as dificuldades e superações diárias com o objetivo de ajudar homens que vivenciam essa mesma situação da perda (sic) da esposa e da função pai de forma especial e necessitam de ajuda, assim como eu precisei e tive dificuldade em encontrar.*

Para além dos *blogs*, mais recentemente encontramos manifestações de luto também no *Instagram* – uma rede social virtual lançada em outubro de 2010, que permite que seus

---

<sup>26</sup> “A very worthwhile service on the Internet (12/07/1995); Thank you for providing myself and others with the opportunity to express our bereavement over the loss of loved ones. It is reassuring knowing that loved ones will forever be immortalized and remembered (16/07/1995); A great idea. A fitting memorial for the on-line generation (21/07/1995); It was like being in a real cemetery (30/07/1995); Merging the virtual world of the InterNet with the virtual world of remembrance is more than logic (26/08/1995); This is a good page. It will let our loved one live in our hearts for ever (09/11/1995); Thank you so much for having this website. I'm a very private person when it comes to my emotions, so this helps me to be able to express my grief. God Bless You!”

usuários capturem, manipulem, compartilhem e agrupem imagens e fotografias relacionadas a um determinado assunto. Isso ocorre através do uso das *hashtags* (#), que “facilitam a disseminação de um tópico, assim como organiza o acompanhamento do conteúdo e discussões feitas em relação ao tema colocado em pauta” (Piza, 2012, n.p). Ao utilizar a ferramenta de busca do aplicativo podemos encontrar facilmente diversas manifestações de luto. Ao buscar por #luto, encontramos o agrupamento de 1,7 milhão de publicações; e a busca de #lutopormarielle, por exemplo, traz como resultado 3588 publicações em referência à morte da vereadora do Estado do Rio de Janeiro Marielle Franco, ocorrida em 14 de março de 2018. Nesta mesma rede, também é possível encontrar perfis criados com o objetivo de dar voz e apoiar os familiares enlutados, como por exemplo os perfis @lutocovid19 e @luto\_lugardefala.

Apesar da carência de estudos que abordam especificamente sobre o luto nesta rede social, é possível perceber que assim como as demais redes e mídias – *Orkut*, *Facebook* e *blogs* – o *Instagram* também tem sido utilizado pelos seus usuários como um meio para a expressão de sentimentos decorrentes da perda e comunicação direta com o falecido, algo que pode ser percebido nestes relatos disponíveis nas páginas de duas usuárias desta rede social:

*Há exatos 07 anos nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez. Lembro-me como se fosse hj, tudo foi tão desprezioso e justamente por isso deu tão certo. Foi um encontro de almas. Tantas coisas mudaram desde então (especialmente nossas baby faces). Agora só me resta a certeza de que tudo valeu a pena e que durou suficientemente para ser inesquecível! Um amor que jamais morrerá.* (Publicação escrita por uma usuária do Instagram que perdeu o esposo em um acidente automobilístico)

*Estou sem chão. Hj é um dia triste. Naná se foi; perdeu a luta para esse vírus maldito. Meu querido, sempre rindo e alegre, morreu sozinho. Mais triste ainda pensar que não haverá despedida. Não poderei dar meu abraço apertado, nem brincar mais com você. Tudo está mais triste. Naná, ainda não caiu a ficha; ainda não acredito que não vou mais ouvir o ‘quén’, nem a sua voz, nem sua risada. #covid19mata #virusmaldito #saudadeqnaovaipassar #lutocovid19.* (Publicação escrita por uma usuária do Instagram enlutada por morte decorrente da Covid-19).

Mas com qual(is) finalidade(s) as pessoas buscam o ciberespaço após passarem pela experiência de perder um ente querido? Segundo Peruzzo *et al.* (2007), uma das respostas a esta questão pode estar relacionada ao próprio crescimento da *internet*, uma vez que a mesma ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas. Ademais, os autores apontam ainda que a falta de limites, as possibilidades de diferentes relações e formas de exposição, características do mundo virtual, diminuem as barreiras da defesa e da autocrítica e possibilitam aos

internautas uma maior liberdade de expressão e manifestação do sofrimento, o que, na maioria das vezes, é impossibilitado no mundo *offline*.

Além disso, em uma sociedade que tem buscado negar a morte e tudo o que está relacionado a ela, prestar as condolências virtualmente pode ser visto como mais fácil, rápido e menos doloroso, pois não há o contato direto com o sofrimento dos familiares (Peruzzo *et al.*, 2007). Da mesma forma, evita-se o constrangimento de não saber como agir ou o que dizer nas cerimônias características deste momento. Ou, se recorrermos novamente à pesquisa de Koury (2014), podemos pensar que talvez as pessoas acreditem que prestar condolências virtualmente seja uma forma mais discreta e menos invasiva de prestar apoio aos enlutados sem importuná-los.

Se para as pessoas mais distantes a *internet* contribui para que se preste as condolências de uma maneira mais fácil, o que dizer das contribuições da expressão do luto no ambiente virtual para aqueles que são mais próximos do falecido? A falta de consenso entre os estudiosos da área demonstra que tal questão não pode ser resolvida facilmente. De um lado, encontramos autores que defendem a ideia de que manter a pessoa por perto – através da manutenção do perfil virtual, por exemplo – pode ajudar a amenizar a dor do luto (Oliveira & Lopes, 2008). Há ainda os que defendem que as redes sociais virtuais são importantes pelo fato de permitirem a expressão dos sentimentos decorrentes de uma perda (Peruzzo *et al.*, 2007; Bousso, Santos, Bousso & Ramos, 2014); a reflexão e desmistificação de temas considerados tabus, como a morte e o morrer (Frizzo, Bousso, Ichikawa & Sá, 2017; Peruzzo *et al.*, 2007); por aproximarem virtualmente os enlutados entre si (Gurgel *et al.*, 2011) ou por promoverem a aproximação entre eles e a comunidade, o que pode contribuir para a construção de laços afetivos que, uma vez consolidados, podem oferecer apoio, acolhimento e suporte social imediatos em virtude da rapidez característica do ambiente virtual (Bousso, Ramos, Frizzo & Santos, 2012; Frizzo *et al.*, 2017; Frizzo, Bousso, Borghi & Pedro, 2017).

De outro lado, há autores (Silvestre & Aguilera, 2008) que afirmam que vivenciar o luto no ambiente virtual pode não ser benéfico aos enlutados, uma vez que pela imortalidade conferida pela *internet*, é possível manter com a pessoa falecida um vínculo muito próximo ao que existia antes de ela morrer. De acordo com Gurgel *et al.* (2011, p. 14., grifos do autor):

(...) enquanto o mundo *offline* diz que a pessoa morreu e não vai mais voltar, o mundo *online* diz o contrário. Isso porque, mesmo com a morte física de uma pessoa, seu perfil (se não for excluído por quem tiver a senha) continua vivo para a rede, que continua a enviá-lo recados e propagandas, ou indicar seu aniversário no perfil de outros usuários.

Além disso, não se pode deixar de mencionar outro aspecto negativo que envolve o luto no ambiente virtual e que se dá quando pessoas utilizam das redes sociais virtuais para vandalizar ou denegrir a imagem do falecido, ou ainda quando adentram as comunidades com a intenção de banalizar o luto, de proselitismo religioso ou, simplesmente, com o intuito de chocar (Gurgel *et al.*, 2011).

Mas ainda, há autores que defendem a dificuldade de taxarmos o uso das redes e mídias sociais como positivo ou negativo, já que cada pessoa é única e vivencia seus lutos de maneira muito particular (Peruzzo *et al.*, 2007). Tomasi (2011), por exemplo, aponta que para algumas pessoas a *internet* pode auxiliar no enfrentamento do sofrimento, mas para outras pode trazer uma tristeza ainda maior. Assim, sua contribuição depende do uso e do significado que cada usuário dá ao mundo virtual (Bouso, Santos, Bouso & Ramos, 2014).

Nas palavras de Gurgel *et al.* (2011, p. 15),

o *luto virtual* é, ele mesmo, um contraditório. Ao mesmo tempo que pode ser interpretado como um *habitus social contemporâneo* com o qual a manifestação do *luto* tem se tornado mais democrática e no ritmo de cada individualidade, pode ser também visto como uma ação descabida, sem o reconhecimento de limites que a convivência física impõe e, principalmente, sem tempo para terminar. E, quando essa última acontece, podemos ter não só um problema moral – o desrespeito aos mortos e enlutados – mas também uma questão de saúde mental – o indivíduo que não consegue elaborar o seu *processo de luto*. (grifos dos autores)

Ao teorizarem sobre os impactos da *internet* para a saúde mental de seus usuários, diversos estudiosos (Young, 1996, 1998; Greenfield, 1999, 2000; Kraut, Lundmark, Patterson, Kiesler, Muopdyay & Scherlis, 1998) demonstraram o receio de que os internautas passassem a substituir os relacionamentos que estabelecem no mundo *offline* pelos relacionamentos virtuais, o que, na visão deles, poderia levar ao isolamento social, à solidão e à depressão. Alguns deles (Young, 1996, 1998; Greenfield, 1999, 2000) postularam até mesmo a existência de um comportamento compulsivo – a *Internet addiction* ou *Pathological Internet Use* – e se dedicaram ao tratamento de tais patologias (Nicolaci-da-Costa, 2002a).

Segundo Nicolaci-da-Costa (2002a), esses estudos ganharam espaço na mídia e em jornais de grande circulação. Com isso, a crença de que a *internet* podia gerar comportamentos patológicos espalhou-se rapidamente pelos Estados Unidos, e de lá para o mundo. Contudo, a autora aponta que, a partir dos anos 2000, os resultados destas pesquisas passaram a ser avaliados criticamente por pesquisadores, acadêmicos, jornalistas, o que levou ao surgimento de novas visões que criticavam a ótica patologizante adotada por muitos autores.

Mesmo após quase duas décadas do surgimento destas novas visões, ao examinarmos os estudos sobre o luto no ambiente virtual podemos perceber que o impasse entre os estudiosos da área sobre a possibilidade de a *internet* contribuir para o surgimento de comportamentos patológicos perdura até os dias atuais e, tal como mencionado anteriormente, ora encontramos visões que defendem que ela pode contribuir positivamente no processo do luto; ora encontramos visões que defendem a ideia que a imortalidade conferida pela *internet*, quando da manutenção do perfil virtual após o óbito, pode trazer complicações para o processo do luto.

Por ora, concordamos com Nicolaci-da-Costa (2002a) e nos restringimos a alertar sobre o perigo de considerarmos os fenômenos – pensamentos, sentimentos, comportamentos, etc. – gerados por uma realidade que está sendo profundamente alterada pela difusão da rede como desvios das normas de conduta estabelecidas na ordem pré-digital e de atribuir-lhes o status de patológico, sob o risco de “nos tornarmos inadequados ou, o que é ainda pior, preconceituosos (como é o caso daqueles para os quais qualquer mudança recebe valoração negativa a partir de parâmetros tradicionais)” (Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 75).

### **CAPÍTULO 3- CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO PARA A COMPREENSÃO DO LUTO NO AMBIENTE VIRTUAL**

*O que mais fará falta na morte de alguém importante é o olhar dessa pessoa sobre nós, pois precisamos do outro como referência de quem somos. Se a pessoa que eu amo não existe mais, como posso ser quem sou?*  
(Ana Claudia Quintana Arantes)

Apesar de não termos a pretensão de realizar a compreensão de um homem específico, como fez Sartre nas biografias que elaborou de Baudelaire, Jean Genet, Flaubert e de si mesmo, iniciamos este trabalho de maneira semelhante ao filósofo em suas biografias: trazendo à tona o panorama universal que compõe os arredores do objeto em questão. Segundo Schneider (2002, p. 180),

Desde o início da descrição da vida de Genet, na proposta de elaborar sua compreensão psicológica, o filósofo toma como ponto de partida de seu relato, o mundo em que Genet está circunscrito...Descreve, primeiramente, as contingências, as condições objetivas, os valores sociais que o cercam, que lhe impõem uma certa estrutura de escolha. Sartre, portanto, não parte da vivência subjetiva de Genet, mas sim dos contornos objetivos de sua vida.

Agora, após termos nos debruçado sobre os contornos objetivos do nosso objeto de estudo, buscaremos elucidá-lo à luz da perspectiva existencial sartriana, cientes da dificuldade de explicar sobre uma temática que não foi explorada pelo autor que iluminará a discussão. Antes, porém, convém esclarecer e reiterar que a elucidação do tema à luz da perspectiva existencial sartriana não se inicia aqui, estava já presente nos capítulos anteriores, uma vez que, conforme mencionado anteriormente, “pensando sartrianamente, o estudo do panorama universal que compõe os arredores do objeto em questão é, igualmente, parte do método” (Mendes-Campos, 2015, p. 26). Assim, apesar deste ser o capítulo dedicado a expor as contribuições teóricas e filosóficas de Sartre que nos possibilitam uma maior compreensão sobre o tema que nos propomos estudar, ele não deve ser desvinculado dos demais, pois é da relação entre todos os capítulos que emergirá a compreensão do fenômeno aqui estudado.

Sabe-se que Sartre foi um dos filósofos que mais escreveu em toda a história da Filosofia. Ao longo de sua trajetória intelectual escreveu obras filosóficas, psicológicas, antropológicas, ensaios, conferências, crítica literária e teatral, teatro, romances, contos, roteiro de cinema, correspondências e artigos de análises de problemas contemporâneos nos quais se debruçou sobre uma ampla variedade de temas. Além das obras publicadas em vida,

há também aquelas que vieram à tona somente após a sua morte e que, quando somadas, representam mais do que toda a sua produção em seus últimos dez anos de vida (Perdigão, 1995). Porém, apesar da amplitude de sua obra não encontramos nela nenhuma referência direta à temática do luto, o que nos leva a pensar que adentramos um beco sem saída. Como, então, abordar sobre a temática que nos propomos a partir da perspectiva sartriana?

Na literatura psicológica o luto é frequentemente entendido como uma reação ao rompimento de um vínculo significativo (Kovács, 1992; Parkes, 1998; Freitas, 2013). Segundo Kovács (1992, p. 50), “a morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta”. Freitas (2013), em artigo que reflete sobre o luto a partir do ponto de vista da psicologia fenomenológica e, principalmente, da noção de intersubjetividade em Merleau-Ponty, descreve o luto como uma “vivência que emerge de uma mudança abrupta em uma relação eu-tu com a supressão da corporeidade do tu” (p. 97).

A partir dessas definições, percebemos que quando falamos de luto, falamos de vínculos e de relações. Estas últimas, Sartre abordou exaustivamente em sua obra, chegando até mesmo a dedicar uma das quatro partes de *O Ser e o Nada* (1943), intitulada “O Para-outro”, para tecer reflexões sobre a intersubjetividade. Além de discutir sobre as relações que estabelecemos com o Outro, em diversas obras o filósofo abordou também sobre as relações que estabelecemos com a materialidade que nos cerca, com nosso corpo, com o tempo e com a sociedade. Sobre isso, Bettoni (2002, p. 67) aponta que,

segundo Sartre, o homem é um ser que se encontra injustificamente inserido no mundo, onde se projeta como liberdade em situação, em direção ao futuro. De acordo com o desenrolar de sua existência, ele se constrói; porém, a sua existência possui relações inerentes e indubitáveis, verificadas fenomenologicamente: ao estar-no-mundo, o homem é automaticamente forçado, em sua práxis, a se relacionar com as coisas, com os Outros, consigo mesmo e principalmente com as instituições. Esta é uma relação indissolúvel e que, segundo Sartre, se dá de forma dialética.

Serão justamente essas contribuições de Sartre sobre a intersubjetividade e sobre a sociabilidade que tomaremos como ponto de partida para a discussão sobre o luto e sua vivência no ambiente virtual.

### 3.1 O HOMEM COMO UM SER RELACIONAL

Vimos anteriormente que, apesar de ter se formado em Filosofia e de ter se tornado mais conhecido por suas obras filosóficas, Sartre iniciou sua trajetória intelectual e acadêmica

debruçando-se sobre temas caros à Psicologia, tal como podemos perceber já no título de suas primeiras obras, publicadas na década de 1930: *A Imaginação* (1936), *A Transcendência do Ego* (1937), *Esboço para uma Teoria das Emoções* (1939) e *O Imaginário* (1940).

Segundo Cohen-Solal (2008, p. 100),

na revisão das provas de ‘Psicopatologia Geral’ de Jaspers, nas visitas às apresentações dos doentes do Hospital Sainte-Anne, aonde vai aos domingos de manhã, em companhia de Nizan, Aron e Lagache, em seu diploma de estudos superiores, enfim, que resolveu continuar com Henri Delacroix, Sartre deslinda sobretudo o campo da psicologia.

Seu principal objetivo era elaborar uma Psicologia que compreendesse a realidade humana de maneira diferente das compreensões que predominavam naquele momento, ora abstratas e despregadas da realidade, ora mecanicistas e causalistas (Schneider, 2011). Assim, o que Sartre pretendia era viabilizar o entendimento do humano a partir da existência concreta do sujeito em situação, ou seja, compreender “o homem situado em nosso mundo, com nossos problemas e conflitos de todos os dias” (Perdigão, 1995, p. 33). É por isso que podemos encontrar em sua obra inúmeros exemplos de situações cotidianas, tais como: um jogo de tênis, o trabalho de um garçom, a fila de um ônibus, a reunião de um grupo de manifestantes de rua, etc. (Perdigão, 1995). Porém, após escrever aproximadamente 400 páginas do seu tratado intitulado *La Psyché*, o filósofo percebeu que não conseguiria continuar sua empreitada no campo da Psicologia sem antes rever questões de ordem ontológica (teoria do ser da realidade) e antropológica (teoria do ser do homem).

Sobre isso, o filósofo afirmou:

(...) a Psicologia, considerada como ciência de certos fatos humanos, não poderia ser um começo, porque os fatos psíquicos com os quais deparamos nunca são os primeiros. Eles são, em sua estrutura essencial, reações do homem contra o mundo; portanto, supõem o homem e o mundo, e só podem adquirir seu sentido verdadeiro se inicialmente elucidamos essas duas noções. (Sartre, 1939/2010, p. 21)

Foi em sua obra intitulada *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, escrita a partir de 1939 e publicada em 1943, que Sartre propôs uma nova ontologia, elaborada a partir da influência que recebeu da Fenomenologia. Nesta obra, Sartre expôs sua apreensão da realidade, destacando a existência de dois tipos de seres: o Em-si e o Para-si.

O primeiro, do qual Sartre pouco se ocupou, diz respeito à realidade material, ao mundo inorgânico dos objetos e ao organismo humano, ou seja, diz respeito a tudo o que existe, com exceção da consciência humana que, em Sartre, foi chamada de Para-si (Perdigão, 1995). O ser Em-si recebe esta denominação porque se esgota em ser si mesmo, isto é, se esgota em ser o que é, “não se coloca jamais como *outro* a não ser si mesmo; não pode manter

relação alguma com o outro. É indefinidamente si mesmo e se esgota em sê-lo” (Sartre, 1943/2011, p. 39). Assim,

esteja alguém a olhar para a árvore ou não, protegendo-se do sol em sua sombra ou não, a árvore continua sendo o que é. O ser não é consciente de si, nem se distingue de outro: uma árvore não é para si mesma, nem uma pedra é algo para uma árvore, não há entre elas uma relação possível (quem estabelece a relação é a consciência, como veremos adiante). Elas são *em-si*. (Schneider, 2011, p. 84., grifo do autor)

Diante disso, percebemos que os seres Em-si somente aparecem, são constatados, conhecidos e colocados em relação por outro tipo de ser: o Para-si (consciência), considerado por Sartre como elemento fundamental de uma ontologia. Assim, somente uma consciência pode estabelecer a relação entre a copa de uma árvore e o sol, por exemplo, e julgar se a posição em que ela se encontra é favorável ou não para fazer sombra e proteger dos raios solares. O uso da expressão Para-si demonstra claramente aquilo que caracteriza a consciência e que a diferencia dos seres Em-si: a transcendência, o movimento, a relação a.

Apoiando-se no conceito de intencionalidade utilizado por Brentano (1838-1917) e Husserl (1859-1938), Sartre defendeu a indissociabilidade entre a consciência e o mundo ao afirmar que toda consciência é sempre consciência de algo, o que “significa que não há consciência que não seja posicionamento de um objeto transcendente” (Sartre, 1943/2011, p. 22) ou ainda, que a consciência só “nasce tendo por um objeto um ser que ela não é” (Sartre, 1943/2011, p. 34). Fica evidente então, que em uma perspectiva sartriana, a consciência somente se dá em ato, ou seja, somente se dá na medida em que se transcende para alcançar um objeto e, pelo fato de se esgotar nessa posição (por ser pura e simplesmente relação às coisas), não pode ser compreendida como uma substância ou como uma estrutura psíquica dotada de interior ou conteúdos. É por isso que Sartre (1939/2005) afirma que nenhuma imagem física pode representar a consciência, exceto, talvez, a imagem rápida e obscura de um estouro.

Assim,

vimos que o absoluto de subjetividade, que é não substancial, não se sustenta em si mesmo, é *para-si*, já que a consciência é sempre consciência de algo, necessita, assim, das coisas transcendentais para existir, as quais ela *não-é*...Eis que o outro absoluto, o de objetividade, impõe-se, então, como indiscartável para a compreensão da realidade. Este absoluto não depende da consciência para existir, posto que é ser *em-si*; porém, por não ter alteridade, só aparece, só é reconhecido, só é organizado por uma consciência. Portanto, as duas regiões ontológicas que compõem a realidade ... são dois absolutos, porém *relativos* um ao outro. Relativos, porque, o primeiro (em-si) existe independente do segundo (consciência), mas só se organiza, só ganha sentido pela presença deste. O segundo (para-si) para existir depende da relação estabelecida com aquele (com as coisas), apesar de ser distinto dele. (Schneider, 2011, p. 92)

Esclarecidas as duas regiões ontológicas apresentadas por Sartre em sua ontologia – o Em-si e o Para-si – resta-nos agora o seguinte questionamento: o que podemos dizer sobre o ser do homem ou, como diria Heidegger, o ser da realidade humana?

Em sua ontologia, Sartre (1943/2011) descreve o homem como um ser que é Em-si-Para-si, ou seja, um ser que é simultaneamente corpo (Em-si) e consciência (Para-si), e não pode ser reduzido a nenhuma destas dimensões, já que não podemos vislumbrar um corpo sem consciência (salvo quando pensamos em um cadáver). Da mesma forma, não é possível imaginarmos uma consciência sem corpo vagando por aí. Ser corpo é o que possibilita a realidade humana estabelecer contato com o mundo; ser consciência é a condição para que possa estabelecer relações (Schneider, 2011), já que, como vimos anteriormente, a consciência é sempre consciência de algo, é pura e simplesmente relação com o que é exterior a ela. Assim, é justamente a sua estruturação psicofísica, ou seja, o fato de ser corpo-consciência que faz do homem um **ser relacional**.

Segundo Sartre (1937), existem diversos tipos e níveis de consciência que nos permitem estabelecer diferentes modos de relação com a realidade. Em sua obra intitulada *A Transcendência do Ego – esboço de uma descrição fenomenológica*, publicada na revista *Recherche Philosophique* em 1937, o filósofo apontou a existência de consciências irrefletidas (de primeiro grau) e reflexivas (de segundo grau). As primeiras têm como objeto as coisas a ela transcendentais, como a percepção que acontece quando nos relacionamos com algo ou alguém existente; e a imaginação que ocorre quando nos relacionamos com algo ou alguém ausente ou inexistente. Tais consciências “se absorvem no seu objeto e são, assim, não posicionais-de-si e não posicionais-do-eu” (Schneider, 2002, p. 201). Já as consciências reflexivas (ou reflexionantes), por sua vez, têm por objeto as consciências irrefletidas. Dessa forma,

somos obrigados, pois, a concluir: não há Eu no plano irrefletido. Quando corro atrás de um bonde, quando olho o relógio, quando me absorvo na contemplação de um retrato, não há Eu. Há consciência do bonde-adiante-prestes-a-ser alcançado, etc., e consciência não posicional da consciência. De fato, eu sou afinal atirado no mundo dos objetos, são eles que constituem a unidade de minhas consciências que se apresentam com valores, qualidades atrativas ou repulsivas, mas “mim”, eu desapareci, eu nadifiquei. Não há lugar para “mim” neste nível, e isto não provém do acaso, de uma falha momentânea de atenção, mas da própria estrutura da consciência (Sartre, 1937/2010, p. 193).

### 3.1.1 A relação com a materialidade

Segundo Schneider (2011, p. 114), “a relação com a materialidade que nos cerca é a primeira condição de existência de alguém”. Isso porque todos nós já nascemos inseridos em um momento histórico específico, em uma determinada sociedade, em um dado contexto econômico e produtivo, incluídos em um conjunto de relações sociais e familiares que nos fornecem as condições materiais de nossa existência. É inegável que uma pessoa que tenha nascido em uma família economicamente vulnerável tenha acesso a um contexto material diferente de outra pertencente a uma família de classe média-alta; da mesma forma, uma pessoa nascida no século XV vivenciou um contexto material radicalmente distinto de outra nascida no século XX; ou, até mesmo quando pensamos em um intervalo menor de tempo e comparamos pessoas nascidas no início do século XX com aquelas nascidas no início do século XXI, encontramos diferenças significativas nas condições materiais vivenciadas por elas, principalmente em virtude da Revolução das Tecnologias da Informação, que aconteceu no final do século XX, como foi mencionado anteriormente.

Por isso, é comum em nossos dias presenciarmos cenas em que filhos ou netos ensinam seus pais e avós a utilizarem equipamentos que não faziam parte do contexto material de suas gerações. Ainda, se pensarmos em uma pessoa que expressa seu luto no ambiente virtual, por exemplo, ela assim o faz porque o contexto material de sua época, caracterizado pelo fácil acesso às tecnologias de comunicação, lhe possibilita e até incentiva essa expressão. Em outros momentos históricos e em outras condições materiais tal fenômeno não era possível e as pessoas vivenciavam seus lutos de outras formas, tal como foi visto nos capítulos anteriores.

Dessa forma, podemos concordar com Freitas (2013, p. 101) quando afirma que

os fenômenos humanos estão sempre colocados em um panorama histórico e cultural, estão sempre “sujos de mundo”, portanto é preciso perguntar-se: de que mundo falamos? De que história? E para nós: de que morte e de que luto? É possível afirmar que independentemente da cultura dá-se uma mesma experiência de luto? (...) Estaríamos falando da mesma morte entre os índios sul-americanos (quais?) e um Europeu no século XIX ou um chinês do século XXI?

Não é difícil perceber que as condições materiais, antropológicas e sociológicas com as quais nos relacionamos desde no início de nossa existência não são por nós escolhidas. Não escolhemos em qual século ou em qual estrutura produtiva, econômica, social, cultural e familiar nascemos. Entretanto, ao longo de nossa existência, nos apropriamos singularmente destas condições e, neste processo de apropriação da objetividade, ou seja, no processo de interiorização da exterioridade, constituímos nossa subjetividade que imediatamente se objetiva através de nossos atos (práxis). É por isso que, em uma perspectiva sartriana, a

subjetividade só pode ser compreendida enquanto subjetividade objetivada, ou seja, enquanto resultante de um processo dialético de apropriação da objetividade e não como uma entidade em si ou uma estrutura mental sem qualquer relação com a exterioridade. Igualmente, só podemos compreender o sujeito como singular/universal, “o que quer dizer que é um indivíduo idiossincrático, mas também é fruto de seu tempo, das relações sociais que o engendraram, é um universal” (Schneider, 2002, p. 181). Desse modo, quando investigamos a forma como uma pessoa vivencia seu luto, por exemplo, temos acesso não só a sua vivência singular, particular, idiossincrática, mas também e, simultaneamente, aos valores sociais e culturais que podem estar envolvidos na vivência do luto em uma determinada época.

Sendo assim,

(...) para compreender o ser de um sujeito devemos, em primeiro lugar, verificar o contexto material, antropológico onde ele se encontra e, para tanto, investigar a *função* dos objetos em seu ser; pois o homem está mediado pelas coisas na exata medida em que as coisas estão mediadas pelo homem. Ou seja, a materialidade que o cerca, os objetos do seu mundo são fundamentais para ajudarem a definir seu ser, da mesma forma que os objetos só adquirem sentido porque o sujeito se relaciona com eles. (Schneider, 2011, p. 115., grifo do autor)

Em outras palavras, podemos dizer que ao se relacionar com a materialidade que o cerca, o sujeito lhe atribui sentidos, insere os objetos de seu mundo em uma determinada situação e em um contexto. E à medida em que estão inseridos em uma situação e em um contexto específico, os objetos passam a ter função sobre o ser do sujeito (Schneider, 2011).

A fim de demonstrar mais claramente a mediação da materialidade e dos objetos sobre o ser do sujeito e, mais especificamente, sobre sua dinâmica psicológica, Schneider (2011) recorreu ao exemplo dado pelo psiquiatra fenomenológico Van Den Berg em seu livro *O Paciente Psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica*:

É inverno. A noite está caindo e eu me levanto para acender a luz. Olhando para fora vejo que começou a nevar. Tudo está coberto pela neve brilhante, que está caindo silenciosamente do céu encoberto... Esfrego as mãos e aguardo a noite com satisfação, pois, faz alguns dias, telefonei a um amigo convidando-o a vir ter comigo esta noite. Dentro de uma hora estará batendo a minha porta ... Ontem comprei uma garrafa de vinho, que coloquei a distância apropriada do fogo ... Meia hora mais tarde toca o telefone. É o meu amigo, a dizer que não poderá vir. Trocamos algumas palavras e marcamos outro encontro para outro dia ... Quando torno a colocar o fone no gancho, o silêncio do meu quarto ficou mais profundo. As próximas horas se parecem mais longas e vazias ... Dentro de alguns momentos estou absorto num livro. O tempo passa lentamente. Ao levantar os olhos por um momento, para refletir sobre um trecho um pouco claro, a garrafa, perto do fogo, chama a minha atenção. Percebo mais uma vez que o meu amigo não virá e volto à minha leitura. (Van Den Berg, 1981, p. 36 citado por Schneider, 2011, p. 116)

Neste exemplo é possível perceber claramente o quanto a experiência do personagem com relação à ausência do amigo é mediada pelos objetos de seu mundo, pelas condições objetivas em que está inserido. A partir do momento em que o amigo afirma que não virá, as condições climáticas, o ambiente e os objetos que dele fazem parte mudam de situação, isto é, deixam de estar inseridos em um contexto de espera e expectativa e, com isso, passam a afetar o personagem de uma maneira diferente de como o afetavam anteriormente. O silêncio, outrora acolhedor, torna-se mais profundo e incômodo; o tempo passa mais lentamente e os objetos como a garrafa de vinho, por exemplo, não trazem mais alegria, mas tristeza pelo amigo que não virá. Nesse sentido, Schneider (2011) afirma que:

a função dos objetos sobre o ser dos sujeitos depende, portanto, do contexto em que se inscrevem, mas uma vez constituída essa relação de função se impõe objetivamente. Não é algo que está “na cabeça de cada um”, mas nas propriedades objetivas (materiais, antropológicas, sociológicas) dos objetos. (p. 117)

O exemplo dado por Van Den Berg permite-nos lembrar daquelas mães que passam a evitar a entrada no quarto dos seus filhos após a morte dos mesmos. Isso porque o mesmo ambiente, os mesmos objetos, pertences e vestimentas que em outro momento e em outro contexto traziam alegria e permitiam que estas mães se percebessem enquanto mães (com a função de zelar por aquele local para garantir o conforto e bem-estar de seus filhos), agora, ao estarem ali, inutilizados, podem trazer tristeza na medida em que remetem a ausência e a falta deste filho que não voltará mais. Tal exemplo, assim como o de Van Den Berg, demonstra também que a relação por nós estabelecida com a materialidade, com as coisas, com os objetos do nosso mundo não é uma relação solitária, e sim mediada pelos outros.

Além dos exemplos citados anteriormente, diversas outras situações de nosso cotidiano ilustram essa ligação eu-mundo-outro enfatizada por Sartre: quando frequentamos (ou evitamos) certos lugares porque nos lembramos de alguém; quando sentimos um cheiro que nos remete a uma pessoa querida como, por exemplo, o cheiro do bolo que era feito pela avó; quando guardamos os pertences daqueles que já partiram para que possamos ter a sensação de que aquela pessoa ainda está por perto, etc.

Compreendemos, com isso, o motivo pelo qual Sartre, ao debruçar-se sobre a relação indissociável entre o homem e o mundo, elevou a questão do Outro a uma posição central, pois “embora pudéssemos imaginar uma consciência sozinha no mundo, isso não acontece; cada homem existe no mundo com outros homens” (Perdigão, 1995, p. 136). Sobre isso, Boechat (2011, p. 26) aponta

o homem está longe de surgir como Robinson Crusóé, ou seja, corpo e consciência numa relação solitária com o mundo. Ao contrário, essa é uma trilha povoada e

articulada pela coexistência de uma infinidade de consciências. Múltiplas consciências, todas elas desveladas como consciências necessariamente livres, interrogantes, desejantes, significantes e historializantes; cada uma delas enfrentando a própria facticidade e a contingência que fundamenta sua aparição no mundo; cada uma delas sofrendo a exigência e a violência da inércia material circundante; cada uma delas, portanto temporalizando-se sobre o pano de fundo da problemática histórica.

Tais afirmações nos permitem compreender o que levou Sartre (1943/2011) a afirmar que a realidade humana, além de Para-si, é sempre e simultaneamente Para-outro. Ser-para-outro é, então, parte da facticidade do Para-si, já que, como postulado por Sartre (1943/2011), a existência do Outro é incontestável e nos alcança em nosso âmago.

Fica claro, portanto, o que Sartre nos diz sobre as relações com o Outro...

### *3.1.2 As relações com o Outro*

Ao nos debruçarmos sobre a teoria sartriana podemos perceber que nela a discussão sobre a intersubjetividade não só ganhou centralidade, mas também originalidade. Isso porque, diferente de outras correntes filosóficas, Sartre defendeu que “a nossa conexão fundamental com o outro não se trata de uma relação de conhecimento, nossa conexão é existencial” (Mendes-Campos, 2015, p. 93) ou, nas palavras do filósofo, “é uma relação concreta e cotidiana que experimento a cada instante: a cada instante o Outro me olha” (Sartre, 1943/2011, p. 332). É justamente neste ponto que nos deparamos com uma das maiores inovações da teoria sartriana sobre o Outro: o fenômeno do olhar.

Segundo Sartre (1943/2011, p. 332), “o Outro é, por princípio, aquele que me olha”. Mas o que significa ser visto pelo Outro? Para a teoria sartriana, ser visto é ser objetificado. Isso significa que quando o Outro nos olha, nos tornamos objetos aos seus olhos, ao passo em que ele [o Outro] nos atribui qualidades objetivas que, apesar de serem nossas, nos seriam inacessíveis sem o seu intermédio. A este respeito, Sartre (1970/1987) afirma que “para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro” (pp. 15-16), pois “o outro me ensina o que sou” (1943/2011, p. 352).

Assim, só estou capacitado a formular sobre mim um juízo objetivo, saber-me de determinado modo (vergonhoso, covarde, feliz, generoso, colérico, alto, gordo, feio, etc.), porque esse tipo de auto-conhecimento passa pelo Outro. Para obter um pensamento objetivo sobre mim, preciso da mediação do Outro. Ele é o intermediário indispensável que remete de mim a mim mesmo. Se eu estivesse sozinho no mundo, jamais teria como me atribuir qualidades. Eu me conheço objetivamente pelos conceitos que o Outro formula sobre mim. Aquilo que sei sobre mim (meu caráter, meu corpo) provém do modo como o Outro me vê. (Perdigão, 1995, p. 143)

Sendo assim, só posso ser considerada uma boa ou má professora na relação e a partir do olhar dos meus alunos; ou ainda, que eu tenha um grande desejo de ser uma boa mãe, só saberei realmente se meu desejo irá se concretizar quando tiver meus filhos que poderão emitir juízos com relação ao meu desempenho materno. Da mesma forma, é aos olhos de meus pais que sou considerada uma péssima ou excelente filha.

Como lhe era de praxe, Sartre (1943/2011) utilizou uma situação concreta e cotidiana, que praticamente todos nós já vivenciamos, para exemplificar o fenômeno de ser visto e objetificado pelo Outro: uma espionagem pelo buraco de uma fechadura. Imaginemos uma pessoa que observa uma determinada cena através do buraco de uma fechadura. Enquanto observa, o espião encontra-se totalmente absorvido pela cena observada, fica atento aos sons, às imagens, às pessoas, aos movimentos, aos objetos presentes do outro lado da porta. Podemos dizer, então, que ele está em uma consciência espontânea, ou seja, sua consciência está voltada para aquilo que está espionando. Eis que, de repente, o espião escuta passos ou vozes que lhe indicam pessoas se aproximando. Neste momento, o objeto de sua consciência modifica-se, deixa de ser a cena observada e passa a ser ele mesmo, sua consciência deixa de ser espontânea e passa a ser uma consciência posicional-de-si: o espião deixa de perceber o que está se passando por detrás da porta e volta sua atenção para si mesmo, para a posição constrangedora em que se encontra, para o papel que está desempenhando ao espionar, passa a refletir sobre sua atitude. A simples possibilidade de ser visto pelo Outro faz com que o espião se perceba com determinadas qualidades objetivas, tais como: curioso, enxerido, bisbilhoteiro, etc.

Constatamos, então, que é por meio do fenômeno do ser-visto que nos tornamos seres definidos, da mesma forma que os seres Em-si, os quais se esgotam em ser o que são e não se colocam jamais como outro a não ser si mesmo, conforme postulou Sartre (1943/2011). Um arbusto não ambiciona ser uma árvore de grande porte, assim como uma cadeira não deseja tornar-se uma mesa. Todavia, vemos na ontologia sartriana que, diferente dos seres Em-si que são o que são, são seres definidos e acabados, a realidade humana caracteriza-se pela indeterminação, pela incompletude, pelo fato de estar sempre em vias de se fazer e, a partir disso, encontrar um fundamento, garantia ou sentido para sua injustificável existência. É por essa razão que estamos sempre lançados em direção ao futuro, buscando a totalização e a completude de nosso Ser. É por isso também que não encontramos uma pessoa sequer que esteja plenamente satisfeita e realizada em todos os aspectos de sua vida. Há sempre algo para fazer, um sonho para concretizar, um curso para concluir, uma família para construir, um amor para encontrar e assim seguimos até o fim de nossa existência.

É justamente o fato de ser uma totalização-em-curso, um projeto ainda não realizado e em vias de se fazer que “impede que a própria pessoa se apreenda a si mesma como uma realidade objetiva dada e acabada – porque, como sabemos o Ser objetivo do indivíduo só existe para o Outro que o contempla do exterior” (Perdigão, 1995, p. 214). Por isso, é comum ouvirmos pessoas dizerem que não se percebem da mesma forma que os outros as percebem, pois a consciência projetiva impede que elas se vejam totalizadas e da forma como os outros a veem. Também encontramos pessoas que não se percebem como inteligentes, apesar dos esforços empreendidos pelos outros para prová-las de sua inteligência; encontramos pais que não se consideram bons, apesar de ouvir o contrário de seus filhos; encontramos pessoas que se consideram insuficientes para seus companheiros/as, sem que estes/as tenham se queixado de tal insuficiência, etc.

Frente ao caráter ontológico de indeterminação e incompletude que marcam a condição humana,

(...) encontramos no outro uma oportunidade de recuperar um sentido, uma vez que o outro nos fornece “um lado de fora”, um posicionamento objetivo, resultante do modo como aparecemos refletido em seu olhar. Essa objetividade dada pelo “lado de fora” abraça nossa liberdade e oferece uma forma fixa para nossa frouxa e movediça existência (Mendes-Campos, 2015, p. 95).

É por isso que podemos dizer que a experiência de sermos vistos e objetificados pelo Outro é, simultaneamente, angustiante e fascinante. Angustiante, pois não podemos exigir do Outro que pense de nós aquilo que queremos que pense, já que frente a ele não somos os “donos da situação”, como bem disse o filósofo. Fascinante, pois, frente à condição de indeterminação e incompletude que caracteriza a existência humana, encontramos no olhar do Outro uma apreensão sólida, acabada, finita de nós mesmos que jamais poderíamos atingir sozinhos devido à nossa consciência projetiva – e que da mesma forma nos alivia da também angustiante condição de existirmos como liberdade indeterminada que está sempre em vias de se fazer. Este caráter ambíguo da experiência de ser visto pelo Outro levou Sartre (1943/2011) a afirmar que “o Outro é para mim aquele que roubou meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que haja um ser, que é meu” (pp. 454-455).

Do mesmo modo que o Outro nos olha, nos objetifica e nos atribui qualidades objetivas, nós também olhamos para o Outro e atribuímos a ele uma objetividade resultante do modo como ele aparece aos nossos olhos. Portanto, ora somos objetos para o Outro, atitude que Sartre (1943/2011) nomeou de assimilação do Outro; ora fazemos o Outro de objeto frente aos nossos olhos, atitude denominada pelo filósofo de objetivação do Outro. Estas duas possibilidades de relação com o Outro, embora comuns e corriqueiras, levaram Sartre

(1943/2011) a afirmar que o conflito é o fundamento de todas as relações humanas. No entanto, apesar do caráter conflituoso, é inegável que o fenômeno de ser visto pelo Outro assume grande importância na constituição daquilo que somos. Segundo Mendes-Campos (2015, p. 109),

o outro possui, além de uma faceta infernal, outra, igualmente, necessária a nossa existência, uma vez que a própria possibilidade de estabelecermos uma compreensão sobre nós mesmos deriva dele. Ser-visto pelo outro se desvela, assim, como uma relação difícil, porém indispensável, pois somente estamos em condição de estabelecer uma apreensão objetiva sobre nós, na medida em que este autoconhecimento advém do outro.

Se o fenômeno de ser visto pelo Outro é não só importante, mas também necessário para a constituição daquilo que somos, o que nos acontece frente a sua morte? De acordo com Perdigão (1995, p. 153), “a morte do Outro sempre empobrece o que sou objetivamente (...) à medida que os Outros morrem, morre com eles um pouco mais daquilo que sou objetivamente no mundo”. Logo, perder o outro é, também, perder a si mesmo.

Vimos anteriormente que “o outro é, antes de tudo, o ser pelo qual adquire minha objetividade” (Schneider, 2011, p. 149), ou seja, pelo Outro sou posicionada objetivamente como filha, esposa, mãe, amiga, boa profissional, etc. Sendo assim, quando o Outro fenece, perdemos mais do que um ente querido, perdemos um pouco daquilo que somos objetivamente, tal como perdemos um modo de existir no mundo que era específico daquela relação, particular e única (Freitas, 2013).

Nas palavras de Freitas, Michel e Zomkowski (2015, p. 18),

não é apenas o outro que desaparece com sua história. É uma vida em comum que se interrompe, morremos “nós”, em largo sentido – eu e o outro. Com ele nós desaparecemos, nossa história conjunta, um modo específico de se expressar naquela relação, uma possibilidade de abertura de percepção de mundo, possibilidades de vivenciar um papel social, uma emoção, uma tarefa cotidiana. Ele morre em sua corporeidade, eu em minhas possibilidades de ser com ele, o “nós” enquanto temporalidade compartilhada.

Uma pessoa que perde seu/sua companheiro/a de toda uma vida, por exemplo, deixa de ser posicionada objetivamente como esposo/a e torna-se viúvo/a. Neste caso, perde-se muito mais do que um/a companheiro/a, perde-se também determinadas qualidades objetivas que lhe foram atribuídas naquela relação e, com isso, perde-se possibilidades de existir no mundo. Um/a viúvo/a, além de ter perdido o/a cônjuge e ter deixado de ser esposo/a, deixou também de ser o/a companheiro/a, o/a confidente, o/a provedor/a, o/a responsável pelos cuidados de saúde do/a amado/a, entre outros. E, considerando que buscamos sentido para nossa injustificável existência a partir do que somos e do que podemos ser na relação com

alguém (Freitas, 2013; Mendes-Campos, 2015), a perda deste pode representar o esvaziamento do sentido de nossa própria existência, aquilo que impele aos enlutados a buscarem novas formas e possibilidades de ser-no-mundo agora, sem este outro tão especial e único.

Vimos anteriormente que, além de ser um intermediário entre mim e mim mesmo, o Outro é também um mediador entre mim e o mundo. Seu desaparecimento não só provoca uma alteração na relação que estabeleço comigo, com a forma que me torno visível a mim mesma, mas também provoca alterações na forma com que me relaciono com o mundo, pois “o mundo que antes adquiriu um nome diante desse outro, perde sua potencialidade de se apresentar em seus modos habituais” (Freitas, Michel & Zomkowski, 2015, p. 22). Para exemplificar, podemos pensar em um filho que buscou ser brilhante em sua carreira profissional para ser bem remunerado e conseguir arcar com os tratamentos de saúde do pai portador de uma doença crônica. Considerando o pai como um mediador da relação do filho com o mundo do trabalho, sua morte pode representar para o filho mais do que a perda de um ente querido, mas a perda do sentido outrora atribuído ao trabalho. A morte, neste caso, impõe uma mudança na relação do filho com o pai, uma vez que não poderão se relacionar da mesma forma como se relacionavam anteriormente; uma mudança na relação do filho consigo mesmo, já que deixa de ser posicionado objetivamente como filho e como provedor e uma mudança na relação do filho com o seu trabalho que, a partir de agora, perde a sua principal finalidade, quer seja a de prover o sustento do pai e de seus tratamentos de saúde.

Além de empobrecer o que sou objetivamente e provocar alterações na relação que estabeleço com o mundo, “a morte do Outro me constitui em objeto irremediável” (Perdigão, 1995, p. 153). Isso porque, enquanto o Outro está vivo, tenho sempre a possibilidade de mudar a imagem que ele tem de mim, o que deixa de ser possível quando sua morte acontece. A morte do Outro petrifica o que fui *para ele*, ou seja, me engessa na posição de objeto que o Outro me posicionou por meio do seu olhar. Assim, se fui uma péssima filha, frente à morte dos meus pais, eu nada mais posso fazer para ser posicionada objetivamente de outra forma. É por isso também que, não raro, encontramos pessoas com dificuldades para lidar com os seus lutos, pois não solucionaram desavenças e pendências que tinham com o falecido e agora temem o fato de que a pessoa tenha partido levando consigo uma imagem ruim de quem ficou.

A partir do exposto é possível perceber que, apesar de Sartre não ter se debruçado sobre a temática do luto em sua obra, sua discussão sobre a intersubjetividade traz elementos que contribuem para um maior entendimento sobre a experiência vivenciada frente ao

aparecimento e, também, ao desaparecimento (a morte) do Outro. Todavia, considerando que o objetivo deste trabalho não se restringe a elucidar a vivência do luto, mas sua vivência em um ambiente específico – o ambiente virtual –, precisamos ir além da discussão sobre a intersubjetividade. Isso porque, como vimos anteriormente, o ambiente virtual ou o ciberespaço, como foi chamado por Lévy (1999), consiste em um espaço não físico ou territorial, composto por um conjunto de redes de computadores que possibilita o relacionamento entre uma infinidade de pessoas. Por isso, se desejamos aprofundar o entendimento sobre o luto neste ambiente, precisamos compreender não só como se dão as relações entre indivíduos, como também e, sobretudo, entre indivíduo-grupo ou indivíduo-sociedade.

### 3.1.3 A relação com os grupos sociais

Segundo Bettoni (2002), a busca de compreensão das relações que envolvem o indivíduo enquanto inserido na sociedade esteve presente em toda a trajetória intelectual de Sartre, desde seus ensaios e obras de cunho fenomenológico publicadas no início de sua carreira até a *Crítica da Razão Dialética* (1960), sem excluir os romances e peças de teatro. Isso nos permite compreender o motivo pelo qual Sartre (1960/1987, p. 170) afirmou que “o objeto do existencialismo (...) é o homem singular no campo social”.

Contudo, apesar de presente em toda a produção de Sartre, foi na *Crítica da Razão Dialética* (1960) que a relação indivíduo-sociedade foi profunda e exaustivamente abordada. Nesta obra e, especialmente, em sua introdução intitulada *Questão de Método*, o filósofo apresentou uma nova antropologia que concebe a realidade humana sob o ponto de vista histórico e dialético; abordou sobre as relações dialéticas do homem com a matéria e dos homens entre si e demonstrou como se formam e se desintegram os grupos sociais, dos mais efêmeros aos mais complexos, sem perder de vista a práxis individual como mola propulsora de toda ação de grupo e do movimento histórico geral.

Vimos anteriormente que em *O Ser e o Nada* (1943) Sartre demonstrou, no plano ontológico, a dependência do Para-si (consciência) em relação ao Em-si, já que a consciência é sempre consciência de algo que ela não-é, ou seja, é sempre consciência de algo transcendente a ela. Da mesma forma, mas levando seu raciocínio para o plano prático, na *Crítica da Razão Dialética* (1960) Sartre afirmou que a primeira e mais rudimentar relação do homem com a materialidade se dá para satisfazer uma necessidade que, segundo Bettoni (2002, p. 68),

não é simplesmente um estado de falta ou deficiência, mas um estado de dependência do homem frente ao mundo que vive: o homem é lançado no mundo e dependente dele. Sendo assim, a necessidade é característica específica do homem, marcando tanto a sua relação com as coisas quanto com os Outros.

A satisfação das necessidades exige trabalho<sup>27</sup>, ou seja, práxis. A práxis consiste na ação realizada sobre uma dada situação objetiva visando sua superação por uma nova situação objetiva que foi projetada subjetivamente como um futuro a realizar. Assim, o trabalho (a práxis) realiza-se por um duplo movimento que Sartre (1960/1987) chamou de interiorização do exterior e exteriorização do interior. Na interiorização do exterior ocorre a apreensão da realidade material circundante como um campo que, para atender uma necessidade, precisa ser trabalhado, transformado e superado; já a exteriorização do interior consiste na ação sobre este campo visando sua transformação em uma nova realidade que possa satisfazer aquela necessidade. Por meio desta ação, o homem deixa marcas de si na realidade trabalhada, o que é o mesmo que dizer que ele a humaniza. Tais marcas dão origem a um campo que foi nomeado por Sartre (1960/1987) de Prático-Inerte: prático, pois como o próprio nome evidencia, é construído pela ação prática dos homens; e inerte, pois os resultados das ações que o engendraram já se encontram acabados e cristalizados. O Prático-Inerte consiste, então, em “um mundo objetivo que o homem, ao nascer, encontra pronto e fixado por ações produzidas antes de sua existência” (Bettoni, 2002, p. 69).

Segundo Sartre (1960/1987, p. 153),

É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a História: seu projeto toma, então, uma realidade que o agente talvez ignore e que, pelos conflitos que ela manifesta e que engendra, influencia o curso dos acontecimentos.

A compreensão dos movimentos de interiorização do exterior e exteriorização do interior nos permite entender a afirmação de Sartre (1960/1987) de que o homem é um produto de seu produto, o que significa dizer que ele é produzido e condicionado por uma realidade material, social e histórica antes produzida por sua própria ação, ou seja, pela ação humana. “O homem é, dessa forma, produzido por uma sociedade que ele mesmo ajuda a produzir e que, muitas vezes, nela não se reconhece, por dela se alienar” (Schneider, 2011, p. 152).

O fato de o sujeito não se reconhecer como produtor de seu contexto sócio-histórico acontece, pois tal contexto é produzido também por outros sujeitos, ou seja, é produzido

---

<sup>27</sup> “Entenda-se aqui ‘trabalho’ não como ofício ou profissão, serviço remunerado ou assalariado, mas no sentido fundamental de aplicação de uma atividade coordenada necessária ao cumprimento de uma tarefa, à obtenção de um fim” (Perdigão, 1995, p. 185).

coletivamente. Assim, muitas vezes, a história lhe escapa, foge ao seu controle ou toma um rumo diferente daquele projetado por ser fruto de práticas de outros sujeitos. Sobre isso, o filósofo afirma:

assim, o homem faz a História: isso quer dizer que ele se objetiva nela e nela se aliena; neste sentido, a História, que é obra própria de *toda* a atividade de *todos* os homens, aparece-lhes como uma força estranha na medida exata em que eles não reconhecem o sentido de sua empresa (mesmo localmente eficaz) no resultado total e objetivo (Sartre, 1960/1987, p. 150., grifos do autor).

O não reconhecimento de si como produtor da história pode ser exemplificado com as seguintes situações: quando não nos identificamos e não concordamos com as políticas implantadas por um governo que constrói a história do país a partir de projetos e ideais contrários aos nossos; quando atuamos em um local de trabalho que tem uma missão institucional muito divergente daquilo que acreditamos; quando, apesar de cuidar das condições sanitárias de nossas residências, vemos nosso bairro ser assolado por uma epidemia desencadeada por maus hábitos sanitários, etc.

A esta altura já está mais do que evidente que a ação prática do sujeito sobre a matéria visando sua transformação não se dá em um meio isolado, mas em meio a outros sujeitos que também agem sobre a matéria e, com isso, participam da construção da história coletiva. Segundo Schneider (2011, p. 154):

os sujeitos nunca estão isolados, mesmo uma pessoa sozinha está sempre inserida em uma rede de relações humanas, seja para se alimentar, para se vestir, para trabalhar, para pensar seu mundo, enfim, para ser. Por outro lado, nem toda reunião de pessoas significa, necessariamente um grupo. Há diferentes estruturas nas quais ocorre o agregamento de indivíduos, sendo que estes diversos níveis de tecimento social vão consolidando as estruturas da sociedade.

A forma mais primária de agregamento de indivíduos foi denominada por Sartre (1960/1979) de **série** ou **coletividade serial**. A série consiste em uma simples reunião de pessoas que buscam atingir seus objetivos isoladamente, sem estabelecer relações entre si, o que nos permite dizer que ela é composta por uma pluralidade de solidões. Assim, por mais que os indivíduos que a compõem utilizem dos mesmos meios para realizarem seus projetos, não há entre eles uma práxis comum, assim como não há o estabelecimento de uma identidade coletiva, ou seja, cada um é cada um. É por isso que Schneider (2011, p. 155) afirma que “a marca da serialidade é, portanto, a *alteridade*” (grifos do autor).

A fim de demonstrar em que consiste uma coletividade serial, Sartre (1960/1995) utilizou o exemplo de uma fila de pessoas no ponto de ônibus. Segundo o filósofo, “*esas personas no se preocupan las unas por las otras, no se dirigen la palabra, y en general ni se*

*observan; existen unas junto a otras al lado de una parada de òmnibus*”<sup>28</sup> (Sartre, 1960/1995, p. 396). É possível, inclusive, que algumas delas preferissem estar sozinhas a estar em companhia de outras pessoas. O exemplo dado por Sartre evidencia claramente o fato de que na série a união dos indivíduos é por exterioridade, isto é, é imposta de fora e não pelo livre projeto de cada um. Assim, “é o ônibus, objeto material e exterior, que determina esta ordem serial. O ônibus, como ser comum e exterior a cada um, produz a série, vinculando indivíduos numa série onde cada um é um número qualquer do conjunto” (Rubini, 1999, n.p).

Além do exemplo citado pelo filósofo, existem inúmeros outros coletivos que fazem parte de nosso cotidiano e que podem ser caracterizados como uma série. É o que acontece com os moradores de um condomínio, por exemplo, que se encontram com frequência, utilizam os mesmos meios para atingirem seus objetivos (o elevador, a lixeira, a área de lazer, etc.), mas não estabelecem trocas entre si e, algumas vezes, sequer se cumprimentam. Da mesma forma, podemos encontrar funcionários que dividem o mesmo espaço de trabalho, utilizam os mesmos equipamentos (telefone, impressora, etc.), mas não se tecem entre si. Não raro, também nos deparamos com membros de uma mesma família que, ainda que residam no mesmo local, vivem na mais completa serialidade, “seus membros almoçam juntos todos os dias, trocam presentes no Natal, conversam banalidades, mas não se colocam efetivamente como mediação, como viabilizadores do ser dos demais” (Schneider, 2011, p. 154).

Assim como no mundo *offline*, no ambiente virtual também encontramos inúmeros exemplos de coletividades seriais. As redes sociais são repletas de coletivos, compostos por pessoas com interesses comuns, mas que não estabelecem trocas entre si. É o que acontece com os grupos que contam com uma infinidade de membros que sequer se conhecem e só se encontram reunidos para obterem as informações que necessitam para atingir seus objetivos e projetos individuais. As páginas ou grupos destinados a fornecer aos seus membros informações sobre uma determinada patologia que os acomete – “Doenças raras”, “Convivendo com doenças autoimunes e síndromes raras”, “Conversando sobre o câncer de mama” – podem ser bons exemplos de coletividades seriais. Isso porque, é possível que inexista qualquer forma de tecimento entre seus membros e que cada um as integre somente para ter acesso a informações que lhes permitam lidar individualmente com seus diagnósticos, ou de seus familiares, da melhor maneira possível. Além disso, alguns aplicativos como o *WhatsApp*, por exemplo, contam, inclusive, com uma ferramenta que autoriza somente

---

<sup>28</sup> Essas pessoas não se preocupam umas com as outras, não se dirigem a palavra e em geral não se observam, existem umas junto a outras ao lado de uma parada de ônibus (Tradução livre).

o(s)/a(s) administrador(es)/(as) do grupo a se expressarem, o que inibe o relacionamento entre os demais membros e, conseqüentemente, os mantém na mais completa serialidade.

Todavia, é possível que, em função do surgimento de uma necessidade, ameaça ou perigo comum, as pessoas que compõem uma coletividade serial modifiquem a forma como se relacionam entre si, passando a atuar em conjunto e não mais como uma pluralidade de solidões agindo isoladamente. Neste momento, há o surgimento da experiência psicológica do “nós”, o ocorrer quando nos sentimos em comum com os outros. Tal experiência aparece sob duas formas diversas: a primeira, denominada de “nós-sujeito”, acontece quando eu e o(s) outro(s) visamos algo comum que se encontra além de nós, por exemplo, quando assistimos a um show, a uma partida de futebol, etc. Ao mesmo tempo em que assistimos ao show ou a partida de futebol temos consciência não-posicional de que os outros também o assistem, de que somos “nós” os espectadores, os torcedores. A segunda forma, chamada de “nós-objeto”, acontece quando eu e o(s) outro(s) somos vistos por um terceiro excluído da nossa relação que, de fora, nos unifica em uma unidade objetiva que só pode ser apreendida a partir do olhar deste terceiro (Perdigão, 1995). “Assim como nada sou sem o olhar do Outro, não somos ‘nós’ – operários, brasileiros, judeus, etc. – sem a observação do terceiro excluído” (Perdigão, 1995, p. 209). Repete-se, desta forma, o fenômeno da objetividade dada pelo olhar do Outro, já mencionado anteriormente, porém, em escala coletiva.

Exemplo disso é a ‘consciência de classe’. A classe oprimida não se constitui como tal por causa de condições anteriores (dureza de trabalho, baixo nível de vida, sofrimentos padecidos). Estas condições tenderiam a produzir, ao contrário, a desunião, jamais o ‘nós’. A consciência da classe oprimida se forma porque cada integrante capta a sua condição e a dos demais como vistas por consciências alheias, terceiros excluídos (no caso, a classe opressora) para quem este conjunto de pessoas existe como objeto de observação. (Perdigão, 1995, p. 208)

Esta nova forma de relacionamento entre pessoas que acontece “a partir de uma necessidade ou de um perigo comum e se define pelo objetivo comum que determina sua práxis comum” (Sartre, 1960/1979, p. 14-15), foi considerada por Sartre (1960/1979) como a forma mais elementar de grupo e denominada de **grupo-em-fusão**.

Segundo Perdigão (1995, p. 213),

para que possa vir a existir algo como um grupo-em-fusão, é preciso que pessoas que atuam juntas em um determinado campo Prático-Inerte, unificadas por um terceiro excluído e um perigo comum, sintam juntas, livremente e por si, a urgência de mudar a situação em uma práxis comum, reconhecendo a ação do grupo como único método eficaz de vencer o isolamento, suas rivalidades, e assim liquidar o Prático-Inerte para sobreviver.

Imaginemos que os moradores de um condomínio sintam-se ameaçados por um perigo comum a todos, como por exemplo, o aumento da incidência de casos de dengue entre condôminos. Frente a esta situação, os moradores que sequer se cumprimentavam passam a unir esforços para combater o perigo iminente. Conversam entre si, trocam conhecimentos sobre formas de prevenção, discutem sobre a melhor solução, etc. Surge, então, uma nova forma de relacionamento e uma práxis comum, que não acontecia quando viviam na serialidade.

Além do surgimento da práxis comum, outra diferença entre a série e o grupo-em-fusão está relacionada ao fato de que na primeira a união se dá por exterioridade e, no segundo, a união é por interioridade; ou seja, parte dos próprios membros do grupo que se unem espontaneamente em função dos acontecimentos. É importante ressaltar que embora espontânea, a união dos membros de um grupo-em-fusão não é intencionada, isto é, não há uma intenção que antecede e a possibilita, ela se torna necessária em função dos acontecimentos, quando os membros percebem que isolados não são capazes de combater o perigo que os assola. Sobre isso, Sartre (1960/1979) afirma que a unidade dos membros do grupo-em-fusão é praticada e dada pela ação grupal, ou seja, pela unidade das ações.

Tal como a série, os grupos-em-fusão também podem ser encontrados com facilidade no ambiente virtual. Se pensarmos nos grupos de pacientes portadores de determinadas patologias mencionados anteriormente, é possível que frente à morte de um membro, os demais deixem a serialidade que se encontravam e se mobilizarem em prol de uma ação comum, como prestar apoio aos familiares enlutados pela morte do membro falecido ou auxiliá-los a pressionar os governantes para que disponibilizem melhor acesso ao tratamento para as pessoas acometidas por tal patologia. Contudo, é importante reiterar o que já foi dito antes: da mesma forma que no mundo *offline*, nem toda reunião de pessoas significa, necessariamente, um grupo. A este respeito, Schneider (2011, p. 153) aponta ser importante:

(...) distinguir relações sociais (participar de certos grupos, relacionar-se com as mais diversas pessoas) de relações sociológicas, relações de mediação, que comprometem meu ser num projeto de ser, definem meu espaço muito além do social, numa dimensão de mútuas implicações de ser. As relações meramente sociais fazem parte de nosso cotidiano, são parte constitutivas do sujeito, mas não são as definidoras do nosso ser.

Uma vez sanada a necessidade ou extinto o perigo comum que motivou o nascimento do grupo, extingue-se a necessidade da práxis comum. Com isso, o grupo se vê exposto a um novo perigo, agora não mais externo a ele, mas interno: o de dissolver-se em práticas individuais e retornar à coletividade serial que o originou. A fim de impedir o retorno à série,

os membros do grupo adotam uma medida para sustentar o elo grupal: o **juramento** que, segundo Schneider (2011, p. 156), “nada mais é do que uma invenção prática para a sobrevivência do grupo diante do perigo da dissolução”. Pelo juramento todos os membros dão e recebem garantias uns dos outros com relação à permanência no grupo e se comprometem, livremente, a não abandoná-lo independente da circunstância. Para que seja eficaz, o juramento deve ser mantido por todos enquanto terceiros mediadores uns dos outros. Porém, pelo fato de ser um exercício de livre escolha, o juramento pode a qualquer momento ser quebrado. Segundo Perdigão (1995, p. 238), “a livre práxis individual é o único meio possível para que um grupo tenha vida, continuidade de ação. Mas, também, essa mesma liberdade acaba sendo o único obstáculo capaz de impedir a unidade do grupo”. Frente a uma possível insuficiência do juramento, o grupo se coloca novas exigências, buscando uma maior estruturação e organização, fazendo surgir uma nova estrutura social denominada por Sartre (1960/1979) de **grupo organizado**.

Diferente do grupo-em-fusão, em que os membros fazem de tudo e agem espontaneamente e de maneira homogênea, no grupo organizado, como o próprio nome diz, há uma organização, uma clara distribuição de funções e tarefas entre os membros, imprescindíveis para que o perigo comum seja vencido e o objetivo comum atingido. Assim, o grupo organizado é aquele que se trabalha, que se toma como objetivo em função de seus propósitos. Segundo Bettoni (2002, p. 72),

após descobrir na materialidade as exigências a serem trabalhadas, o grupo se desdobra em várias ocupações, onde tarefas são distribuídas entre seus membros que agora passam a cumprir múltiplas práxis individuais. As ações passam a ser mutuamente necessárias umas às outras, e a práxis comum só pode ocorrer por causa das práxis individuais que a integram, ou seja, cada membro compreende que sua função é necessária às funções dos outros membros, e vice-versa.

Os times de determinadas modalidades esportivas como futebol, voleibol e handebol podem ser alguns dos exemplos de grupos organizados. Nestas modalidades, os jogadores buscam vencer o perigo comum – a derrota frente ao adversário – cumprindo funções específicas (atacante, goleiro, zagueiro, levantador, etc.) que “não apresentam qualquer sentido a não ser em conjunto com todos os atos dos demais jogadores de sua equipe” (Sartre, 1960/1979, p. 122). Outro exemplo pode ser um grupo de operários que atua na linha de produção de uma indústria, em que cada um exerce uma função específica, imprescindível para a função do outro e, principalmente, para a execução da práxis comum (que neste caso, é a produção de um determinado produto). A distribuição de funções e a tarefas permite que a criação do produto aconteça de forma muito mais ágil do aconteceria caso fosse realizada por

um único operário que executasse todas as etapas da produção. Isso nos permite afirmar que o grupo organizado, pelo seu alto grau de complexidade, é como uma potencialização da práxis individual, já que por meio dele obtêm-se resultados que nenhum indivíduo alcançaria sozinho (Perdigão, 1995).

Assim como no mundo *offline*, no ambiente virtual também encontramos grupos organizados. Os idealizadores/administradores de uma determinada página ou grupo no *Facebook*, por exemplo, podem constituir-se em um grupo organizado quando se organizam entre si e dividem tarefas primordiais para que o grupo cumpra com o seu objetivo. Se pensarmos novamente no grupo de pacientes portadores de determinada patologia, podemos imaginar que um de seus administradores seja o responsável por aceitar os novos membros e explicar as regras do grupo, e o outro com a função de buscar informações relevantes sobre a patologia e encaminhá-las para um terceiro administrador que, em posse de tais informações, desenvolverá uma arte digital para compartilhá-las de maneira mais didática aos demais membros do grupo. É possível ainda que um quarto administrador fique responsável por excluir os membros que desrespeitem alguma regra do grupo. Todavia, vale ressaltar que diferentes estruturas sociais podem coexistir em um mesmo espaço (virtual ou não). Assim, pensando no ambiente virtual, é possível que exista, em uma mesma página ou grupo, coletividades seriais (os membros) e grupos organizados (administradores).

O fato de realizar a práxis comum a partir de práxis individuais traz ao grupo organizado uma nova ameaça de dissolução e retorno à série. Isso porque, com o estabelecimento das funções, os membros não precisam mais se ver, se conhecer e estabelecer contatos permanentes, logo, a mediação direta entre eles deixa de ser tão necessária quanto em momentos anteriores, já que as funções estão estabelecidas e impostas de fora, cabendo aos membros somente cumpri-las. O grupo corre novamente o risco de voltar a ser caracterizado pela alteridade, que ocorre quando cada um é cada um. Frente a isso,

é preciso que o grupo incorpore novas medidas, mais poderosas inclusive do que sua organização. Por isso, a práxis de cada indivíduo se torna um processo visando um fim comum, o de tornar o grupo organizado uma *instituição*. O processo seria algo como o reverso da práxis: as estruturas inertes da serialidade assumem cada vez mais um poder maior e as ações dos indivíduos vão se tornando cada vez mais passivas. Em outras palavras, quando a práxis comum vira processo, surge o *grupo institucionalizado*. (Bettoni, 2002, p. 73., grifos do autor)

Esta nova forma estrutura social – que tem como seus exemplos o Exército, a Igreja, os partidos, etc. (Sartre, 1960/1979) – se caracteriza por ser um sistema fechado, estático, facilmente identificável pela rigidez de suas leis e códigos de conduta e pela redução das

práxis individuais a limites severos. As ações de seus membros tornam-se mais passivas para que não sejam encaradas como passíveis de suspeita ou punição. Por isso, devido à negação da liberdade de iniciativa e de ação a que se submete, o indivíduo que compõe o grupo organizado deixa de ser insubstituível, pois qualquer um pode ocupar o seu lugar e executar sua função. De igual forma, deixa de ser essencial, já que não detém mais nenhum poder que, agora, encontra-se centralizado em um único indivíduo ou subgrupo, ao que Sartre (1960/1979) nomeou de **soberano**. Este, por meio de seu poder coercitivo, impõe ao grupo determinadas tarefas/obrigações, novas formas de organização e de reciprocidade entre os membros a fim de, com isso, assegurar a permanência do grupo. Porém,

o soberano se ilude ao supor que encarna uma práxis comum, quando somente ele pode e deve ser livre para dar ordens e corrigir o grupo, realizando a sua liberdade através da ação dos subordinados. Ao querer criar uma unidade, apenas produz um rebanho de partículas inertes que acatam ordens, apenas realiza uma “unificação de alteridades”, tentando fazer uma totalização-em-curso do que já não passa de uma passividade sem progresso, buscando concretizar uma práxis comum quando só impõe a sua práxis individual, consolidar um grupo quando o que existe agora é só uma coletividade serial. (Perdigão, 1995, p. 246)

A partir do exposto é possível perceber que o processo grupal, com seus diferentes momentos que abarcam desde o nascimento até a petrificação, ocorre de maneira circular, já que o grupo nasce da série e a série retorna, mesmo que durante sua existência tenha vivido atuando contra ela. Todavia, a circularidade do processo grupal não confere ao grupo o *status* de um Ser acabado, totalizado, mas antes de uma totalização-em-curso, algo que só se totaliza quando deixa de existir, exatamente como ocorre com os indivíduos que o compõem. Enquanto existe, o grupo é ação. É ação sobre a matéria visando sua transformação em prol de um objetivo comum aos seus membros e, concomitantemente, é ação sobre si em um trabalho incessante de organização e reorganização que lhe permita resistir às constantes investidas do mundo serial (Perdigão, 1995). Neste sentido, entende-se o motivo de o grupo ser definido por Sartre (1960/1979) como ato e não como ser.

Convém esclarecer também que o processo grupal não acontece necessariamente na ordem descrita por Sartre e reproduzida no presente trabalho. Tal ordenação se presta a fins didáticos, mas é possível que o grupo não passe por todos os momentos aqui descritos, muito embora a passagem do agrupamento à petrificação seja inevitável (Perdigão, 1995).

Apesar de imprescindível, o esclarecimento dos conceitos da filosofia sartriana e dos aspectos universais que circundam nosso objeto de estudo, realizado neste capítulo e nos anteriores, não é o suficiente para alcançarmos a compreensão que aqui nos propomos. Sendo assim, nos dedicaremos a partir de agora a elucidar os aspectos relativos à singularidade,

entendendo o singular enquanto realização do universal na vivência particular e, simultaneamente, enquanto suporte para a construção do universal.

## CAPÍTULO 4- A PESQUISA DE CAMPO

### 4.1 OS PARTICIPANTES

A fim de atingir ao objetivo aqui proposto – investigar a vivência de pessoas enlutadas que buscam/buscaram o ambiente virtual frente a uma situação de perda de um ente querido – contamos com a contribuição de oito participantes que se dispuseram a compartilhar sobre a experiência de vivenciar o luto nas redes e mídias sociais virtuais (*Facebook, Instagram, blogs, etc.*), conforme descrito no quadro abaixo:

*Quadro 1- Caracterização dos/as entrevistados/as*

Nome <sup>29</sup>	Sexo	Idade	Quem perdeu?	Há quanto tempo?	Causa da morte	Rede/Mídia Social utilizada
Regiane	F	33	Sobrinha	5 anos	Pneumonia	Facebook Blogs
Edna	F	31	Marido	2 anos e meio	Acidente automobilístico	Instagram
Alice	F	36	Mãe	5 anos	Câncer	Facebook
Mariane	F	29	Mãe	5 anos	Câncer	Facebook
Andressa	F	34	Amiga	1 ano e meio	Acidente automobilístico	Facebook
Maurílio	M	31	Mãe	5 anos	Câncer	Facebook
Francine	F	36	Mãe	2 anos e 3 meses	Aneurisma	Facebook
Mônica	F	42	Filho	7 anos	Morte súbita	Facebook

Fonte: Elaboração própria, 2021

A busca pelos participantes se deu a partir do contato da pesquisadora com amigos e conhecidos que, cientes do tema e do objetivo da pesquisa, indicaram pessoas conhecidas por eles que utilizam ou já utilizaram as redes e mídias sociais virtuais para se expressarem com relação às suas perdas e lutos. As pessoas indicadas foram contatadas pela pesquisadora por meio das redes sociais utilizadas por elas. Neste primeiro contato, foi feito o convite para participarem da pesquisa, assim como foram realizados esclarecimentos sobre os objetivos e os procedimentos posteriormente adotados para a realização da entrevista.

Considerando que “a vivência do luto está vinculada à qualidade da relação que havia com o morto” (Freitas & Michel, 2014, p. 274), o único critério utilizado para seleção dos participantes era que tivessem um vínculo considerado significativo com a pessoa que faleceu, independentemente do tipo do vínculo (familiar, conjugal, parental, de amizade, etc.). Assim,

<sup>29</sup> Tanto os nomes dos entrevistados, quanto os nomes de pessoas citadas por eles nas entrevistas foram substituídos por nomes fictícios como forma de preservar-lhes a identidade.

tivemos entre os entrevistados uma mãe que perdeu um filho, filhos que perderam mães, uma esposa que perdeu o cônjuge, uma tia que perdeu a sobrinha e uma mulher que perdeu uma grande amiga.

Também não selecionamos participantes de alguma identidade de gênero específica, de algum período específico do desenvolvimento humano ou que fossem usuários de uma determinada rede social, por acreditarmos que a diversidade do público estudado e o contraste entre gerações poderiam trazer dados significativos de análise passíveis de serem aprofundados e aprofundados na presente pesquisa ou em estudos posteriores.

Da mesma forma, a circunstância da morte (natural, por doença, acidental, violenta, etc.) ou o tempo transcorrido desde o seu acontecimento não foram usados como critérios de seleção dos participantes. Isso porque, ainda que estejamos cientes de que algumas variáveis envolvidas na morte podem contribuir para o desenvolvimento de um luto complicado, entendemos que a flexibilização dos critérios de seleção dos participantes, além de trazer informações que podem enriquecer os dados e suas análises, constitui-se também como uma forma de cuidado e acolhimento com todos aqueles que se prontificaram a contribuir com a pesquisa, os quais teriam seus lutos reconhecidos independentemente do tipo de vínculo, das circunstâncias da morte ou do tempo transcorrido desde sua ocorrência.

Apesar de optarmos pela flexibilização dos critérios de seleção e de estarmos cientes que o luto pode estar relacionado a diversos tipos de perdas, optamos por explorar somente lutos pela morte de um ente querido. Assim, a presença de lutos em decorrência de outras perdas (separação conjugal, perda de bens materiais, imagem e função corporal, papéis ou ocupação, planos e expectativas de futuro, etc.) configurou-se como principal critério de exclusão de possíveis participantes.

Apesar de a morte ainda ser um tabu em nossa sociedade ocidental, tal como visto anteriormente, cremos ser importante mencionar que não tivemos dificuldades em encontrar pessoas – principalmente mulheres jovens – interessadas em contribuir com a pesquisa. A maioria dos entrevistados/as, quando alertados/as pela pesquisadora sobre os possíveis desconfortos emocionais que poderiam ser gerados pela entrevista, alegou que gostaria de dar continuidade a sua participação e, muitos deles, ao final da entrevista, agradeceram pela oportunidade de poderem se lembrar de uma pessoa que foi de grande importância em suas vidas e de compartilhar suas experiências, agora “eternizadas” em uma pesquisa que será disponibilizada publicamente.

## 4.2 O INSTRUMENTO

Como instrumento para coleta dos dados junto aos entrevistados, fizemos uso de **entrevistas semi-dirigidas** realizadas somente após a aprovação da pesquisa pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá, e a autorização dos participantes registrada por escrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo segue em anexo.

As entrevistas aconteceram ao longo do ano de 2018, em locais escolhidos pelos próprios entrevistados, previamente orientados pela pesquisadora a escolher um ambiente propício à abordagem do tema, onde os mesmos se sentissem à vontade e que também garantisse o sigilo e a confidencialidade exigida pela pesquisa. A maioria das entrevistas aconteceu no domicílio dos participantes e no consultório de psicologia da pesquisadora, uma vez que alguns dos entrevistados não se sentiram à vontade para serem entrevistados em suas residências, devido ao risco de interrupções pelos membros da família.

O roteiro das entrevistas era composto pelos seguintes questionamentos: 1) Conte-me sobre a sua experiência de perda de seu ente querido; 2) O que te levou a buscar as redes sociais virtuais frente a esta perda? e 3) Fale-me sobre sua experiência nas redes sociais virtuais na relação com o seu luto. Tal roteiro foi conduzido de maneira flexível pela pesquisadora que, em algumas entrevistas e quando houve a necessidade, incluiu novos questionamentos que possibilitaram um maior aprofundamento sobre a temática. Além disso, os entrevistados também puderam trazer conteúdos que consideravam relevantes, mas que não foram contemplados nas respostas das questões disparadoras.

As entrevistas foram gravadas mediante autorização e, posteriormente, transcritas para fins de análise. Nas transcrições e discussões decorrentes delas os nomes dos participantes e de outras pessoas mencionadas por eles foram substituídos por nomes fictícios, de modo a garantir-lhes sigilo e anonimato.

## 4.3 DESCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

### *4.3.1 Descrição da entrevista de Regiane*

Regiane é uma mulher de trinta e três anos que relatou ter passado por muitas perdas significativas em sua vida. Porém, considera que a perda mais impactante aconteceu há cinco anos, quando Bárbara, sua sobrinha de três anos de idade, faleceu devido a uma pneumonia.

Regiane era uma das responsáveis pela criação desta sobrinha e, por isso, considerava-a como uma filha. Segundo Regiane, a morte de Bárbara foi um choque para toda a família pelo fato de ter acontecido repentinamente.

*Bem (...) se tem uma coisa nessa vida que eu tive foi perda, né? O meu Deus do céu! Mas a que mais me impactou foi a da Bárbara que é minha sobrinha de três anos de idade que faleceu de pneumonia já faz cinco anos. Foi muito de repente, então foi um choque para todos nós.*

Após a morte da sobrinha, Regiane, que já era usuária de redes e mídias sociais digitais, ingressou em um grupo do *Facebook* chamado “Mães Sem Nome”. Tal grupo não era de seu conhecimento e lhe foi indicado por uma tia. Regiane relatou que, além do *Facebook*, passou a visitar com mais frequência *blogs* que esclareciam algumas dúvidas que passaram a afligir durante o seu período de luto.

Ao longo da entrevista, Regiane abordou com quais finalidades buscou o ambiente virtual após ter passado pela perda mais significativa de sua vida. A necessidade de “buscar conhecimento” sobre a vida após a morte foi o primeiro ponto abordado por ela. Para adquirir o conhecimento de que necessitava, Regiane conversou com representantes de diversas crenças religiosas, tais como evangélicos, católicos e espíritas. A conversa com os primeiros se deu de maneira presencial, já os espíritas foram contatados por meio de *blogs* sobre o espiritismo, uma vez que a entrevistada não conhecia nenhum representante desta crença que pudesse sanar suas dúvidas e auxiliá-la em sua busca por conhecimento.

*O que me levou foi buscar conhecimento. Além do Facebook, que eu usei muito, eu usei até blogs de...eu fui buscar todas as religiões para saber onde ela estava e como ela estava. Então, como eu não conheço nenhum espírita, eu busquei em blogs ... assim como eu procurei evangélicos, assim como eu procurei um padre, só que esses foi presencial, não foi na rede.*

A possibilidade de adquirir conhecimentos de maneira rápida e fácil foi um dos principais atrativos da *Internet* desde o seu surgimento, tal como visto nos capítulos anteriores. Além da busca de conhecimento, Regiane mencionou ainda que buscou as redes sociais como “suporte” para “desabafar” e por acreditar que postar fotos com sua sobrinha era uma forma de tê-la perto de si:

*É... busquei conhecimento e suporte.*

*Era uma forma de eu desabafar.*

*(...) você ‘tá’ com a internet na mão, você ‘tá’ com tudo ali, você quer gritar para o mundo que você ‘tá’ sofrendo. Era uma forma que eu tinha de ter ela perto de mim.*

Apesar de não ter sido mencionado pela entrevistada como um dos fins que a levou a utilizar as redes sociais, em sua fala é possível perceber que a utilização delas também está

relacionada à necessidade de demonstrar aos demais internautas que não se esqueceu da sobrinha: *“Eu ainda uso as redes mais em data especial assim, aniversário dela, porque eu tenho a impressão que se eu não colocar nada parece que eu esqueci e não é isso”*.

Sobre sua experiência nas redes sociais virtuais com relação ao luto, Regiane afirmou que “valeu a pena” tê-las utilizado, pois nelas encontrou o que necessitava: conhecimento, “apoio”, “acolhimento” e “suporte”. Contou ainda que o apoio recebido não ficou restrito ao ambiente virtual, na medida em que recebeu materiais como livros e DVD’s explicativos de autores de *blogs* com quem estabeleceu contato.

*Como eu não conheço nenhum espírita eu busquei em blogs e eles me deram muito apoio, me enviaram livros, me enviaram DVD’s, me explicaram.*

*(...) elas [as demais participantes do grupo de mães enlutadas no Facebook] me acolheram muito, muito.*

*Então, lá [no grupo de mães enlutadas no Facebook] eu consegui esse apoio, tanto que muita gente me adicionou, um monte de mãe.*

Tais falas vão ao encontro do que foi defendido por Lévy (1996), e evidenciam que as relações e trocas estabelecidas por Regiane eram “reais”, ainda que fossem estabelecidas no ambiente virtual.

Além disso, Regiane considera que a utilização da rede social durante seu período de luto foi importante por ter lhe possibilitado conhecer outras pessoas que já passaram ou que estavam passando por uma situação de perda semelhante à sua. Diante disso, pôde perceber que não era a única a enfrentar tamanho sofrimento. Segundo ela, o apoio que recebeu destas pessoas foi mais efetivo do que aquele recebido por pessoas que faziam parte de seu convívio no mundo *offline*, mas que não estavam enlutadas.

*(...) lá [no grupo de mães enlutadas no Facebook] eu consegui ver que não era só eu que passava isso porque na minha rede social não tinha ninguém passando por aquilo, ‘tava’ todo mundo feliz, todo mundo com filho saudável e só eu que não e isso me deixava muito triste.*

*(...)*

*então era um suporte muito bom porque você vê que não acontece só com você e compartilha as dores.*

*(...)*

*as pessoas que a gente convive, por mais que estão te dando suporte, elas não passaram por aquilo, elas não sabem como é a dor. Então, eu acho que o suporte delas foi tão importante quanto o das ‘Mães Sem Nome’, mas o das ‘Mães Sem Nome’ eu achei que me ajudou mais naquele momento.*

Contudo, ao resgatar sua experiência na rede com relação ao luto, Regiane destacou também o fato de ter sido julgada por muitas pessoas, incluindo aquelas mais próximas, de quem Regiane esperava receber apoio. Isso nos leva a pensar que, muito provavelmente, o

ambiente virtual pode ter aproximado pessoas distantes e distanciado pessoas que eram próximas a ela, mas que não lhes ofereceram o apoio que esperava.

*Eu fui muito julgada na época, tinha gente que falava que eu fazia drama, outros falavam que o meu luto irritava eles e eu simplesmente ignorava e continuava*

(...)

*Foi muito julgamento, eu fiquei abismada com isso e eram pessoas que eu achava que iam me dar mais apoio.*

Outro aspecto salientado pela entrevistada está relacionado à estranheza que sentia ao utilizar o *Facebook* após a morte da sobrinha. Essa estranheza se dava, segundo ela, por ter ficado impossibilitada de tirar fotos com a sobrinha para publicá-las.

*No Facebook eu lembro que era muito estranho, era comum eu postar foto dela como qualquer outra pessoa e quando acabou eu não tinha mais como tirar foto. Eu repetia as fotos porque as minhas amigas continuavam postando foto dos filhos delas, dos sobrinhos delas e eu não tinha mais. Então, eu postava repetidas.*

Vimos anteriormente que a perda de alguém significativo leva a uma mudança na relação do enlutado com o mundo. O estranhamento mencionado por Regiane demonstra que, assim como acontece no mundo *offline*, a relação do enlutado com o ambiente virtual também pode sofrer alterações após a morte de seu ente querido. A rede social que em outros momentos lhe permitia compartilhar suas fotos com Bárbara, agora causa estranhamento na medida em que evidencia a impossibilidade de estar novamente com a sobrinha.

Outro aspecto significativo mencionado pela participante durante a entrevista está relacionado à diminuição da frequência do uso das redes com relação ao luto. Isso porque Regiane afirmou que atualmente estabelece menos contato com as pessoas com as quais interagira no grupo de mães enlutadas. Além da diminuição do contato com as integrantes do grupo de mães enlutadas, Regiane afirmou também que diminuiu a frequência de suas publicações que falavam sobre a morte da sua sobrinha, restringindo-as às datas especiais.

*Hoje eu não tenho mais contato com elas porque eu consegui superar um pouco isso.*

(...)

*Eu ainda uso as redes mais em data especial assim, aniversário dela (...) Então eu coloco aniversário dela, aniversário de morte dela desse ano eu acho que eu não coloquei, mas fizemos uma missa e tudo, só que eu tento evitar.*

A diminuição na frequência das publicações relacionadas ao luto não foi abordada somente por Regiane, mas pela maioria dos participantes da pesquisa, algo que será visto nas próximas descrições.

A entrevista de Regiane revela uma utilização significativa das redes e mídias sociais após a morte de Bárbara, sua sobrinha. Suas falas nos permitem perceber que o uso das mesmas foi contributivo para o seu processo de luto não só por ter lhe possibilitado conseguir

o conhecimento, o suporte e o apoio que necessitava, mas também por ter encontrado nelas mais um espaço para a realização de rituais fúnebres, tão importantes em uma situação de morte repentina, como a de sua sobrinha.

#### 4.3.2 Descrição da entrevista de Edna

Edna é uma mulher de 31 anos que há dois anos perdeu o marido em um acidente de trânsito em frente a sua residência. Ao perceber que o marido demorava a voltar para casa, Edna ligou para o seu celular e foi informada por uma pessoa que o mesmo havia se acidentado. Edna relatou que imediatamente se deslocou até o local do acidente e acompanhou o trabalho da equipe de socorristas até atestarem o óbito, o que aconteceu no próprio local do acidente. A morte de seu esposo aconteceu seis meses após a cerimônia de casamento do casal que estava junto há seis anos.

Edna contou que na época do acidente a única rede social utilizada por ela era o *Instagram*, já que poucos meses antes havia encerrado sua conta no *Facebook*. Antes da morte do esposo, Edna praticamente não publicava fotos com o mesmo em suas redes sociais, o que gerou arrependimento por não ter registrado bons momentos que tiveram e poderiam cair no esquecimento com o passar do tempo.

*Eu não gostava de publicar muito do meu relacionamento nas redes sociais porque eu achava que atraía inveja, eu achava que quem era feliz de verdade não precisava fazer propaganda do relacionamento e um outro fator é que meu marido não tinha redes sociais, então eu achava que não fazia muito sentido eu ficar me declarando para ele sendo que ele mesmo não ia ver (...) só que ao mesmo tempo eu deixei de registrar coisas do nosso dia-a-dia, sabe? (...) depois do acidente eu me deparei com esse tipo de pensamento, sabe? Quanta memória se foi que eu não registrei e não vou conseguir lembrar? (Edna)*

Segundo Edna, foi justamente o arrependimento por não ter registrado bons momentos ao lado do esposo que a motivou a usar as redes sociais após a morte do mesmo e a publicar relatos sobre o seu luto.

*Logo depois do acidente eu fiquei um pouco... como que eu posso dizer? É... eu fiquei preocupada em perder memórias (...) Não que eu queria reviver o luto de novo, mas eu queria saber que no futuro, se eu quisesse me lembrar de como foi, eu teria um lugar para olhar. (Edna)*

Além da preocupação em não perder memórias, Edna destacou outros dois motivos que a levaram a utilizar as redes sociais no período de luto. O primeiro deles era para compartilhar seus sentimentos com familiares e amigos que moravam longe, sem que precisasse repetir o que estava sentindo muitas vezes para pessoas diferentes, o que

considerava emocionalmente desgastante. O segundo fator se relaciona ao seu gosto pela escrita e por perceber que escrever a ajudava a lidar com os seus sentimentos.

*Logo depois do acidente, como foi uma coisa que meio que chocou todo mundo, as pessoas queriam muito saber como eu estava, sabe? ... e era emocionalmente muito desgastante ter que ficar repetindo como eu 'tava' e o que eu sentia para várias pessoas... e para facilitar o contato com os meus amigos, quando eu escrevia, eles sabiam o que estava se passando comigo, então me poupava o trabalho de ter que ficar repetindo (...) eu sempre gostei de escrever e quando eu escrevia me ajudava a elaborar melhor as coisas que eu estava sentindo e enfim ou ... às vezes eu acho que o que eu escrevia nem estava tão bem resolvido para mim, mas eu colocava para fora, sabe?.*

Assim, a partir do terceiro mês após a morte do esposo, Edna passou a registrar em seu *Instagram* seus sentimentos com relação ao luto, as ações realizadas neste período e os fatos e situações que aconteciam e que gostaria de compartilhar com seu marido e com os demais internautas. Tais registros, segundo ela, eram realizados com periodicidade mensal até completar vinte e quatro meses da morte do esposo. Percebemos, com isso, que para Edna, tais publicações passaram a ter uma finalidade ritualística.

*Todo dia no dia do acidente eu registrava como eu 'tava' me sentindo ou o que eu tinha feito naquele mês e que eu gostaria de contar para ele o que eu tinha feito e eu escrevi isso desde o terceiro mês e aí eu fiz os relatos mensais até completar dois anos do acidente (...) Eu achava interessante uma cronologia interessante, fazer um marco mensal.*

A prática de registrar mensalmente seus sentimentos com relação à morte do esposo e à vivência do luto rendeu a Edna uma série de críticas.

*Obviamente que eu recebi críticas por escrever e algumas pessoas diziam 'nossa, você vive muito atrelada ao passado!' ou 'nossa, você está colocando ele em um pedestal', 'nossa, você nunca mais vai conseguir se relacionar com alguém'.*  
(...)

*A última vez que a menina falou do dia quatorze era alguma coisa do tipo assim: 'você fica revivendo o dia quatorze, parece que você traz isso e deixa sempre o dia quatorze pesado', mas não era uma coisa forçada, era que eu realmente sempre lembrava, eu sempre fui muito apegada a datas especiais ... não que eu fosse comemorar a data do acidente, mas poxa, já passou mais um mês, sabe?*

Na fala de Edna, é possível perceber que embora gostasse da prática de escrever mensalmente nas redes sociais sobre o luto, as críticas recebidas a fizeram diminuir a frequência de suas publicações. Porém, em sua fala temos a impressão de que a mesma naturaliza a diminuição da frequência das publicações e não a relaciona às críticas recebidas pelos demais internautas.

*Aí depois me questionaram se eu não estava revivendo demais, me criticaram por estar todo dia quatorze parando para pensar nisso e no mês seguinte eu acabei não*

*escrevendo e meio que foi natural assim... eu parei de relatar todos os dias quatorze, mas eu achava uma cronologia interessante, fazer um marco mensal.*

Contudo, Edna afirmou que as críticas que recebeu eram feitas por uma minoria, já que a maioria das pessoas elogiava os textos que publicava no *Instagram* e a forma como estava lidando com o seu luto. Estes elogios, segundo Edna, eram o que ela mais gostava nas redes sociais e eram utilizados por ela como uma forma de autoavaliação do seu processo de luto.

*Eu acho que o que eu mais gostava, o que era mais legal, sei lá se pode ser legal, era o feedback que eu recebia das pessoas.*

(...)

*Então, o que eu mais gostava era isso, sabe? De ver que as pessoas compreendiam o que eu escrevia. (...) Eu gostava quando eu recebia comentários sobre o texto que eu tinha escrito.*

*(...) receber o feedback das pessoas era legal, eu gostava, eu gosto ainda porque as vezes eu ainda escrevo...mas eu gosto disso, das pessoas virem e comentarem ... parece que eu me sinto tipo acolhida, sabe?*

*Quando a pessoa escreve, quando a pessoa me responde ou tipo fala 'nossa, que legal você pensou por esse lado', enfim, a sensação é de que eu estou passando por isso da melhor maneira.*

*(...) Então, eu fui fazendo autoavaliações de como eu estava passando por aquele momento turbulento...eu queria avaliar mesmo para saber qual é a diferença do primeiro mês depois do luto e dezoito meses depois....*

Ao longo da entrevista, Edna chegou até mesmo a relatar que o uso do *Instagram* durante o seu período de luto era uma “terapia complementar”, e utilizá-lo foi uma das formas encontradas por ela para “fazer as coisas ficarem mais leves”.

Outro aspecto positivo destacado por Edna era o de compartilhar sua experiência nas redes e, com isso, poder ajudar outras pessoas que passaram por situação semelhante à sua, já que percebia que pouco compartilhavam sobre os seus lutos atualmente – percepção que coaduna contribuições de estudiosos sobre a morte e o luto, como exposto anteriormente.

*Eu acho legal assim quando alguém indica ou fala 'ah, mostrei seu Instagram para alguém' ou teve uma vez que uma conhecida que também passou pela situação de ficar viúva algum tempo depois disse que tinha lido meus textos e ela tinha ficado bem depois do que ela tinha lido*

(...)

*É claro que nada na vida tem receita, mas tem muito pouco sobre o pós-luto, como você vai passar pelo luto, as pessoas não falam muito assim, né?*

Diante disso, percebemos que uso das redes sociais por parte de Edna foi intensificado após a morte do seu esposo, o que lhe rendeu críticas, mas também contribuiu para o seu processo de luto, já que na *internet* encontrou apoio dos demais internautas para vivenciar tal processo da forma que esperava: da maneira mais leve possível. O apoio dos demais

internautas, conhecidos previamente ou não, foi mencionado pela maioria dos participantes da pesquisa, como se pode perceber nas descrições seguintes.

#### 4.3.3 Descrição da entrevista de Alice

A participante Alice compartilhou a experiência de ter perdido sua mãe, uma senhora de meia-idade, há cinco anos, devido a um câncer no pulmão. Sua mãe já tinha sido diagnosticada com a doença em um momento anterior, mas faleceu quando houve a recidiva do câncer. Ao tomar conhecimento do adoecimento da mãe, Alice passou a trabalhar em casa para que pudesse prestar cuidados diários e ininterruptos a ela. Foram dez meses de cuidados intensivos em casa e no hospital, já que sua mãe passou por frequentes reinternações. A morte aconteceu no hospital, na presença de Alice e seu pai.

Alice relatou que no primeiro ano após a morte de sua mãe não pôde vivenciar o luto, pois precisou prestar cuidados ao seu pai que, segundo ela, entrou em depressão devido à morte da esposa. Foi somente após o pai ter apresentado melhora em seu estado emocional que o luto foi vivenciado por Alice, que nos afirmou ter muita dificuldade para lidar com a morte da mãe, uma vez que eram muito próximas e tinham uma relação de muita cumplicidade.

*(...) eu não vivi muito o luto nesse primeiro ano porque o meu pai entrou em depressão e ele passou aquele ano que quem teve que cuidar dele fui eu, quando ele começou a se erguer fui eu que caí e até hoje eu não me recuperei cem por cento ainda. Vai chegando perto a gente vai... ainda é muito difícil pra mim, muito difícil mesmo*

*(...) foi o momento mais difícil da minha vida porque nós éramos muito ligadas. A gente era muito amiga, então a gente fazia tudo junto (sic), vivia junto, tudo na minha vida eu sempre contei para ela primeiro, então desde sempre ela sempre foi a minha melhor amiga.*

Após a morte de sua mãe, Alice sentiu necessidade de homenageá-la e de fazer com que as pessoas se lembrassem dela. Para isso, utilizou o *Facebook*, rede social que a participante já utilizava anteriormente, mas, após a morte da mãe, passou a utilizá-la também para homenageá-la em datas especiais, como por exemplo, dia das mães, aniversário, etc: “*eu acho que é uma forma de homenagear ela, das pessoas lembrarem dela*”.

Segundo Alice, utilizar o *Facebook* após a morte da mãe para prestar-lhe homenagens lhe fez bem por ter percebido o quanto a mãe era querida por muitas pessoas.

*Na verdade me fez muito bem porque eu vi o tanto que ela é querida, as pessoas comentam que sentem falta dela, que ela foi muito importante na vida delas, que ela*

*ajudou muito, que ela fez bastante coisa. Então esse retorno me deixa bastante feliz.*  
(Alice)

Ao final da entrevista, Alice afirmou que alimentar sua rede social com publicações sobre sua mãe é entendido por ela como uma forma de cuidado, ou seja, como se estivesse fazendo algo por sua mãe. Assemelhou esta prática a visitas ao cemitério, o que demonstra que a rede social também era utilizada por ela para realizar seus rituais fúnebres.

*Mas assim, eu comecei indo [ao cemitério] quase todo dia, depois toda semana, depois todo mês, mas aquele lugar para mim é o lugar dela, embora eu saiba que não 'tá', mas eu cuido daquilo como se eu tivesse cuidando dela. Então acho que é a mesma coisa que eu vejo dessa parte da rede social, é como se eu estivesse cuidando dela, é como se eu tivesse fazendo alguma coisa para ela.* (Alice)

#### 4.3.4 Descrição da entrevista de Mariane

Mariane é uma jovem de vinte e nove anos que perdeu a mãe há cinco anos. Sua mãe faleceu devido a um câncer, após ela ter sido submetida a dois anos de tratamento. Segundo Mariane, os dois anos de tratamento foram de muito sofrimento para a mãe que, na visão da filha, se esforçou muito para viver e continuar perto de seus familiares. Mariane afirmou que, frente à morte da mãe, sentiu duas sensações: alívio pelo fim do sofrimento e desamparo:

*(...) a gente sabe que ela fez o possível, ela foi até o fim, né? E quando aconteceu é duas sensações: de, querendo ou não, ela descansou e, a outra, é tipo 'e agora? O que eu faço? Perdi meu chão!'*

*(...)*

*Ela está em um lugar melhor, ela descansou e o que fica aqui é o pior, né? Que a gente tem que lidar com a saudade, com a falta que ela faz.*

Durante a entrevista Mariane mencionou ser usuária da rede social *Facebook*. Segundo ela, foi utilizada para buscar “apoio”, “ouvir uma palavra de conforto” e para “fazer homenagem” para a mãe:

*No começo a gente precisa de um apoio.*

*(...) Acontece tudo muito rápido e sei lá, o Face, querendo ou não, tem muita gente que naquela hora é legal ouvir uma palavra de conforto, né?*

*(...)*

*No meu caso eu comecei a postar para fazer uma homenagem para ela, para ela e todo mundo ver que eu lembro dela vinte e quatro horas por dia e que ela faz falta para mim e que eu nunca vou esquecer ela.*

*(...) eu tinha que fazer uma homenagem para ela, para mostrar para mim, para ela e para todo mundo o quanto ela me faz falta.*

Mariane afirmou que, além de ter encontrado o apoio que necessitava, o *Facebook* lhe permitiu conhecer outras pessoas que também estavam passando ou já tinham passado por perdas semelhantes à sua:

*Mesmo que a gente posta alguma coisa sempre tem alguém que vem e fala alguma coisa legal e a gente meio que se sente confortável com isso.*

(...)

*A sensação era boa porque você sabe que tem muita gente que passa pela mesma situação que você está passando, que a gente passou (...)*

*Então esse é o lado bom, que tem muito apoio, muita gente que vem falar coisas boas para você.*

*Muitas vezes (...) quando aparece aquele negócio no Face de três anos atrás, eu abro a foto e começo a ler todos os comentários e é bom isso.*

Com esta fala é possível perceber que, mais do que a lembrança de uma fotografia publicada, o que faz bem para Mariane é a leitura dos comentários feitos pelos demais internautas na ocasião em que publicou algo relacionado à sua mãe ou à morte dela.

Da mesma forma que a entrevistada Regiane, Mariane lamentou o fato de não ter fotos novas com sua mãe, o que a faz postar fotos antigas e repetidas.

*É, e eu posto a mesma foto sempre, eu não tenho tanta foto dela e toda vez eu falo ‘gente, e agora? Vou postar’, mas eu penso dane-se, é para mim, não é para os outros, né? Então se for ver eu tenho umas três ou quatro fotos só e são sempre as que eu posto, então eu não estou nem aí não, é para mim mesmo. São fotos da minha formatura, foto de álbum. São aquelas e vai ser aquelas mesmo. (sic) E igual no dia das mães todo mundo postando foto nova, [escrevendo] ‘ah, minha mãe isso e aquilo’ e eu é sempre a mesma.*

Apesar de afirmar que em nenhum momento se sentiu julgada nas redes sociais, foi possível perceber ao longo de toda a entrevista com Mariane falas que demonstravam preocupação em mostrar aos demais internautas que não se esqueceu de sua mãe, mas com cautela para não ser repetitiva. Falas que davam a impressão de que a mesma precisava se justificar perante eles por não postar fotos novas e inéditas com a mãe e, também, falas em que a participante demonstrava que se esforçava para lembrar a si mesma que suas postagens não eram direcionadas a outros internautas, mas que postava por uma necessidade pessoal.

*Nunca ninguém falou nada, nunca ninguém falou que estava [postando] demais ou perguntaram para que [postar fotos com a mãe que faleceu].*

(...)

*Amanhã certeza que eu vou postar alguma coisa e vai fazer cinco anos e eu já diminui, [é] só para lembrar que eu não esqueço ela, mas para não ficar aquele negócio repetitivo, né?*

*(...) No meu caso eu comecei a postar para fazer uma homenagem para ela, para ela e todo mundo ver que eu lembro dela vinte e quatro horas por dia e que ela faz falta para mim e que eu nunca vou esquecer ela.*

(...)

*É, e eu posto a mesma foto sempre, eu não tenho tanta foto dela e toda vez eu falo ‘gente, e agora? Vou postar’, mas eu penso dane-se, é para mim, não é para os outros, né?*

*(...) Então se for ver eu tenho umas três ou quatro fotos só e são sempre as que eu posto, então eu não estou nem aí não, é para mim mesmo. São aquelas e vai ser aquelas mesmo. (sic)*

*E daí na hora que eu coloco [alguma postagem relacionada à morte da mãe] vem muita gente e fala: ‘nossa eu não sabia!’ ou que nem as pessoas sempre me perguntam: ‘ah, e sua mãe?’ e aí eu já coloco para todo mundo saber.*

Tal como foi percebido nas demais entrevistas, Mariane também afirmou que aos poucos começou a diminuir a frequência das publicações sobre a morte de sua mãe, restringindo-se a publicar tais conteúdos em datas específicas. Entretanto, alegou que a diminuição da frequência foi por necessidade sua e não devido ao julgamento alheio.

*(...) foi aos poucos. Não foi tipo ‘ah, vou parar de postar!’. Antes era muito assim, uma cobrança minha, tipo ‘eu tenho que postar alguma coisa senão o que ela vai pensar? Parece que passou batido’. Mas daí, com o tempo, eu fui me acostumando e decidi postar no dia das mães, aniversário, essas coisas. Mas, por mim mesmo, nunca ninguém falou nada, nunca ninguém julgou, nem nada. É por mim mesmo.*

#### 4.3.5 Descrição da entrevista de Andressa

Andressa é uma mulher de trinta e quatro anos que compartilhou a experiência de ter perdido sua melhor amiga há um ano e meio em um acidente automobilístico. Andressa recebeu a notícia da morte de Nayara no final da tarde de um domingo. Imediatamente após ter sido informada por seu marido sobre o ocorrido, Andressa ligou para o celular de Nayara e teve a morte da amiga confirmada pela policial que atendeu a ligação. Andressa e Nayara se tornaram amigas aos doze anos de idade e eram próximas a ponto de se considerarem como irmãs.

*É muito triste porque ela era muito presente na nossa vida, ela sempre foi muito presente na minha vida.*

*(...)*

*nossa amizade foi assim bem intensa... bem intensa! A Nayara foi bem presente na nossa vida, no meu casamento ela foi madrinha, foi uma coisa assim mais que irmã eu falo para você, mais que irmãs porque a gente compartilhava tudo, nossas dores, nossas alegrias, ela era uma pessoa que eu podia contar. (Andressa)*

Andressa relatou que, mesmo antes da morte de Nayara, já tinha o hábito de utilizar as redes sociais – Facebook e Instagram – para escrever sobre fatos de seu cotidiano, “qualquer coisa que eu passo assim na minha vida, do dia-a-dia, eu busco escrever. Então quando eu

*escrevo qualquer coisa que aconteça eu me alivio, sabe? Uma coisa que parece que eu estou tirando para fora”.*

Ela lembrou ainda que sua primeira publicação no *Facebook* sobre a morte de Nayara foi feita no dia do acidente, quando publicou a seguinte frase: *“fala que é mentira, que isso não está acontecendo”*. Logo após a publicação da frase, seus amigos e seguidores já começaram a perguntar-lhe o que havia acontecido e, como resposta, Andressa publicou uma foto com Nayara e a informação de que a mesma tinha falecido. Naquele momento, afirmou ainda que não sabia que a rede social poderia lhe ajudar de alguma forma.

*Na realidade eu não sabia até então que a rede social iria me ajudar de alguma forma.*

(...)

*Olha, para mim, igual eu falei para você, primeiramente eu não esperava, né? Eu escrevi a primeira dedicatória para ela e eu não esperava que eu ia escrever sempre.*

Ao longo da entrevista com Andressa foi possível perceber que, após o acidente de Nayara, a mesma passou a utilizar as redes sociais também para compartilhar com os demais internautas seus sentimentos com relação à morte da amiga e para homenageá-la.

*Quando eu postei a primeira vez para Nayara, uma homenagem para ela, que eu nunca vou esquecer dela, porque eu nunca vou esquecer mesmo, para mim foi muito bom porque além de eu estar tirando para fora o que eu guardo dentro de mim, as pessoas me ajudam, entendeu?*

*Enquanto eu existir eu vou estar homenageando ela (sic) porque, para mim, ela vai estar sempre viva, sempre.*

(...)

*Todo mês eu faço alguma homenagem para ela de alguma forma... todos os meses depois da perda dela, todo dia 11, se entrar na página dela do Facebook vai estar lá uma dedicatória que eu fiz para ela e agora toda vez que eu lembro dela, que ouço uma música que ela gostava aí eu já lembro dela, já escrevo alguma coisa, faço uma postagenzinha (sic) mais direta.*

Apesar de ter relatado que o uso das redes sociais durante seu período de luto não foi algo planejado previamente, Andressa demonstra ter se surpreendido positivamente com a experiência de tê-las utilizado por ter encontrado no ambiente virtual a possibilidade de compartilhar seus sentimentos, de ser apoiada, confortada e de trocar informações com pessoas que passaram por experiências de perda semelhantes à sua.

*para mim foi muito bom porque além de eu estar tirando para fora o que eu guardo dentro de mim, as pessoas me ajudam, entendeu? Tem pessoas que me mandam mensagem privada, tem pessoas que se identificam com a minha perda. Igual tem uma amiga que ela perdeu uma irmã também, mais nova do que ela, a mesma dor que ela sente, eu sinto. Então a gente troca bastante informação, a gente se ajuda e para mim é bom.*

*(...) foi bom para mim, eu me aliviei, como se ela estivesse lendo... eu sei que ela não vai ler, mas eu me conforto dessa forma.*

*(...)*

*aparece várias pessoas que leem, se identificam, muitas pessoas elogiam, muitas pessoas te confortam... é o conforto que você recebe, é o alívio que te dá, é a emoção que você coloca ali na rede social e a repercussão que isso dá e ajuda demais.*

*Então eu vou continuar sempre escrevendo, para mim é bom e eu gosto. Eu gosto de escrever para ela, lembrar dela para mim faz bem.*

No caso de Andressa, assim como nas demais entrevistas, percebemos a validação social e o apoio oferecido pelos demais internautas e, principalmente, daqueles que passaram por experiências de perda semelhantes à sua, foram fatores considerados benéficos pela entrevistada. Além disso, foi possível perceber também que as redes sociais foram para Andressa, tal como para os demais entrevistados, um espaço para praticar alguns rituais fúnebres, como prestar homenagens em datas significativas.

#### *4.3.6 Descrição da entrevista de Maurílio*

Maurílio é um homem de 31 anos que há cinco anos perdeu a mãe devido a um câncer metastático, após ter sido submetida a um tratamento com duração de um ano e sete meses. Maurílio conta que devido ao fato de ter um forte vínculo afetivo com a mãe, sentiu dificuldade para acompanhá-la ao longo do tratamento, pois considerava que não tinha condições emocionais para presenciar o seu sofrimento. Por isso, Maurílio buscou ajudar a família trabalhando e arcando com as despesas da casa para que seu pai pudesse deixar de trabalhar e prestar cuidados a sua mãe.

*Quando ela passou pelo câncer eu vi ela sofrendo, não era fácil para mim ficar (sic) encarando, ficar sempre junto.*

*(...) O meu pai já parece que ele saiu do trabalho e tudo mais para cuidar dela e eu falei: eu vou assumir o papel do meu pai, eu vou trabalhar para sustentar. Eu fiz o contrário [dele], eu não consegui encarar a doença dela assim de querer ficar sempre perto, eu meio que fugi.*

*(...)*

*eu não consegui carregar minha mãe no colo, é uma coisa que pesa um pouco, mas eu não consegui porque eu sentia a dor, sentia mesmo! Se ela estava com dor, eu estava também e aí eu não consegui, é como se eu fizesse a quimio também.*

Por gostar de escrever e de expor seus sentimentos, no mesmo dia em que sua mãe faleceu, Maurílio buscou publicar algo em suas redes sociais para demonstrar o amor que sentia por ela e para encontrar força nas palavras escritas, segundo ele. Além disso, ao longo da entrevista foi possível identificar que Maurílio também fazia uso das redes sociais e, mais

especificamente, do *Facebook* como uma forma de ter acesso a lembranças de mensagens que tinha enviado para sua mãe.

*Mas assim, o fato de eu expor é que eu queria demonstrar o amor que eu tenho por ela.*

(...)

*Quando eu expus ali, na verdade, eu quis encontrar força nas palavras que é algo que eu uso muito até hoje assim, eu escrevo toda segunda-feira independente do meu estado de espírito...eu vou lá e escrevo algo de bom para as pessoas, mas em especial para mim porque eu sou o primeiro a ler, né?*

(...)

*Não é tanto para expor para as pessoas, mas para eu ler depois porque no outro ano vai vir a lembrança (...)A minha ideia é porque assim, tem a questão da lembrança do *Facebook* hoje e a minha intenção é chegar na hora da lembrança e eu reler ou eu entrar no perfil de memória da minha mãe e ler tudo o que eu escrevi para ela, eu costumo fazer isso.*

Uma das formas encontradas por Maurílio para ter acesso às lembranças de sua mãe e de mensagens escritas por/para ela foi transformar o perfil virtual da mesma em memorial, opção disponibilizada pela rede social *Facebook*. Maurílio conta que essa escolha também aconteceu pelo fato de que seu pai se incomodava com as mensagens que outros internautas, que não sabiam da morte de sua mãe, deixavam no perfil virtual dela, como mensagens parabenizando-a pelo seu aniversário e desejando muitos anos de vida, mesmo após a sua morte. Assim, transformar o perfil virtual em memorial atendia às necessidades tanto de Maurílio – que não queria encerrar a conta da mãe no *Facebook* para ter acesso a lembranças da mesma – quanto de seu pai, já que ao transformar o perfil em memorial as pessoas não poderiam mais escrever mensagens direcionadas a ela.

*Ela tinha *Facebook* e ninguém tinha a senha, daí eu entrei, tem uma opção lá e eu pedi para o *Facebook* transformar em memorial o perfil dela. Uma coisa boa é que quem procura vai achar o memorial, o ruim é que você não consegue mais marcar ela. Mas por um lado isso deu uma tranquilizada no meu pai, ele queria excluir e eu não queria excluir, tem as mensagens (...) e quando eu transformei em memorial isso deixou meu pai mais tranquilo porque às vezes tinha um sem noção que dava feliz aniversário.*

Maurílio vê que a experiência de ter publicado conteúdos sobre a morte da mãe e sobre os sentimentos decorrentes dela nas redes sociais contribuiu para seu processo de luto, pois a partir destas publicações encontrou apoio dos demais internautas de maneira geral e de pessoas que passaram por perdas semelhantes.

*Das pessoas eu via muito apoio, né? (...) As pessoas iam comentando, falando para ter força ou então dando testemunho de que tinham passado algo parecido, tipo 'ah,*

*minha mãe também se foi, essa dor nunca passa’, até para se de repente, se algum dia eu puder fazer igual eu faço.*

*Eu falo que na época me ajudou muito, até porque ainda ajuda.*

Todavia, apesar de afirmar que as redes sociais o auxiliaram em seu processo de luto e que quando as utilizava recebia apoio dos demais internautas, Maurílio queixou-se de também darem uma falsa impressão de que se tem muitos amigos, algo que, em sua visão, não é o que acontece efetivamente.

*E o lado ruim da rede social eu acho que é esse. O lado bom é que parece que você tem mil e quinhentos amigos, mas não tem nenhum, não tem ninguém do seu lado.*

*(...)*

*Ao mesmo tempo que parece que você tem muita gente, por outro lado você não tem ninguém e, pelo que eu vejo dos jovens de hoje, está se perdendo essa questão do afeto. Se torna cada dia mais individualista, pensa só em si, onde será que vai parar isso?*

Acredita-se que essa visão negativa de Maurílio sobre as redes sociais pode estar relacionada ao fato de não ter encontrado no mundo *offline* o mesmo apoio que encontrou no ambiente virtual: “*Na época eu namorava com a minha ex-esposa e ela não conseguia encarar a doença da minha mãe, não conseguia me dar apoio, não conseguia nem ir visitar ela. Então, quer dizer, não tinha apoio, né?*”

Da mesma forma que os demais participantes da pesquisa, Maurílio também afirmou que, em datas específicas, fazia uso das redes sociais para prestar homenagens para sua genitora e que, gradativamente, tem diminuído a frequência de suas publicações sobre a morte da mesma.

*Quando é aniversário da minha mãe, às vezes eu também postava. Não só o de morte, o de vida, dia vinte e sete de junho, daí eu me lembrava: ‘ah mãe, você faria tantos anos, mas está fazendo cinco que está no céu’ ou algo nesse sentido, entendeu?*

*(...)*

*Normalmente é no aniversário de vida ou de morte que a gente posta, quem sabe (...) está chegando mais um de morte e eu tenho escrito bastante.*

*Eu entro [no memorial de sua mãe] mais para ler. Para escrever, hoje em dia eu tenho escrito menos.*

#### *4.3.7 Descrição da entrevista de Francine*

Francine foi uma das participantes que também compartilhou a experiência de ter perdido sua mãe, uma mulher de 59 anos, previamente hígida, que há dois anos faleceu subitamente devido a um aneurisma cerebral. Francine afirma que ainda hoje tem dificuldade

de lidar com os sentimentos decorrentes da morte da mãe por ter acontecido de maneira repentina e, também, pelo fato de que as duas eram muito próximas, já que Francine e sua mãe eram vizinhas e, por isso, mantinham contato diariamente.

*Nossa relação era bem próxima, a gente morava do lado, então desde quando eu casei (sic), eu nunca me distanciei dela, sempre do lado dela. Então foi assim, um choque ... a morte dela foi uma perda muito repentina, muito nova, ela tinha cinquenta e nove anos e então assim, até hoje é muito difícil de lidar, de aceitar, de lidar com a situação*  
(...)

*É uma perda muito difícil, né? Não é fácil, até hoje eu luto contra essa dor que vem e vai, mas assim, na medida do possível a gente vai levando, vai seguindo, vai procurando ajuda de algumas formas, mas é uma perda muito difícil, muito complicada de lidar por ser um pedaço da gente que vai embora.*

Sobre o uso das redes sociais, Francine afirmou que as busca quando se sente fragilizada, triste, angustiada, sozinha, com saudade e sem ter com quem compartilhar seus sentimentos. Nesses momentos, recorre à *internet* para que possa se expressar, encontrar ajuda e ser amparada por outras pessoas.

*Eu uso quando eu estou mais frágil. Por exemplo, se eu 'to' em casa sozinha e bate aquela tristeza, aquela angústia que eu não tenho com quem falar, com quem desabafar, eu acabo indo de alguma forma querendo me expressar, assim, escutar uma palavra amiga que as pessoas vão te mandar, te mandando força, te mandando ajuda, né?*  
(...)

*Quando eu estou mais frágil, mais fragilizada ou quando eu não tenho alguém para conversar eu acabo postando alguma coisa ou alguma foto dela e escrevendo alguma coisa sobre saudade ou alguma mensagem que lembra, que fala sobre mãe, sobre o luto (...) você acaba de alguma forma querendo expressar ali para escutar uma palavra amiga de alguém que... sempre quando eu posto alguma coisa vem alguém e comenta e fala. Então, assim, eu sinto que quando eu posto alguma coisa assim eu vejo que eu não estou sozinha... ali eu sinto que eu tenho várias pessoas que gostam de mim, que se preocupam comigo, então isso ajuda bastante nesses dias que eu estou mais frágil.*

Francine também relatou que, logo após a morte de sua mãe, fazia muitas postagens em suas redes sociais, mas atualmente tem diminuído a frequência com que as realiza, restringindo-as a datas significativas, como por exemplo, dia das mães, dia do aniversário de sua mãe e na data da morte. Isso nos leva a perceber que Francine também faz uso das redes sociais para realizar ritos fúnebres e para prestar homenagem à mãe.

*Eu faço com menos frequência agora. No começo eu fazia bem mais. Agora eu posto alguma coisa dela ou uma mensagem ou uma foto dela com menos frequência, mas tem dias assim que acaba acontecendo.*  
(...)

*Eu lembro que no primeiro ano eu postei todo mês. No primeiro mês, no segundo mês, terceiro mês até dar um ano, todo mês no dia 8, que ela faleceu no dia 8 de abril, de cada mês eu postava alguma coisa, era uma mensagem, uma foto dela, eu sempre postava, aí depois que passou esse um ano foi diminuindo um pouco, agora é mais nas datas comemorativas, aniversário dela, essas datas assim, né?*

Francine considera que as redes sociais atenderam suas expectativas, já que nelas encontrou o apoio que necessitava. Além disso, relata que suas publicações sobre a morte de sua mãe e sobre seu processo de luto contribuíram para aproximá-la de pessoas que passaram por experiências de perdas semelhantes à sua. Este contato permitiu a ela construir novos laços de amizade, ajudando-a a amenizar seu sentimento de solidão.

*(...) sempre quando eu posto alguma coisa vem alguém e comenta e fala. Então, assim, eu sinto que quando eu posto alguma coisa assim eu vejo que eu não estou sozinha... ali eu sinto que eu tenho várias pessoas que gostam de mim, que se preocupam comigo, então isso ajuda bastante nesses dias que eu estou mais frágil, ajuda bastante você a conseguir, né? A seguir e passar um pouco aquela angústia, né? Tem sido bom, tem sido uma experiência boa.*

*(...)*

*eu percebi que eu fiquei mais próxima das pessoas que já tinham tido perdas, principalmente perdas de mãe... no começo você acha que não vai mais conseguir viver mais e elas me ajudaram bastante, então teve muita troca de experiência que me ajudou muito.*

*(...)*

*“tem até uma amiga que foi professora dos meus meninos, eu não tinha tanto contato com ela e depois do que aconteceu, quando ela ficou sabendo a gente ficou bem mais próximas por ela já ter perdido a mãe.*

Apesar de não ter queixas com relação ao apoio recebido fora da *internet*, Francine acredita ter encontrado mais apoio nas redes sociais pelo fato de o ambiente virtual lhe possibilitar o contato com uma quantidade maior de pessoas que não encontra com frequência em seu dia a dia. Além disso, a entrevistada também valoriza a utilização da *Internet* pela imediatividade que lhe permitia ser apoiada no exato momento em que necessitava.

*(...) mas claro que na rede social é muito, eu acredito que seja bem maior, acredito que seja até por isso, por a gente ter muito amigo ali e as vezes no dia-a-dia você não encontra todo mundo, mas em ambas as partes eu sempre, eu não tenho o que reclamar dessa questão de ajuda, eu sempre fui muito bem acolhida assim pelos meus amigos, pela família.*

*(...)*

*acho que seria mais isso da troca de experiências e dessa questão de eu postar quando eu estava mais frágil, mais sozinha, precisando mesmo de uma palavra amiga, de alguém que às vezes não está ali na hora e a internet ajudava.*

Diferente de outros participantes que afirmaram ter sido julgados por compartilharem seus lutos nas redes sociais, Francine relata que em nenhum momento se sentiu julgada pelos

demais internautas, assim como não se recorda de ter passado por alguma experiência negativa nas redes, muito embora tenha afirmado que, algumas vezes, visitar o perfil virtual de sua mãe no *Facebook* lhe trazia sentimentos como agonia e angústia.

*Eu procuro não ficar muito porque eu vejo que quando eu fico sempre olhando [o perfil virtual da minha mãe] eu acabo ficando mais agoniada e angustiada, né? Mas tem dias que não dá para não entrar, aí eu pego e entro e vejo e é bom. É bom também ter as lembranças boas dela.*

#### 4.3.8 Descrição da entrevista de Mônica

Mônica é uma mulher de quarenta e dois anos que há sete anos perdeu o filho de seis meses de idade de morte súbita, popularmente conhecida como morte do berço. A morte aconteceu na casa de praia da mãe de Mônica, no dia 28 de dezembro de 2011, quando seus familiares estavam reunidos para as comemorações de final de ano. Mônica relatou que seu filho era uma criança hígida e que até o momento não tinha sido diagnosticado com nenhuma patologia prévia. Naquele dia, Mônica colocou-o para dormir e, após duas horas, quando foi retirá-lo do berço, percebeu que seu filho estava morto. Após algumas tentativas de ressuscitação, Mônica e seu pai levaram-no para o pronto socorro, mas não foi possível reverter o quadro.

Após a morte do filho, Mônica voltou para a cidade onde mora para fazer o velório e o sepultamento. Logo em seguida, retornou para a casa de praia, onde ficou mais trinta dias com seu esposo e sua filha de quatro anos. Mônica relata que tomou a decisão de voltar para a casa de praia porque não se sentia emocionalmente preparada para voltar para sua casa e deparar-se com o quarto do filho, também por preocupação com a sua filha mais velha (de três anos e meio de idade) que questionava se quando retornassem para casa o irmão estaria no quarto dele.

*Cada um é de um jeito, eu conheço mães no grupo que até hoje não tiraram [os pertences do filho que faleceu do quarto]. A minha preocupação não era nem eu e nem meu marido, era a minha filha que falava assim: 'mamãe quando eu voltar ele vai estar no quarto?'*

Mônica contou que após este período de trinta dias na casa de praia, voltou para sua casa e começou a sentir-se sozinha, pois a filha havia retornado para a escola e o marido para o trabalho. Foi neste momento que começou a fazer uso das redes sociais virtuais como uma forma de distração.

*Enfim, aí deu os trinta dias, eu voltei para casa, meu marido voltou a trabalhar, já tinha terminado as férias, minha filha ia para a escola e aí (...) foi a hora que entrou a*

*parte digital. Eu tinha muito tempo em casa, sozinha, tipo olhando para a parede sem vontade de fazer nada e uma das coisas que me distraía, na época eu não tinha nem celular, era no iPad, era entrar no Facebook.*

(...)

*A primeira coisa era a distração, era uma coisa que me distraía e me tirava do sofrimento por pouco tempo. (sic)*

Além da necessidade de distração, Mônica afirmou que, em um segundo momento, também passou a utilizar o *Facebook* para encontrar pessoas que haviam passado por perdas, e compartilhar com elas o que estava acontecendo durante o período de luto. Com isso, buscava ter os seus sentimentos validados.

*Em segundo lugar, depois que eu descobri, foi a identificação com outras pessoas. Mas primeiro eu não entrei achando que eu ia encontrar alguém que me... Não! Eu entrei por distração e depois veio essa parte da identificação e aí acentuou mais para que eu entrasse com maior frequência e procurava as pessoas certas e, por final, eu digo que é uma forma de validar o sentimento.*

(...)

*Dá vontade de parar o mundo, essa é a verdade. Você não consegue parar o mundo, mas você consegue dizer de alguma forma o que está acontecendo com você.*

Ao mencionar a necessidade de compartilhar com outras pessoas o que estava acontecendo com ela naquele período, Mônica fez um contraponto com o mundo *offline*, onde percebeu que as pessoas evitam falar sobre a morte. Frente a esta percepção, Mônica passou a utilizar o ambiente virtual como uma “válvula de escape”, ou seja, como um lugar onde pode falar sobre a morte do filho e expressar os sentimentos decorrentes dela.

*Porque quando está dentro do meu apartamento ou da minha família falam muito pouco porque acham que faz mal para mim, eu já falei [que não faz mal], mas não adianta. Então, é uma válvula de escape mesmo.*

(...)

*Por exemplo, se eu ficasse chateada por alguma coisa que tivesse acontecido, sei lá, uma música que toca e eu choro no supermercado ou alguma outra coisa que eu choro porque me lembra e se eu ligasse para a minha mãe ela ia chorar junto, se eu ligasse para o meu marido ele já estava tomando remédio para depressão e eu não queria. Então, para quem eu ia falar isso? Não tem, então se você está sozinha e não tem um grupo de apoio ou uma terapeuta, não tem.*

Aproximadamente três meses após a morte de seu filho, Mônica entrou no *Facebook* e se deparou com o depoimento de uma mãe que havia perdido o filho naquele dia. Mônica entrou em contato com esta mãe para apoiá-la, situação que se repetiu outras vezes com outras mães enlutadas que também falavam sobre a morte de seus filhos na rede social. Foi assim, nas redes, que Mônica passou a conhecer algumas mães e pais enlutados e decidiram juntos criar um grupo no *Facebook*.

*(...) a gente abriu o grupo no Facebook e foi super bom porque a gente conseguia se identificar e criar novos vínculos com pessoas que eu não conhecia (...) Então essa parte virtual foi sensacional porque a gente conseguia falar sobre coisas e se identificar e responder às outras pessoas, tudo sem a parte presencial que realmente exigia muito esforço: se arrumar, sair de casa, encontrar uma pessoa, você não sabe como vai ser, se vai poder chorar ou não, enfim... tudo isso pelo telefone é muito melhor, é muito mais fácil, aí a gente criou o grupo do Facebook.*

Segundo Mônica, o grupo criado por eles no *Facebook* é utilizado para compartilhar artigos, livros, músicas, depoimentos sobre perdas e lutos. Para além destas trocas que acontecem na rede social, os integrantes do grupo se encontram mensalmente fora do ambiente virtual.

Além da participação no grupo, Mônica defende que as páginas disponíveis nas redes sociais que abordam sobre o luto, tal como a página “Vamos falar sobre o luto?”, também são de grande valia para os enlutados, já que nessas podemos encontrar depoimentos de enlutados, textos sobre a temática e indicações de livros. A indicação destas páginas por parte de Mônica se deu, muito provavelmente, pela necessidade que a mesma sentiu de ler sobre o luto e pelas dificuldades encontradas por ela devido à escassez de materiais.

*(...) eu procurei na época livros para ler que fossem coisas fáceis de ser digeridas porque eu não ia ler o Dostoiévski porque eu não ia conseguir entender nada, a cabeça está muito bagunçada, mas sobre o luto que fizesse algum sentido para mim e tem muito pouco ainda.*

O contato com páginas que abordam sobre o luto, a participação em grupos de enlutados e a possibilidade e facilidade de ter acesso a lembranças foram, para Mônica, elementos que facilitaram seu processo de luto.

*Ficou como uma experiência positiva (...) Eu sou uma pessoa total a favor da rede social, eu não tive nenhum problema.*

*(...)*

*É uma coisa ótima porque as pessoas esquecem, o mundo continua e a rede social tem o negócio de voltar, sei lá, dois anos depois te mostra a mesma foto.*

*(...)*

*Eu tive a sorte de não ter sido julgada ou, se fui, eu não percebi (...) Eu não tive o fato de as pessoas me julgarem pelo lado mau, nunca foi assim ... Eu não tive, eu tive sempre um retorno muito bom, um feedback muito bom das pessoas, nem que seja só de colocar um coraçõzinho, um negócio assim, porque eu não tive esse julgamento.*

Apesar de ter mencionado que não se percebeu sendo julgada por suas publicações nas redes sociais, Mônica afirmou que já hesitou em publicar conteúdos referentes à morte do filho por medo de ser criticada por outros internautas; também disse que conheceu muitas pessoas que foram julgadas por suas publicações sobre suas perdas e lutos.

*Eu estava, por exemplo, com vontade de postar uma foto sei lá, dele, e eu ficava: ai será que eu posto? Será que...? A gente tem muito medo de ser criticado.*

(...)

*Eu tenho muita amiga minha que foi muito julgada, que sofreu para caramba, tipo o que fazem com quem perdeu pelo suicídio é uma sacanagem. Ou mãe que perdeu o filho que já tinha algum problema, tipo neurológico, físico, uma síndrome, qualquer coisa. Ou que passou por um câncer, por um tratamento de câncer. Tem um certo julgamento.*

Mesmo que a sua experiência nas redes sociais tenha sido benéfica para seu processo de luto, Mônica relatou que tem diminuído a frequência de suas publicações sobre a morte do filho, restringindo-as a datas significativas, o que também foi percebido nas entrevistas dos demais participantes: *“Até hoje eu faço isso, mas em menor frequência, eu não sinto tanta necessidade. Talvez, assim, um aniversário de morte, um dia das mães que são datas que você fica meio down ou que você quer homenagear”*.

Com base no que foi relatado pela entrevistada, é possível perceber que a forma como Mônica vivenciou seu luto no ambiente virtual muito se assemelha a vivência dos demais participantes da pesquisa que também enfatizaram o quanto a *internet* e, principalmente, as redes e mídias sociais foram espaços importantes para que pudessem ritualizar suas perdas e lutos e partilhar seus sentimentos com pessoas que passaram por experiências semelhantes às suas.

Agora, após termos realizado uma breve descrição do modo como cada um dos entrevistados vivenciou singularmente seu(s) luto(s) no ambiente virtual, buscaremos realizar unificações sintéticas a fim de compreender como os mesmos interiorizaram suas experiências de morte e luto, como as significaram e como as expressam (exteriorizam) por meio de suas práxis individuais e coletivas que, por sua vez, participam da construção de novas formas de vivência do luto.

#### 4.4 UNIFICAÇÕES SINTÉTICAS

##### *4.4.1 A vivência do luto: a morte definindo o destino*

Muito embora Sartre não tenha teorizado sobre o luto, tal como mencionado anteriormente, algumas de suas obras filosóficas, teatrais e literárias como *O Ser e o Nada* (1943), *Entre quatro paredes* (1944) e *Os dados estão lançados* (1947), ao abordarem sobre a

morte, nos possibilitam ampliar a compreensão sobre o fenômeno que aqui nos propomos estudar.

Em *O Ser e o Nada*, o filósofo afirmou que:

Os objetos concretos desaparecidos são passados enquanto fazem parte do passado concreto de um sobrevivente. "O que há de terrível na morte - diz Malraux - é que transforma a vida em Destino". Deve-se entender com isso que a morte reduz o Para-si-Para-outro ao estado de simples Para-outro. Do ser de Pedro morto, hoje, sou o único responsável, na minha liberdade. E os mortos que não puderam ser salvos e transportados a bordo do passado concreto de um sobrevivente não são *passados*; eles e seus passados estão aniquilados (Sartre, 1943/2011, p. 164., grifos do autor).

Mais adiante, nesta mesma obra, o filósofo afirmou também que “pela morte o Para-si se converte para sempre em Em-si, na medida em que deslizou integralmente no passado” (Sartre, 1943/2011, p. 168). Mas o que tais afirmações querem dizer?

Vimos no capítulo anterior que, diferente do ser Em-si, o Para-si (a realidade humana) caracteriza-se pela indeterminação, pela incompletude e por estar sempre em vias de se fazer, sendo, por isso, entendido como uma totalização-em-curso. Porém, “quando a vida se acaba, não temos mais nenhuma margem de manobra, e é impossível mudar o que quer que seja” (Allouche, 2019, p. 53) e, especialmente, mudar o que somos para o Outro, o que só podemos fazer em vida. Com a morte, deixamos de ser totalização-em-curso e nos tornamos seres totalizados, assim como os seres Em-si; definidos pelo que fomos em vida, ou seja, não somos mais do que aquilo que fomos no passado. Tal ideia encontra-se presente não só na filosofia de Sartre, mas também foi ilustrada em uma de suas peças teatrais intitulada *Entre quatro paredes*, na seguinte frase: “morremos sempre cedo demais ou tarde demais. E, no entanto, a vida está aí, terminada: o traço foi riscado, é preciso fazer a soma. Você não é nada mais do que a sua vida” (Sartre, 1944/2005, p. 122).

Neste mesmo sentido, em *O Ser e o Nada* o filósofo afirmou:

No extremo limite, no instante infinitesimal de minha morte, não serei mais que meu passado. Somente ele me definirá. É o que Sófocles quis expressar quando, em *As Traquíneas*, faz Dejanira dizer: “antigo é o refrão corrente entre os homens segundo o qual não se pode julgar a vida dos mortais e dizer se foi feliz ou infeliz antes de sua morte”. É também o sentido da frase de Malraux antes citada: “A morte transforma a vida em Destino”... No momento da morte, *somos*, ou seja, somos sem defesa frente aos juízos do próximo; pode-se decidir *na verdade* aquilo que somos, já não temos qualquer chance de escapar às contas que uma consciência onisciente pudesse fazer (Sartre, 1943/2011, pp. 167-168., grifos do autor).

Podemos dizer então que a morte nos retira a possibilidade de nos fazermos diferentes daquilo que foi feito, dito ou pensado sobre nós. Ela nos reduz e nos esgota ao posicionamento do Outro, ou seja, nos constitui em objeto irremediável para o Outro que,

agora, pensa e faz de nós o que quiser (Perdigão, 1995). Todavia, não são somente os mortos que são “deslizados integralmente no passado” e que se tornam objetos irremediáveis para o Outro quando a morte advém. Da mesma forma acontece com os sobreviventes (os enlutados) que, como vimos, também são reduzidos ao posicionamento objetivo que lhe foi atribuído pelo olhar daquele que partiu, pois a morte do Outro os impossibilita de mudar a forma como eram vistos e posicionados *naquela relação* específica, particular e única. Assim, podemos dizer que a morte do Outro também constitui a nós, sobreviventes, como objetos irremediáveis (Perdigão, 1995), na medida em que petrifica e desliza no passado a imagem que tínhamos e o que fomos *para ele*.

Vimos anteriormente que, pelo fato de o Outro ser o ser pelo qual adquirimos nossa objetividade, nosso “lado de fora”, sua morte empobrece o que somos objetivamente no mundo (Perdigão, 1995). Isso significa que quando alguém que nos é significativo morre, perdemos mais do que um ente querido, perdemos também um pouco de nós mesmos, do que éramos naquela relação, assim como perdemos modos e possibilidades de (co)existir no mundo. É por isso que se pode dizer que com a morte do Outro, morre-se também o “nós” – eu e o outro (Freitas, Michel & Zomkowski, 2015, p. 18).

Assim como, nas palavras de Parkes (1998, p. 24),

a perda do marido pode significar ou não a perda do parceiro sexual, do companheiro, do contador, do jardineiro, daquele que cuida das crianças, daquele que é interlocutor em uma conversa, que aquece a cama com sua presença e, assim por diante (...)

Ela também pode representar, para a esposa, a perda do que ela era na relação conjugal (parceira sexual, cuidadora, companheira das refeições diárias e de viagens, cúmplice, conselheira, etc.). E, com isso, a perda de um modo de existir no mundo antes específico da relação com o esposo falecido. Isso porque,

cada relação é singular e nos permite ser de particular forma, apesar de não pré-determinada. Essa propriedade que se revela em relação é, então, perdida, exigindo-nos uma variação das formas habituais de ser-no-mundo. Perder um ‘tu’ com quem nos relacionamos, é, portanto, uma forma de perder um espaço expressivo de si mesmo. Uma abertura ao mundo e do mundo desaparece, assim como um universo próprio de significações e vivências, um modo de ser “eu” que é específico daquela relação, particular e única (Freitas, 2013, p. 103).

Todas estas vivências – perda do Outro, de si e de modos de existir que eram específicos da relação perdida – foram percebidas nos depoimentos de diversos/as entrevistados/as como Regiane, por exemplo, quando afirmou: “*eu lembro que na época [da morte da minha sobrinha] eu até cortei o cabelo porque eu queria mudar, eu queria ser outra*”

peessoa”. Tal fala evidencia com clareza a exigência de variação das formas habituais de ser-no-mundo advinda de um rompimento de vínculo significativo.

Andressa, por sua vez, relatou ter perdido não só sua melhor amiga em um acidente automobilístico, mas também uma “irmã”, sua madrinha de casamento, a madrinha de seus filhos, sua confidente e conselheira e, conseqüentemente, perdeu também um pouco de si e de possibilidades de ser-no-mundo na medida em que deixou de ser amiga, “irmã” e de compartilhar sonhos, projetos, conquistas, alegrias e tristezas, conforme notamos nos trechos abaixo:

*Aí eu peguei meu celular e comecei a ligar no celular dela e começou a chamar, chamava, mas ninguém atendia e eu continuei ligando, ligando e chorando, chorando até que atenderam o celular dela e eu falei: ‘nega?’, que é assim que a gente se chama, se trata, né? Se tratava. Aí falou assim: ‘oi, aqui não é a Nayara, aqui é a policial. O que você é da Nayara?’, eu falei: ‘eu sou irmã dela’, não falei sou irmã dela na questão que eu estava mentindo, mas na questão que nós nos sentíamos. Eu e ela, para nós, nós éramos irmãs. (Andressa)*

*É muito triste porque ela era muito presente na nossa vida, ela sempre foi muito presente na minha vida. Ela foi assim uma pessoa que eu sempre pude confiar, que eu pude me abrir com ela. Quando ela começou a fazer Psicologia, para mim, foi...nossa, eu estava realizando um sonho junto com ela. Para nós foi muito bom, ela me ajudava muito com os meus filhos, ela sempre foi conselheira... A Nayara foi bem presente na nossa vida, no meu casamento ela foi madrinha, foi uma coisa assim, mais que irmã eu falo para você, mais que irmã porque a gente compartilhava tudo, nossas dores, nossas alegrias, ela era uma pessoa que eu podia contar, que eu podia tudo. (Andressa)*

Semelhante ao relato de Andressa foi o de Alice que afirmou ter perdido a mãe, considerada por ela como sua melhor amiga e confidente. Porém, além da perda da genitora, Alice vivenciou outras perdas como, por exemplo, a do papel de cuidadora que desempenhava naquela relação e de planos e projetos que pretendia realizar em companhia de sua mãe.

*Eu perdi a mãe e foi o momento mais difícil da minha vida, porque nós éramos muito ligadas. A gente era muito amiga, então a gente fazia tudo junto, vivia junto, tudo na minha vida eu sempre contei para ela primeiro, então desde sempre ela sempre foi a minha melhor amiga e a gente sempre muito junto, muito unidas e os últimos dez meses dela, que foi quando a doença voltou ... quem cuidou dela vinte e quatro horas por dia nesses dez meses fui eu...eu maquiei ela no caixão...e até hoje eu não me recuperei cem por cento ainda. Vai chegando perto [da data do falecimento] a gente vai (...) ainda é muito difícil para mim, muito difícil mesmo. (Alice)*

*Eu fiz uma viagem que a gente tinha combinado de fazer juntas no final do ano que ela queria ir a Paris e eu fui e levei a foto dela, tirei foto com a foto dela em todos os lugares, que era uma viagem que a gente tinha combinado de fazer depois que ela se recuperasse. (Alice)*

Da mesma forma, diversas falas de Maurílio também revelaram que a perda de sua genitora foi acompanhada de outras perdas como a do seu papel de filho, já que com o adoecimento da mãe, Maurílio passou a assumir o papel de provedor da casa que outrora era assumido por seu pai: *“E minha mãe, para mim, era tudo”*; *“O meu pai já parece que ele saiu do trabalho e tudo mais para cuidar dela e eu falei: eu vou assumir o papel do meu pai, eu vou trabalhar para sustentar”* (Maurílio).

Nas entrevistas de Francine e Mônica também encontramos falas reveladoras da experiência de terem perdido um pouco de si, após terem vivenciado a morte da mãe e do filho, respectivamente. Francine afirmou que *“é uma perda muito difícil, muito complicada de lidar por ser um pedaço da gente que vai embora”* e Mônica relatou que sentia *“um sentimento de vazio, como se eu estivesse oca”*.

Além de vivenciarem o empobrecimento do que são objetivamente no mundo, na medida em que deixaram de serem posicionados como filhos/as, pais/mães, amigos/as, conselheiros/as, confidentes, cuidadores/as, etc., os/as entrevistados/as relataram ter vivenciado também a perda de modos de ser e (co)existir no mundo que eram específicos da relação com a pessoa falecida, conforme é possível perceber nos trechos a seguir:

*(...) estava todo mundo feliz, todo mundo com o filho saudável e só eu que não e isso me deixava muito triste”* (Regiane).

*(...) porque a gente acaba sentindo falta do carinho, do jeito de falar. Igual eu falei no início, eu era mais apegado com ela. Então, hoje em dia, muitos conflitos na minha casa entre eu e meu pai é porque ele não é a minha mãe. Então, às vezes, ele quer falar as coisas para mim e eu não vou encarar do mesmo jeito, que ele não tem o mesmo carinho, não foi participativo na minha criação como ela, um monte de fatores ele não entende e aí acaba dando a briga.* (Maurílio)

*(...) eu perdi tudo, eu não tenho nem com quem conversar.* (Francine)

*[depois da morte do meu filho] eu tinha muito tempo em casa, sozinha, tipo olhando para a parede sem vontade de fazer nada.* (Mônica)

A partir destas falas é possível perceber que Regiane considera que deixou de ser uma pessoa feliz após a morte de sua sobrinha; Maurílio teve sua existência como filho radicalmente modificada após a morte da mãe, pois considera que não é compreendido pelo pai da forma como era por sua mãe e, por isso, recusa-se a receber orientações do mesmo, o que não acontecia na relação com a mãe; Francine viu sua existência se modificar ao dar-se conta de que não tinha mais com quem conversar após a morte da mãe, alguém com quem conversava habitualmente; e, da mesma forma que os demais entrevistados/as, Mônica também relatou uma mudança significativa no seu modo de existir após a morte do filho, na

medida em que passou a ter mais tempo livre e ociosa do que tinha quando se dedicava aos cuidados do mesmo. É por isso que podemos dizer que a morte consiste em uma nadificação das possibilidades não somente daqueles que morreram (Sartre, 1943/2011), mas também dos sobreviventes que, muitas vezes, se veem impossibilitados de (co)existirem em seus modos habituais. Assim, uma pessoa que perde seus pais fica impossibilitada de existir enquanto filha; de sentir-se orientada, amparada e cuidada por seus genitores.

Sobre isso, Freitas (2013, p. 103) afirma: “o que falta ao enlutado, mais do que o ‘tu’, é um modo usual, habitual de ser ‘eu’, um modo de ser-no-mundo, uma infinidade de significações próprias e inerentes a um campo relacional”.

Além da vivência de perda do Outro, de si e de modos de (co)existir no mundo, foi possível notar na fala dos/as entrevistados que a morte de alguém que lhes era significativo também provocou alterações nas formas com que se relacionavam com o mundo (com a realidade circundante, com o tempo, com os espaços, com as outras pessoas, etc.). Vimos anteriormente que, pelo fato de o Outro ser um intermediário da nossa relação com o mundo, assim como o é da nossa relação conosco, sua morte pode provocar não só uma alteração da relação que estabelecemos conosco, da forma que nos tornamos visíveis a nós mesmos, mas também provoca alterações na forma com que nos relacionamos com o mundo que nos cerca que, a partir de então, passa a se apresentar de maneira diferente de como se apresentava habitualmente, devido à ausência daqueles/as que tanto amamos.

*No Facebook eu me lembro que era muito estranho, era comum eu postar foto dela como qualquer outra pessoa e quando acabou eu não tinha mais como tirar foto, eu repetia as fotos porque as minhas amigas continuavam postando foto dos filhos delas, dos sobrinhos dela e eu não tinha mais, então eu postava fotos repetidas. (Regiane)*

*Porque às vezes você pensa que está sozinha, que por a mãe ter ido embora você não tem mais ninguém. (Francine)*

*Eu perdi o chão (...) no momento em que ela adoeceu, eu me vi sozinho. (Maurílio)*

Nestes trechos é possível perceber que o mundo no qual Regiane, Francine e Maurílio estavam inseridos passou a afetá-los de maneira diferente após terem vivenciado suas perdas. Para Regiane, a utilização das redes sociais passou a gerar estranhamento, pois não tinha mais a possibilidade realizar uma prática que lhe era costumeira (tirar fotografias com a sobrinha e publicá-las), o que lhe evidenciava impossibilidade de ser-com a sobrinha; já para Francine e Maurílio, o estranhamento foi sentido com relação ao mundo *offline* que, segundo eles, se tornou mais solitário após o falecimento de suas mães. A entrevistada Mônica também enfatizou em seu relato a mudança na relação com a realidade circundante e com os objetos

que faziam parte de seu mundo quando abordou sobre a necessidade de mudança nos ambientes que lhe fazia lembrar o filho falecido (o quarto da casa de praia da família onde o óbito aconteceu, a casa onde morava com seu esposo e os filhos e o quarto do bebê).

[a morte] *foi na casa da minha mãe, na praia, não foi na minha casa, é um lugar que eu sempre tive muita lembrança boa porque eu sempre passei as minhas férias lá e continuo indo todo final de semana e isso não me pega. Eu só mudei de quarto, a minha irmã trocou de quarto comigo.*

(...)

[Após a morte do meu filho] *eu nem queria ficar em casa porque em casa tinha o quarto [dele].* (Mônica)

Há ainda outro trecho, também mencionado pela entrevistada Mônica, que nos lembra o exemplo dado pelo psiquiatra fenomenológico Van Den Berg citado no capítulo anterior, pois evidencia a mediação do mundo, da materialidade e dos objetos sobre a dinâmica psicológica dos sujeitos. Neste trecho Mônica conta sobre a transformação que realizou no quarto de seu filho falecido, com o objetivo de torná-lo um lugar que despertasse felicidade.

(...) *a gente não queria voltar para casa [depois da morte], a gente queria ficar lá [na casa da praia onde o óbito aconteceu] e aí depois de trinta dias eu voltei para casa e dentro desses trinta dias eu pedi para uma amiga minha, que é arquiteta e que fez o quarto dele, para ela tirar tudo... A minha preocupação não era nem eu e nem o meu marido, era a minha filha que falava assim: ‘mamãe quando eu voltar ele vai estar no quarto?’. Então, até ela captar tudo o que estava acontecendo da finitude, aí eu falei ‘não, ela não pode chegar lá e ver o quarto’. Aí eu falei para a minha amiga: ‘olha, você vai lá e tira tudo e faz um quarto de brinquedos, eu quero que vire um lugar feliz’. Então isso trinta dias depois estava pronto, chegamos em casa e tinha o quarto de brinquedos.* (Mônica)

Assim,

a vivência da morte do outro é experienciada então como um deslocamento de uma habitualidade de ser, pois o mundo que se apresentava na experiência de ser com o outro se esvai, os modos próprios de ser do enlutado também. Não se trata apenas de uma perda de outrem, mas de uma perda de si mesmo, de um mundo, de sentidos, onde se é frequentemente tomado pela experiência de dor. Nem todos os sentidos anteriormente dados agora podem exprimir as experiências do mundo do enlutado, pois o mundo não é mais o mesmo. (Freitas, Michel & Zomkowski, 2015, p. 21)

Vimos no capítulo anterior que o empobrecimento do que somos objetivamente no mundo e dos modos como este mundo nos apresenta, característicos da vivência do luto, pode representar para os enlutados a perda do sentido de suas existências. Afinal, se aquele que “me ensina o que sou” (Sartre, 1943/2011, p. 352) fenece, como posso ser quem sou? Como continuar existindo se a busca de sentido para minha injustificável existência estava atrelada ao sentido daquilo que eu era ou poderia ser na relação com este Outro que, agora, deslizou-se integralmente em meu passado?

A perda do sentido da existência foi evidenciada nas falas de diversos entrevistados/as, como Mariane, por exemplo, que relatou ter se perguntado “*e agora? O que eu faço? Perdi meu chão!*” após a morte de sua mãe; Maurílio que afirmou que “*nos primeiros anos [após a morte da minha mãe] é como se eu tivesse sido enterrado com ela... eu me via enterrado com ela*” e Francine que se questionou “*será que eu vou dar conta de aguentar e viver sem minha mãe?*”.

Frente a isso, Freitas (2013, p. 103) afirma que o campo no qual experienciamos o luto é “um campo de exigência de um novo sentido, de uma nova forma de ser-no-mundo, de ressignificação da relação vivida com o ente perdido”, tal como percebido nos depoimentos de diversos/as participantes da pesquisa, que compartilharam as formas pelas quais ressignificaram a relação com o ente querido, consigo e com o mundo.

*Como agora eu tenho a irmã dela que não me substituiu, não substituiu o amor que eu sinto por ela, mas que me preenche muito o tempo porque eu crio ela (sic), então eu acho que eu estou focando mais no presente e no nosso futuro. (Regiane)*

*(...) para o meu filho, quando ele sofre assim, eu falo: mas a madrinha está lá no céu ajudando as crianças que estão chegando’. E ele acredita nisso. Então, quando ele vê alguma notícia de perda de uma criança ele fala: a madrinha vai ajudar, né? E eu falo: vai! Porque é uma forma que eu confortei ele de que ela está lá, ajudando Deus com as criancinhas que estão chegando. Então, a mesma coisa para mim. (Andressa)*

*quando ela faleceu ela foi enterrada no Cemitério Parque e aí é só a lapidezinha e as flores, mas assim, eu comecei indo quase todo dia, depois toda semana, depois todo mês, mas aquele lugar para mim é o lugar dela, embora eu saiba que [ela] não está, mas eu cuido daquilo como se eu tivesse cuidando dela. (Alice)*

*na medida do possível a gente vai levando, vai seguindo, vai procurando ajuda de algumas formas. (Francine)*

A análise do conteúdo das entrevistas evidenciou também que na busca de encontrar um novo sentido para suas existências e uma nova forma de ser-no-mundo sem o Outro, os/as entrevistados/as passaram a buscar em outras pessoas o reconhecimento da importância da relação que tinham com aquele que partiu. Ou seja, buscaram novos olhares que testemunhem a importância que o falecido/a tinha no mundo e a importância que o/a falecido/a tinha em suas vidas e, principalmente, que testemunhem e validem o sofrimento decorrente da perda desta relação, conforme será visto no item a seguir.

#### 4.4.2 A necessidade de reconhecimento da vivência do luto pelo olhar do Outro

Ao analisarmos os depoimentos fornecidos pelos/as participantes da pesquisa, um elemento chamou-nos a atenção pelo fato de ter sido mencionado em todas as entrevistas: a necessidade de reconhecimento da vivência do luto pelo olhar do Outro. Isso porque foram recorrentes as falas que demonstraram a necessidade sentida pelos/as entrevistados/as de que o Outro reconheça a importância que a pessoa falecida tinha no mundo, na vida das demais pessoas, em suas vidas e, principalmente, que reconheça e valide o sofrimento decorrente da perda da relação com esta pessoa que lhes era tão significativa.

Tal necessidade foi percebida antes mesmo da realização das entrevistas, quando os/as participantes da pesquisa foram orientados pela pesquisadora que os questionamentos que lhes seriam feitos poderiam gerar algum desconforto emocional. Já naquele momento, muitos dos/as participantes fizeram questão de enfatizar o quanto apreciam falar sobre seus entes queridos e recordar dos momentos que tiveram juntos. Por isso, não temiam qualquer desconforto emocional.

Em seu depoimento, Alice relatou o quanto lhe fez bem ter a importância de sua mãe reconhecida por pessoas que faziam parte do seu convívio. Neste caso, o reconhecimento foi dado especialmente pelos pacientes atendidos por sua mãe, que atuou como psicóloga clínica até seus últimos dias de vida.

*(...) ela tinha muitos pacientes, muitas pessoas que gostavam muito dela. Até muitos pacientes me viram como ela e muitos vinham desabafar comigo sobre a morte dela. Tinha pacientes que ela atendia por telefone quando ela estava passando mal porque eles não conseguiam ficar sem falar com ela (...)*

*Então, na verdade me fez muito bem porque eu vi o tanto que ela é querida, as pessoas comentam [comigo] que sentem falta dela, que ela foi muito importante na vida delas, que ela ajudou muito, que ela fez bastante coisa. Então, esse retorno me deixa bastante feliz, embora no velório a maioria das pessoas sempre foi agradecer a gente por ela ter ajudado, por ela ter feito tudo o que fez e acho que é mais esse retorno que me faz bem de saber que ela é querida. (Alice)*

Andressa, por sua vez, enfatizou que ter a importância e a veracidade da relação que tinha com a amiga que faleceu validada socialmente foi algo que lhe auxiliou em seu processo de luto:

*Quando a gente faz uma coisa que é verdadeira todo mundo vê, né? E a nossa amizade foi muito verdadeira, quem estava ali sabe, a família sabe, todo mundo sabe. (...)*

*Realmente aparecem várias pessoas que leem, se identificam, muitas pessoas elogiam, muitas pessoas te confortam e falam assim: ‘mas olha, eu tenho quarenta anos e não vivi essa amizade que você viveu. Então, você tem que agradecer mesmo a Deus por você ter passado por isso, eu tenho mais anos que você e não vivi, não tive uma amiga dessa’. Então, a pessoa quer me confortar de alguma forma, é o conforto que você*

*recebe, é o alívio que te dá, é a emoção que você coloca ali na rede social e a repercussão que isso dá e ajuda demais.* (Andressa)

Já os/as entrevistados/as Regiane, Mariane e Maurílio abordaram sobre a necessidade que sentem de *demonstrar* para outras pessoas o quanto a pessoa falecida é importante em suas vidas e que, por isso, jamais será esquecida:

*Eu tenho a impressão de que se eu não colocar nada parece que eu esqueci e não é isso.* (Regiane)

*No meu caso eu comecei a postar para fazer uma homenagem para ela, para ela e todo mundo ver que eu me lembro dela vinte e quatro horas por dia e que ela faz falta para mim e que eu nunca vou esquecer ela.* (Mariane)

*O fato de eu expor é que eu queria demonstrar o amor que eu tenho por ela... Assim, para dizer o quanto que minha mãe é importante até hoje, sabe?* (Maurílio).

Tais trechos demonstram que a apreensão que fazem de si e da relação que tinham com o ente querido (de que se recordam da pessoa falecida, de que sentem falta dela, que a amam, que não a esquecerão, etc.) não basta. É preciso demonstrar, ser visto pelo Outro, dar-se a ver por um terceiro que ateste a importância daquela relação. Isso porque, conforme aponta Sartre (1987b, p. 15-16), “para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro”. Isso significa que só é possível saber-se de determinado modo (enlutado/a, pesaroso, saudoso, amoroso, etc.), na medida em que este autoconhecimento passa pelo Outro. É por isso que, em uma perspectiva existencial sartriana, se diz que o Outro é um intermediário indispensável entre mim e mim mesmo.

Neste mesmo sentido, o entrevistado Maurílio chegou até mesmo a afirmar que foi a partir do olhar do Outro que *realmente* se deu conta do amor que sentiu e que continuará sentindo por sua finada mãe, o que bem ilustra a ideia de Sartre (1943/2011, p. 352) de que “o outro me ensina o que sou”:

*Muitas pessoas escreviam o quanto você amava, assim. Era o que eles sentiam. E para mim, a hora que eu olhei isso eu falei: realmente, é um amor que não se acaba, só multiplica, por mais que hoje ela não esteja em... eu costumo brincar que agora ela não está presa em um corpo, né? Ela está o tempo todo comigo.* (Maurílio)

As falas evidenciam o quão imprescindível é, para os/as enlutados/as, ter o Outro enquanto testemunha do que viveram com seus entes queridos. Isso se dá, pois, conforme dito anteriormente, encontramos no Outro uma oportunidade de nos livrarmos da angústia de existirmos como liberdade, como uma totalização que está sempre por se fazer, já que ele [o Outro] nos fornece um posicionamento objetivo, uma forma fixa e acabada de nós mesmos, resultante do modo como aparecemos em seu olhar.

Assim, em uma perspectiva existencial sartriana, podemos pensar então que esta necessidade de novos olhares que validem a importância da relação que tinham com o ente querido, pode ser uma maneira encontrada pelos enlutados para se livrarem da angustiante percepção da gratuidade de suas existências que lhes advém ao se depararem com a finitude do Outro. Isso porque, se não tenho mais aquela pessoa que, por meio do seu olhar, ensinava-me quem sou e, com isso, atribuía um sentido para minha existência, necessito, agora, de outros olhares que me permitam resgatar o posicionamento objetivo que perdi com a morte do Outro, que atribuam novos sentidos para minha injustificada existência e me livrem da também angustiante condição de existir como liberdade indeterminada.

Além da necessidade de reconhecimento da importância do ente querido para o mundo, na vida daqueles que ficaram e em suas vidas, diversas falas dos/as entrevistados/as evidenciaram também a necessidade sentida pelos mesmos de ter o sofrimento decorrente da perda da relação reconhecido e validado socialmente, conforme se pode notar nos seguintes trechos:

*you want to scream for the world that you are suffering, but few understand, but, in compensation, many people also came to talk to me and supported me. (Regiane)*

*I think that in this way, what I liked more, what was more legal, is that you can be legal, it was the feedback that I received from people, right? That they didn't have an idea of that, of how it was the feeling and that, because a feeling that I had was like that, that the grief of the widow was less than all the others, because it was enough for you to get married again so you wouldn't be a widow; that the pain of the mother was greater, the pain of the brother was greater, the pain of the whole world was greater because the other people would never be able to replace the one who was lost and I could have another person. So, what I liked more was this, right? To see that the people understood what I was writing. (Edna)*

*I like this, for people to come and comment, it seems like I feel like I'm being welcomed, right? When a person writes, when a person responds or says something like 'well, that's legal that you thought about it from that side', finally... the feeling is that I'm going through this in the best way, right? (Edna)*

*(...) and when I posted it for the first time for Nayara, a tribute for her, that I will never forget her, because I will never forget even myself, for me it was very good because besides being taken out for me, I kept it inside me, the people helped me, right? (Andressa)*

*when I'm alone at home, I feel that sadness, that anxiety that I don't have with anyone to talk to, with anyone to vent, I end up doing it somehow wanting to express myself, in this way, to hear a word from a friend that the people will send me, that they'll give me strength, that they'll give me help, right? (Francine)*

*you end up doing it somehow wanting to express yourself to hear a word from a friend. (Francine)*

*eu sempre tive muito apoio de todos os amigos, então acho que isso foi... que fortalece também. Então, assim, me ajudou muito, muito mesmo, porque eu tive muita mensagem de assim, de força, de ajuda, de as pessoas falarem mesmo 'você não está sozinha, nós estamos aqui para o que você precisar. (Francine)*

*Então isso foi uma coisa que foi para validar o meu sentimento que estava acontecendo naquela hora. Dá vontade de parar o mundo, essa é a verdade. Você não consegue parar o mundo, mas você consegue dizer de alguma forma o que está acontecendo com você. (Mônica)*

Essas falas nos permitem compreender os motivos que levam os teóricos e estudiosos sobre o luto (Parkes, 1998; Mazorra, Franco & Tinoco, 2002; Franco, 2014) a enfatizarem a importância das redes de apoio/suporte social para os enlutados, uma vez que exercem função facilitadora no processo do luto, tal como pôde ser claramente percebido nos trechos acima citados.

A literatura científica sobre o luto também aponta que um dos momentos mais privilegiados para o surgimento destas redes de apoio e suporte aos enlutados é o da realização dos rituais fúnebres, como velórios, sepultamentos, missas e demais cerimônias religiosas, etc. Tais rituais, segundo Crepaldi, Schmidt, Noal, Bolze e Gabarra (2020, p. 5), são compostos por “práticas culturais e religiosas socialmente prescritas de manejo e permanência durante algum tempo próximo ao corpo” que favorecem o processo de despedida do ente querido, bem como as expressões de condolências, afetos e apoio mútuo entre as pessoas enlutadas, o que contribui para o estabelecimento de uma maior conexão emocional entre elas. É por isso que podemos dizer, apesar de serem realizados em homenagem ao morto, os rituais fúnebres são especialmente benéficos para os vivos, na medida em que criam “um momento de comunhão, de estar juntos, de cumplicidade, de compaixão e renovação” (Souza & Souza, 2019, p. 5) ou, em uma perspectiva sartriana, contribuem para o surgimento da experiência psicológica do “nós”, ao passo em que evidencia aos enlutados que deles participam um perigo/ameaça comum – o sofrimento pela morte do outro – que lhes retira da serialidade e faz com que sintam-se em comum com os outros.

A experiência do “nós-sujeito”, facilmente identificada nos rituais fúnebres,

aparece quando eu e o outros visamos um objeto “fora de nós” (o que já implica o reconhecimento de um nós). Por exemplo: estou caminhando pela rua com diversas pessoas; ocorre um acidente de carro e todos passamos a observar a cena. Ao mesmo tempo em que posiciono o acidente, tenho consciência não-posicional de que estou comprometido com os outros nessa observação comum. É como ocorre em uma plateia de teatro: temos todos a consciência não-posicional de que somos co-espectadores (Perdigão, 1995, p. 208)

Além de constituírem-se como demarcadores de um estado de enlutamento e de contribuírem para o surgimento da experiência do “nós-enlutados”, os rituais fúnebres também tem a

função simbólica de reconhecimento da importância da perda e da importância daquele ente que foi perdido, marcando, pontuando, revelando e significando o acontecimento, de acordo com a crença de cada cultura, contribuindo para o processo de luto necessário diante de perdas importantes (Souza & Souza, 2019, p. 2).

Realizados desde a Pré-História, conforme demonstram registros arqueológicos (Souza & Souza, 2019), os rituais fúnebres continuam presentes até os nossos dias, mas agora não acontecem só no mundo *offline*, já que muitos deles também foram recriados e reinventados nos dispositivos comunicacionais digitais, conforme demonstrou Ribeiro (2015). Segundo a autora, esta reinvenção dos rituais fúnebres nos dispositivos digitais, característica de nosso tempo contemporâneo profundamente marcado pela virtualização da existência, “não significa a extinção das formas tradicionais da cerimônia mortuária e tudo que a cerca, mas a coexistência e mesmo a integração da esfera do atual com a do ciberespaço, onde são proeminentes as tecnologias digitalizadas” (Ribeiro, 2015, p. 22).

A coexistência e a integração das formas tradicionais e contemporâneas de ritualizar a morte puderam ser claramente percebidas nos depoimentos dos/as participantes da pesquisa. Nas falas de Regiane e Alice encontramos referências a rituais fúnebres tradicionais como, por exemplo, participação em missas e visitas ao cemitério, ao mesmo tempo em que foi possível identificar a presença de rituais contemporâneos, realizados nos dispositivos digitais. Em seu depoimento, Alice assemelhou o uso que fez da rede social durante seu processo de luto às idas ao cemitério já que, para ela, ambos se constituem igualmente como formas de cuidar e se dedicar à memória de sua finada mãe:

*Eu ainda uso as redes mais em data especial assim, aniversário dela, porque eu tenho a impressão de que se eu não colocar nada parece que eu esqueci e não é isso... Então, eu coloco aniversário dela, aniversário de morte dela esse ano eu acho que eu não coloquei, mas fizemos uma missa. (Regiane)*

*(...) quando ela faleceu ela foi enterrada no Cemitério Parque e aí é só a lapidezinha e as flores, mas assim, eu comecei indo quase todo dia, depois toda semana, depois todo mês, mas aquele lugar para mim é o lugar dela, embora eu saiba que [ela] não está lá, mas eu cuido daquilo como se eu estivesse cuidando dela. Então acho que é a mesma coisa que eu vejo dessa parte da rede social, é como se eu estivesse cuidando dela, é como se eu estivesse fazendo alguma coisa para ela. Então é esse tipo de recompensa que me dá. (Alice)*

Além disso, a análise dos depoimentos dos/as entrevistados/as demonstrou também que a forma como buscam ritualizar a morte de seus entes queridos nas redes e mídias sociais

assemelha-se às formas como tradicionalmente ritualizam as mortes no mundo *offline*, isto é, realizando homenagens em datas significativas, como no dia do aniversário da pessoa falecida, na data do falecimento, no dia de finados ou em datas comemorativas como o dia das mães, dia dos pais, etc. Assim como habitualmente acontece fora do ciberespaço, as homenagens prestadas nas redes e mídias sociais são realizadas com mais frequência nos primeiros meses que se seguem ao óbito e tornam-se mais esporádicas nos meses e anos subsequentes, conforme pode ser visto nos trechos abaixo:

*Acho que foi a partir do quarto ou quinto mês, eu comecei a fazer registros mensais. Todo dia, no dia do acidente, eu registrava como eu estava me sentindo ou o que eu tinha feito aquele mês e que eu gostaria de contar para ele o que eu tinha feito e eu escrevi isso, sei lá, desde o terceiro mês e aí eu fiz os relatos mensais até completar dois anos do acidente. Eu achava uma cronologia interessante, fazer um marco mensal. Hoje é um dia que acaba passando batido, tanto que eu nem sabia que dia do mês era hoje, se já tinha completado mais um mês ou não. (Edna)*

*Então todo mês eu faço alguma homenagem para ela de alguma forma...Até um ano, igual eu falei para você, até o primeiro ano da perda, que era todo dia dez, eu falava 'amanhã mais um mês', entendeu? Hoje, depois de um ano, às vezes passou, eu falo 'ah... dia 15, passou um mês'. Então eu estou me confortando com essa perda, não que eu esteja esquecendo a perda, mas cada vez parece que você vai tendo um conforto ... Então é muita coisa, a gente lembra dela [sic] todos os dias praticamente, mas de estar ali nas redes sociais, um ano, todos os meses depois da perda dela, todo dia 11 se entrar na página dela do Facebook vai estar lá uma dedicatória que eu fiz para ela. (Andressa)*

*nos dois primeiros anos era mais frequente, eu colocava todo mês, tipo 'ah, um mês...ah, dois meses' e era meio que uma obrigação minha, dava uma semana, tipo ela faleceu dia vinte e três e na semana do dia vinte eu já começava a pensar 'ah, tem que postar... eu postava de mês em mês e aí eu fui diminuindo a frequência e agora é só no dia das mães ou que nem amanhã que é aniversário dela'. (Mariane)*

*No aniversário de morte geralmente eu escrevo de qualquer forma, sabe? (Maurílio)*

*Eu lembro que no primeiro ano eu postei todo mês. No primeiro mês, no segundo mês, terceiro mês até dar um ano, todo mês no dia oito, que ela faleceu no dia oito de abril, de cada mês eu postava alguma coisa, era uma mensagem, uma foto dela, eu sempre postava, aí depois que passou esse um ano foi diminuindo um pouco, aí agora é mais nas datas comemorativas, aniversário dela, essas datas assim, né? (Francine)*

*Até hoje eu faço isso, mas em menor frequência, eu não sinto tanta necessidade. Talvez, assim, um aniversário de morte, um dia das mães que são as datas que você fica meio down ou que você quer homenagear. (Mônica)*

Contudo, a análise dos depoimentos evidencia que, apesar de conservarem muitos elementos dos rituais tradicionais, os rituais fúnebres contemporâneos, realizados nos dispositivos digitais, também os superam na medida em que suprem necessidades nem sempre

supridas nos rituais tradicionais, como o reconhecimento e a validação imediata do sofrimento por pessoas que passaram por experiências semelhantes que são possibilitados pelo fato de que nas redes o outro está sempre *online*, a qualquer momento podemos nos conectar a ele e pedir para que ajude a nos revelar quem somos (Mendes-Campos, 2015).

#### 4.4.3 O campo social das relações virtuais como possibilitador do reconhecimento imediato da vivência do luto e da experiência do “nós” enlutados

No item anterior vimos quão recorrentes foram as falas que evidenciaram a necessidade sentida pelos/as entrevistados/as de terem seus lutos reconhecidos e validados pelo Outro. Também foram recorrentes as falas que enfatizaram o fato de que nas redes e mídias sociais o reconhecimento e a validação do sofrimento decorrente da morte de um ente querido são obtidos de maneira imediata, diferente do que acontece no mundo *offline*, onde as barreiras impostas pelo tempo e pela distância não são transpostas com a mesma facilidade como o são no ambiente virtual. Isso faz com que o ciberespaço passe a ser visto pelos enlutados como um *lócus* privilegiado para a partilha da vivência do luto, tal como pode ser percebido nos seguintes depoimentos:

*sempre quando eu posto alguma coisa vem alguém e comenta e fala.*

(...)

*eu sempre tive muito apoio tanto nas redes sociais, quanto fora. Só que tem muitas pessoas que a gente não tem contato direto, então a pessoa acaba se expressando mais ali, até porque você não vê direto, são amigos às vezes de longe, mas que estão ali te apoiando, então nos dois casos eu tive bastante [apoio], mas claro que na rede social é muito... eu acredito que seja bem maior, acredito que seja até por isso, por a gente ter muito amigo ali e às vezes no dia-a-dia você não encontra todo mundo.*

(...)

*e dessa questão de eu postar quando eu estava mais frágil, mais sozinha, precisando mesmo de uma palavra amiga, de alguém que às vezes não estava ali, **na hora ali** e a internet ajudava. (Francine)*

A entrevistada Mônica também enfatizou que o uso do *Facebook* lhe possibilitava um acolhimento imediato por parte dos demais internautas. Algo que, segundo ela, não acontecia fora do ciberespaço:

*Se eu ficasse chateada por alguma coisa que tivesse acontecido, sei lá, uma música que toca e eu choro no supermercado ou alguma outra coisa que eu choro porque me lembra [o meu filho que faleceu] e se eu ligasse para a minha mãe ela ia chorar junto, se eu ligasse para o meu marido ele já estava tomando remédio para depressão e eu não queria... então para quem eu ia falar isso? Não tem, então se você está sozinha e não tem um grupo de apoio ou uma terapeuta, não tem. E uma que você não pode*

*esperar o horário da terapia, você quer falar naquela hora. Então isso que é importante porque eu entrava no grupo [de pais enlutados no Facebook] e, **naquele momento** que eu entrava ali, não tinha julgamento e tinha apenas uma identificação e isso para mim foi muito bom!* (Mônica)

Não é difícil perceber o quanto tais depoimentos são representativos de nossa época, do horizonte existencial no qual estamos inseridos. Vimos anteriormente que nos séculos anteriores substituímos as ferramentas manuais pelas máquinas, a força humana pela motriz e o modo de produção doméstico pelo sistema fabril. A partir disso, passamos a produzir com mais agilidade. Hoje, com o advento das tecnologias digitais, praticamente tudo se faz em uma velocidade jamais imaginada. Em milésimos de segundos temos acesso a uma infinidade de informações e a situações que ocorrem do outro lado do planeta; em poucos minutos providenciamos nossas refeições, seja cozinhando os famosos alimentos “instantâneos” ou os adquirindo nos “*fast-foods*”; em algumas horas podemos atravessar fronteiras e frequentar lugares que há pouco tempo nos eram praticamente inacessíveis. Pertencemos à geração que defende com maior ênfase e radicalidade a afirmação de que “tempo é dinheiro”; a geração que comemorou entusiasmadamente a possibilidade de acelerarmos as mensagens de voz recebidas diariamente em aplicativos de mensagens, pois “perder” mais de um minuto ouvindo a voz das pessoas que nos são caras é algo praticamente inconcebível.

Neste período, nomeado de formas diferentes por diversos estudiosos – pós-modernidade, modernidade tardia, alta modernidade, segunda modernidade, sociedade de risco e modernidade líquida (Mocellim, 2008) –, a rapidez, a agilidade e a fugacidade são imperativos, e o luto, muito embora seja vivenciado por cada um de maneira única, carrega a marca de nosso tempo, o que o torna um fenômeno singular, mas também e simultaneamente universal – histórico, cultural, social, etc. Com isso, somos cobrados a superar nossos lutos rapidamente e, da mesma forma, buscamos o reconhecimento e a validação de nossos sofrimentos, desde que os encontremos de maneira rápida e imediata.

Além de possibilitar o reconhecimento imediato da vivência do luto de seus usuários, o espaço virtual também possibilita aos enlutados que a validação e o acolhimento dos sentimentos que expressam nas redes e mídias sociais sejam realizados por pessoas que passaram por experiências de perda semelhantes às suas, conforme se pode perceber nos trechos abaixo:

*eu conversei com a minha tia e ela me disse das ‘mães sem nome’, que é um grupo do Facebook, e lá eu consegui ver que não era só eu que passava por isso... Então, eu entrei lá e mesmo eu não sendo a mãe, eu sendo a ‘tia sem nome’, que era como elas me chamavam, elas me acolheram muito, muito... Então, era um suporte muito bom que você vê que não acontece só com você e compartilha as dores. Lá tinha mãe que*

*tinha perdido o filho há trinta anos e mães que tinham perdido o filho há uma semana e você via que a dor era a mesma. (Regiane)*

*às vezes as pessoas também compartilham os meus textos [sobre o meu luto] ou indicam para outras pessoas que estão passando pelo luto (...) e daí eu acho legal assim quando alguém indica ou fala ‘ah, mostrei seu Instagram para alguém’. Teve uma vez que uma conhecida, que também passou pela situação de ficar viúva algum tempo depois [do casamento], disse que tinha lido meus textos e ela tinha ficado bem depois do que ela tinha lido. (Edna)*

*[nas redes sociais] tem pessoas que me mandam mensagens privadas, tem pessoas que se identificam com a minha perda. Igual tem uma amiga que ela perdeu uma irmã também, mais nova do que ela, a mesma dor que ela sente eu sinto. (Andressa)*

*a sensação [de publicar sobre o luto nas redes sociais] era boa porque [ali] você sabe que tem muita gente que passa pela mesma situação que você está passando. (Mariane)*

*As pessoas iam comentando, falando para ter força ou então dando testemunho de que tinham passado algo parecido, tipo ‘ah minha mãe também foi, essa dor nunca passa’, até para se de repente se algum dia eu puder fazer igual eu faço (...) Eu falo que na época me ajudou muito, até porque ainda ajuda. (Maurílio)*

*ali, depois que eu postava, eu via que tinha muita, mas muita gente que comentava, que curtia, que comentava as experiências [de perda] que também já tinham passado de muitas vezes colocar assim ‘eu sei o que você tá passando, já passei por isso’. (Francine)*

De acordo com os/as entrevistados/as, o fato de poderem fácil e rapidamente estar em relação com uma infinidade de pessoas que passaram por experiências de perdas semelhantes às suas, que (re)conhecem seus sofrimentos e suas dores, também contribui para que o ciberespaço se torne um *locus* privilegiado para a partilha de suas vivências de luto, em detrimento do mundo *offline* onde, muitas vezes, não se relacionam tão facilmente com outros enlutados e não se sentem tão bem compreendidos como se sentem no ambiente virtual.

*É, eu busquei [na internet] conhecimento e suporte porque as pessoas que a gente convive, por mais que está (sic) te dando suporte, elas não passaram por aquilo, elas não sabem como é a dor. Então, eu acho que o suporte delas foi tão importante quanto o das ‘mães sem nome’, mas o das ‘mães sem nome’ eu achei que me ajudou mais naquele momento. (Regiane)*

*Ah, e uma coisa legal são as páginas focadas nisso, tipo [a página] ‘vamos falar sobre luto?’ Porque você encontra pessoas que pensam como você, muitos textos, dicas de livro, pessoas falando sobre a perda da mãe, do pai, enfim, tem páginas muito legais, focadas nisso, super bacanas que ajudam mesmo. (Mônica)*

À luz da perspectiva sartriana podemos dizer, então, que o campo social que se estabelece no ambiente virtual possibilita e até mesmo favorece o surgimento da experiência

psicológica do “nós” entre os enlutados que dele fazem parte, tal como percebido no depoimento de Francine:

*teve trocas de experiências e isso me ajudou bastante, até hoje me ajuda, mas no começo ajudou bastante. Eu percebi que eu fiquei mais próxima das pessoas que já tinham tido perdas, principalmente perdas de mãe. Eu tenho algumas amigas que também já perderam e que eram mais colegas e que depois disso me deram bastante força e eu acabei ficando amiga mesmo de trocar mesmo experiências, porque assim quando acontece comigo é ‘nossa, será que é só comigo? Será que eu vou dar conta de aguentar e viver sem a minha mãe? E elas me trouxeram que sim, que é difícil é, mas que eu ia conseguir, que eu ia conseguir superar, que eu ia conseguir continuar a vida, porque no começo você acha que não vai mais conseguir viver mais e elas me ajudaram bastante, então [na internet] teve bastante troca de experiência que me ajudou muito.*

*[na minha rede social] tem até uma amiga que foi professora dos meus meninos, eu não tinha tanto contato com ela e depois do que aconteceu, quando ela ficou sabendo, a gente ficou bem mais próximas por ela já ter perdido a mãe. Tem outra amiga nossa também que é de um grupo nosso de amigas que eu não era tanto com ela assim, próxima, e depois ficamos muito próximas por ela ter me ajudado bastante com essa questão, ela deu bastante força. (Francine)*

Semelhante ao relato de Francine, foi o relato de Mônica, que também afirmou que, por meio da *internet*, se aproximou de outros pais enlutados que passaram por situações de perda semelhantes à sua:

*eu estava em um grupo no Facebook e eu ouvi a história de uma mãe que tinha perdido o filho naquele dia e todo mundo super, assim, em cima disso e começaram a mandar cartas para a menina e eu mandei um e-mail para ela. Eu falei para ela: ‘olha aqui eu não sei se você vai sobreviver, mas três meses você vai, porque eu estou aqui’, entendeu? E a gente começou a conversar por e-mail e foram aparecendo novas mães e foi assim que surgiu o grupo de mães [enlutadas], foi pela internet.*

*Então, essa parte virtual foi sensacional porque a gente conseguia falar coisas e se identificar e responder outras pessoas ... Logo em seguida que a gente abriu o WhatsApp e se encontrou a gente abriu o grupo no Facebook e foi super bom porque a gente conseguia se identificar e criar novos vínculos com pessoas que eu não conhecia. (Mônica)*

Tais trechos nos permitem perceber que ter compartilhado a vivência do luto nas redes sociais possibilitou às entrevistadas estabelecer uma nova forma de relação com outros/as internautas que também perderam pessoas amadas. Ao tomarem conhecimento de uma ameaça que lhes era comum – a possibilidade de padecer em decorrência do sofrimento pela morte de um familiar – Francine, Mônica e outras internautas também enlutadas passaram a sentir-se em comum umas com as outras, o que não acontecia quando se encontravam na mais completa serialidade, quando não estabeleciam trocas entre si.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ciente que muitas pessoas e, dentre elas, muitos/as cientistas acreditam e defendem que o desenvolvimento científico deva ser neutro, isto é, isento de qualquer participação subjetiva do pesquisador e de qualquer possibilidade de interferência de suas preferências, tendências, opiniões, desejos e temores, sabemos que a ciência consiste em um conjunto de ações humanas que influenciam e são influenciadas pela estrutura social (Tomanik, 2004).

Assim como toda produção científica, esta também é uma produção datada, o que significa que foi realizada em um momento específico que certamente a influenciou. Tal influência pôde ser percebida desde o início, ainda na fase de elaboração do tema, quando ficou evidenciado o quanto eu, pesquisadora, estava fortemente atrelada ao imaginário social sobre o uso da *internet* e seus possíveis prejuízos para aqueles que a utilizam, principalmente para expor sua intimidade.

Apesar de pertencer a uma geração que faz uso da *internet* desde os primeiros anos de vida e de estar habituada a esta tecnologia, sentia um grande temor de que ela pudesse impactar negativamente nos processos de luto e na saúde mental das pessoas que dela se utilizavam. Foi justamente este temor que, somado à necessidade de adquirir conhecimentos que embasassem minha atuação prática, motivou-me a investigar a vivência de pessoas enlutadas que buscam/buscaram o ambiente virtual frente a uma situação de perda de um ente querido.

Semelhantemente ao que aconteceu na história do surgimento da *internet*, explorada no segundo capítulo deste trabalho, meu temor com relação ao seu uso foi se dissipando conforme me aproximava das histórias e vivências de cada uma das oito pessoas por mim entrevistadas. Com elas, pude perceber que a vivência do luto no ambiente virtual não é um fenômeno absolutamente novo, como eu acreditava no início da pesquisa, mas sim um fenômeno que conserva marcas e características já conhecidas de momentos históricos e sociais anteriores ao nosso, ao mesmo tempo em que as supera, já que também apresenta características de nosso horizonte existencial hodierno, fortemente marcado pela virtualização da existência.

A análise dos depoimentos evidenciou que na busca de reconhecimento da vivência do luto pelo olhar do Outro, uma necessidade ontológica e antropológica, os/as entrevistados/as encontraram no ambiente virtual uma forma de transcender as barreiras do tempo e do espaço que se apresentam de maneira tão imperiosa no mundo *offline*. Isso porque, na *internet*, não só

obtiveram o reconhecimento que necessitavam, mas o obtiveram de maneira imediata e por parte de pessoas que sofreram perdas semelhantes às suas e que, muitas vezes, se encontram em locais geograficamente distantes. Ambos fatores contribuíram significativamente para que o ambiente virtual passasse a ser visto e escolhido pelos/as enlutados/as como um *locus* privilegiado para a vivência do luto, o que possibilitou o surgimento de uma nova forma de expressão do luto na contemporaneidade, agora não mais restrita ao ambiente doméstico e familiar, mas compartilhada publicamente nos dispositivos digitais.

A análise das entrevistas evidenciou também que os/as entrevistados/as utilizam o ambiente virtual e, especialmente as redes e mídias digitais, para realizarem rituais que muito se assemelham aos rituais tradicionalmente utilizados em nossa sociedade ocidental. Isso porque, a maioria dos/as entrevistados/as relatou que recorre ao ambiente virtual especialmente em datas significativas (dia do aniversário do ente querido, dia em que o óbito aconteceu, finados, dia das mães, dia dos pais etc.), para prestar homenagens, demonstrar aos demais internautas o quanto o/a falecido/a era importante em suas vidas e na vida das pessoas que com ele conviviam e, com isso, receber mensagens de apoio.

Os/as entrevistados/as afirmaram que tais homenagens são realizadas com maior frequência nos dias, semanas e meses que se seguem ao óbito. E com o passar do tempo, as realizam com menos frequência ou deixam de realizá-las, semelhante ao que acontece com as idas ao cemitério e com a realização de cerimônias religiosas que também se tornam mais esporádicas ao longo dos anos. Alguns deles/as chegaram até mesmo a comparar o uso que fazem das redes e mídias digitais às visitas ao cemitério, o que evidenciou a coexistência e integração das formas tradicionais e contemporâneas de ritualizar o luto e confirmou a hipótese de Mendes-Campos (2015, p. 175), de que “o futuro muito provavelmente se desenha entremeando, cada vez mais, o cotidiano ao virtual”.

Contudo, ao mesmo tempo em que conserva muitos elementos dos rituais tradicionalmente realizados fora do ambiente virtual, a *internet* também é vista pelos enlutados como um local privilegiado para a vivência do luto por superar limites e fragilidades dos rituais tradicionais. Isso ocorre pois, por meio dela, não há a necessidade de aguardar um momento específico como o da realização de determinadas cerimônias, como a missa de sétimo dia, por exemplo, para que possam ter o seu sofrimento reconhecido, validado e acolhido; nela há o reconhecimento e o acolhimento imediato por parte do Outro, visto que a todo e qualquer momento há um Outro que se encontra *online*. Notamos, então, que a expressão do luto no ambiente virtual carrega as marcas e as características de um tempo marcado pela virtualização da existência e pela busca pelo que é rápido, pelo que é

imediatamente. Isso evidencia o quanto o fenômeno no qual nos debruçamos aqui é singular, individual, mas é também e simultaneamente representativo de nossa época.

Além disso, os/as entrevistados/as destacaram que a *internet* permite também que o reconhecimento da vivência do luto seja realizado por pessoas que passaram por perdas semelhantes às suas, o que muitas vezes não acontece no mundo *offline*, o que traz aos enlutados a sensação de não serem compreendidos, tal como bem ilustrou Valter Hugo Mãe, no prefácio do livro de Lund *et al* (2021, p. 11), ao se referir a solidão e incompreensão vivenciadas por pais e mães enlutados/as:

As mães e os pais dos mortos começam por viver num país só deles e quando chegam a coincidir conosco, em cidades tão reais quanto São Paulo ou Porto, Erechim ou Vila do Conde, são como emigrantes. Viverão sempre como certos emigrantes chegados de uma outra cultura, com dificuldades de traduzir na nossa Língua o que sentem e o que querem dizer, por mais simples que seja... Começam por ser também pessoas absurdas e levam tempo a caber em nossos países chamados Brasil ou Portugal. Nós podemos abeirar-nos e esperar, mas é ingênuo pensar que sabemos o que estamos a ver e o que significam suas palavras e gestos. Penso agora que as mães e os pais dos mortos não vêm de um mesmo país... Por isso, são emigrantes que carregam uma cultura que pressente a cultura de seus semelhantes, mas não se torna absolutamente igual. Penam individualmente por seu sofrimento, por maior que seja a razão, por mais que lhe queiramos pedir, à morte de um filho todas as mães e pais começam por ficar irremediavelmente sós e demoram até poderem ser minimamente acompanhados. (2021, p. 11)

Apesar de utilizarem a *internet* para transpor algumas barreiras inerentes ao mundo *offline* – como a do tempo e do espaço – os/as entrevistados/as não demonstraram utilizá-la como uma forma de transcender ou superar a própria morte, o que ficou evidente pelo fato de nenhum deles/as ter mencionado utilizar o ambiente virtual para manter alguma forma de contato ou comunicação com a pessoa falecida. A morte, para eles/as, apresenta-se como um fato incontestável. A necessidade que buscam sanar por meio das redes e mídias digitais não aparenta ser a de trazer seu ente querido de volta, mas de terem suas vivências de luto imediatamente reconhecidas, acolhidas e validadas pelo Outro.

Além dos conteúdos mencionados nas entrevistas, outros dois pontos chamaram a atenção. O primeiro está relacionado ao número expressivo de entrevistadas do gênero feminino, já que houve somente um homem que se voluntariou a participar do estudo. O segundo ponto está relacionado à faixa etária dos/as participantes: entre 29 e 42 anos. Tais dados nos permitem destacar o fato de praticamente todas as participantes serem mulheres adultas. Devido ao limite de tempo que dispúnhamos para a presente pesquisa, tais pontos não puderam ser explorados, mas alertaram para a importância da realização de novos estudos e

pesquisas que os explorem, já que a internet pode não estar atendendo às necessidades de pessoas enlutadas de outros gêneros ou que se encontram em outros momentos do ciclo vital.

Alguns parágrafos acima destacamos o fato desta pesquisa, assim como qualquer outra, ser datada, ou seja, marcada e influenciada pelo momento em que foi realizada. Pensando nisso, além dos pontos abordados anteriormente, há um outro do qual não podemos deixar de mencionar: o fato deste trabalho ter sido atravessado pela pandemia do novo coronavírus, decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, a qual provocou alterações significativas em nossas vidas e mortes.

Mendes-Campos (2015) alertou-nos sobre as dificuldades de estudarmos fenômenos presentes no ambiente virtual em razão de suas rápidas e constantes transformações. Mas, apesar de cientes das dificuldades que poderíamos enfrentar ao nos debruçarmos sobre a vivência do luto neste ambiente, a insurgência da pandemia fez com que fossemos surpreendidas por transformações súbitas e inimagináveis.

No início de nossa empreitada, não imaginávamos que, em um piscar de olhos, praticamente toda a nossa vida passaria a acontecer e depender do ambiente virtual. Em poucas semanas, deixamos nossos locais de trabalho e passamos a desenvolver nossos ofícios no ambiente doméstico, em regime de teletrabalho; restringimos praticamente todas as nossas relações sociais a relações sociais virtuais; deixamos de frequentar escolas, faculdades e cursos e passamos inúmeras horas assistindo aulas *online*; as consultas, acompanhamentos médicos e psicológicos passaram a ser realizados por meios remotos. As medidas sanitárias impostas para evitar a propagação do novo coronavírus e, principalmente, o isolamento social contribuíram para que a nossa existência fosse quase completamente virtualizada. E, dentre as inúmeras transformações a que fomos submetidos, não podemos deixar de mencionar a que envolveu a morte e o luto, já que:

devido ao contexto de pandemia e suas especificidades de contágio, as mortes podem ser mais frequentes do que aquelas com as quais estamos acostumados a lidar, podendo ocorrer abruptamente e demandando rituais díspares do que aqueles com os quais as culturas estão familiarizadas. Outra implicação é que, devido ao isolamento, a presença junto ao paciente infectado e até mesmo os ritos de despedida, ações integrantes do processo de luto não podem ser realizadas por seus entes queridos como habitualmente o fazem (Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz], 2020, n.p)

Frente a estas transformações, surgiram no ambiente virtual algumas iniciativas para auxiliarem as pessoas enlutadas a homenagearem e realizarem os rituais fúnebres que deixaram de ser realizados no mundo *offline*, ou passaram a ser realizados com um número mínimo de pessoas, como por exemplo o memorial virtual Inumeráveis e o Guia de

Homenagem Póstuma Virtual elaborado pelo Movimento Infinito<sup>30</sup>. Pelo fato de terem surgido quando a presente pesquisa estava em fase de finalização, tais recursos não foram contemplados na fase de campo realizada em 2018, ou seja, antes do início da pandemia.

Sendo assim, finalizamos este trabalho levando em consideração o caráter dialético tanto da realidade que está em constante transformação, quanto da produção do conhecimento sobre esta realidade. Acreditamos que o que desenvolvemos até o presente momento poderá ser conservado, isto é, servir de ponto de partida e superado por novas visadas sobre o fenômeno que contemplem estas novas iniciativas que favorecem a vivência e expressão do luto no ambiente virtual.

---

<sup>30</sup> Para mais, ver em: <https://infinito.etc.br/guia-homenagem-postuma-virtual/index.html>

## REFERÊNCIAS

Albuquerque, M. S. O. (2016). Morri! Quem vai herdar meus bens digitais? *In Anais VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo*, Universidade Federal Fluminense de Niterói, RJ. Recuperado de <http://estudosdoconsumo.com/wp-content/uploads/2018/11/ENEC2016-GT09-Albuquerque-Morri.pdf>

Allouche, F. (2019). *Ser livre com Sartre* (J. B. Kreuch, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Ariès, P. (2012). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bauman, Z. (2012). *Isto não é um diário*. Rio de Janeiro: Zahar.

Beauvoir, S. de (1984). *A força da idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1960).

Bettoni, R. A. (2002). A formação dos grupos sociais em Sartre. *Revista Eletrônica UFSJ São João Del-Rei*, (4), 67-75. Recuperado de [https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia\\_material\\_revisto/revista04/texto09\\_sociabilidade\\_sartre.pdf](https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista04/texto09_sociabilidade_sartre.pdf)

Breton, P. (1987). *História da Informática*. São Paulo: UNESP.

Boechat, N.C. (2011). *História e Escassez em Jean-Paul Sartre*. São Paulo: EDUC: FAPESP.

Bouso, R. S., Ramos, D., Frizzo, H. C. F. & Santos, M. R. (2012). A prática do luto interativo no Facebook. *Anais do Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade*, Salvador, BA. <https://docplayer.com.br/3818221-A-pratica-do-luto-interativo-no-facebook.html>.

Bouso, R. S.; Santos, M. R.; Bouso, F & Ramos, R. S. (2014). Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. *ComCiência*, 163. Recuperado de [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso)

Bouso, R.S., Ramos, D., Frizzo, H.C.F., Santos, M.R. dos & Bouso, F. (2014). Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. *Psicologia USP*, 25(2), 172-179.

Caputo, R.F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Saber Acadêmico - Revista Multidisciplinar da UNIESP*, 06, 73-80.

Castells, M. (2000). *A Sociedade em rede* (Vol. I). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Chauí, M. (1995). *Convite à filosofia* (3ª ed.). São Paulo: Ática.

Cohen-Solal, A. (2008). *Sartre: uma biografia* (2ª ed.) (M. Persson, Trad.). Porto Alegre, RS: L&PM.

Combinato, D. S. & Queiroz, M. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 209-216.

Crepaldi, M.A., Schmidt, B., Noal, D.S., Bolze, S.D.A. & Gabarra, L.M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>

Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto (Trabalho original publicado em 1967).

Durkheim, E. (1982). *O Suicídio: um Estudo Sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores (Trabalho original publicado em 1897).

Faustino, L. F., Neto, M. R., Barreto, L. S. & Brito, L. P. (2017). As mídias sociais como ferramentas estratégicas em uma empresa de cemitérios e serviços funerários. In T. Ruão, R. Neves & J. Zilmar (Eds.). *A Comunicação Organizacional e os desafios tecnológicos: estudos sobre a influência tecnológica nos processos de comunicação nas organizações* (pp. 171-186). Braga: CECS.

Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 9, 171-177. <http://hdl.handle.net/10071/1239>

Ferreira, A. B. H. (s/d). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Franco, M. H. P. (2014). Luto Antecipatório em Cuidados Paliativos. In Franco, M.H.P. & Polido, K.K. *Atendimento Psicoterapêutico no Luto*. 1. Ed. São Paulo: Zagodoni.

Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97-105.

Freitas, J.L. & Michel, L.H. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicol Estudo*, 19(2), 273-8. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/10.pdf>

Freitas, J. L.; Michel, L. H. F. & Zomkowski, T.L. (2015). Eu Sem Tu: Uma Leitura Existencial do Luto em Psicologia. In J. L. Freitas & M. V. F. Cremasco (Orgs.). *Mães em Luto: A Dor e suas Repercussões Existenciais e Psicanalíticas* (pp. 15-24). Curitiba: Juruá.

Freitas, S.M.P de. (2018). *Sartre, Psicologia de Grupo e Mediação Grupal*. 2018. Tese. Doutorado em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Frizzo, H. C. F., Bousso, R. S., Borghi, C. A. & Pedro, W. J. A. (2017). A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge. *Revista Kairós — Gerontologia*, 20(4), 207-231. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/36628>

Frizzo, H.C.F, Bousso, R. S., Ichikawa, C. R. F. & Sá, N. N. (2017). Mães enlutadas: criação de blogs temáticos sobre a perda de um filho. *Acta Paulista de Enfermagem*, 30(2), 116-121.

Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz]. (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19*. Rio de Janeiro. Recuperado de <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>

Gurgel, W. B., Kovács, M. J., Mochel, E. G., Nakasu, C. T. & Portugal, P. K. P. (2011). Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. *Cad. Pesq.*, 18(1), 7-16. Recuperado de <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/411>

Hoffmann, L. (1993). A morte na infância e sua representação para o médico - reflexões sobre a prática pediátrica em diferentes contextos. *Cad. Saúde Pública*, (9)3, 364-74. Recuperado de <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v9n3/23.pdf> .

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2016). *Acesso à internet e a televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [IBGE]. (2018). *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2017*. Rio de Janeiro: IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [IBGE]. (2020). *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2018*. Rio de Janeiro: IBGE.

Junqueira, M. H. R. & Kovács, M. J. (2008). Alunos de Psicologia e a educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(3), 506-519. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v28n3/v28n3a06.pdf>

Kovács, M. J. (1992). Morte, separação, perdas e processo de luto. In M. J. Kovács (Org.). *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 149-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M.J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(3), 484-497. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n3/v25n3a12.pdf>

Koury, M. G. P. (2002) Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. *RBSE*, 1(1), 93-107.

Koury, M. G. P. (2003). *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Koury, M. G. P. (2014). O luto no Brasil no final do século XX. *Caderno CRH*, 27(72), 593-612. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n72/10.pdf>

Leitão, C.F. (2002). *Os impactos subjetivos da Internet: reflexões teóricas e clínicas*. 2002. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Reio de Janeiro.

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Lima, V. R. & Buys, R. (2008). Educação para a morte na formação de profissionais de Saúde. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(3), 52-63. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017563007>

Lund, C.S.; Fischer, C.P.; Oliveira, G.L.C.S.; Capuano, M.C.N.; Yoshida, M.A.L.; Furquim, M.R. & Corsato, M.A. (2021). *A Lua e o Girassol: um dia mães em luto, outro dia mães em luz*. São Paulo: Primavera Editorial.

Martins, R. (2013). A vez da ‘geração C’. *Revista Galileu*. Recuperado de <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339144-17770,00-A+VEZ+DA+GERACAO+C.html>

Matos-Silva, M. S. (2011). “Teclando” com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.34467>

Matos-Silva, M. S. de, Abreu, R. de A. dos S. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2012). Como satisfazer nossas necessidades de interagir online em diferentes níveis de intimidade? Um estudo sobre a comunicação nas comunidades virtuais, *Interação Psicol.*, 16(2), 217-226.

Mazorra, L., Franco, M. H. P., & Tinoco, V. (2002). Fatores de risco para luto complicado numa população brasileira. In M. H. P. Franco (Org.), *Estudos avançados sobre o luto* (pp. 39-60). Campinas, SP: Livro Pleno.

Mendes-Campos, C. (2015). *Extimidade virtual na conjugalidade: estudo sartriano sobre a nova perspectiva da intimidade*. 2015. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.26515>

Mocellim, A. (2007). Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. *Em Tese – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 3(2), 100-121.

Moura, A. R. de, Silva, A. S. L. da, Luna, R. A. & Barros, W. (2016). Luto on-line: a representação do luto no ambiente virtual. *Anais do Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente*, 18, 1-12.

Mueller, L. (2017). Luto midiaticado na contemporaneidade: a reação popular perante a morte no Facebook. *Temática*, 13(8), 196-211.

Nardi, E. R. (2009). Melete Thanatou: As realizações apropriadas pela terapia existencial das produções filosóficas existencialistas relativas à morte e ao morrer. *Revista Filosofia Capital*, (4)9, 69-79. Recuperado de <http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/104/88>.

Negrini, M. (2010). A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta”. *Discursos fotográficos*, 6(8), 13-33. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/3468>.

Nemitz, E. (2017). O elixir da vida online: como a “imortalidade” digital está mudando a maneira como lidamos com a morte? *Revista Contato*, 19, 24-26.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002a). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? *Estudos de Psicologia*, 7(1), 25-35.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002b). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". *Cadernos CEDES*, 25(65), 71-85.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2006). Internet: uma nova plataforma de vida. In A.M. Nicolaci-da-Costa (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. (pp. 19 – 40). Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo: Loyola.

Oliveira, J. B. A. & Lopes, R. G. C. (2008). O processo de luto no idoso pela morte do cônjuge e filho. *Psicologia Estudos*, 13(2), 217-221. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2>

Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial.

Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus Editorial.

Perdigão, P. (1995). *Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.

Perluxe, D. F. R. (2015). “Anjos online” estudo qualitativo sobre a utilização do Facebook no processo de luto parenta. 2015. Dissertação (Mestrado), Universidade de Lisboa. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10451/23137>

Peruzzo, A. S., Jung, B. M. G., Soares, T., & Scarparo, H. B. K. (2007). A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(3), 90-102.

Piza, M. V. (2012). *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade de Brasília. Recuperado de [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012\\_MarianaVassalloPiza.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf)

Ribeiro, R. R. (2015). *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Niterói: Eduff.

Rigo, K. F. (2012). Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberespaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da imortalidade de Zygmund Bauman. In *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*, 1, 460-476. São Leopoldo: EST. Recuperado de <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/107/34>

Rosa, G. A. M. & Santos, B. R. dos (2015). Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(4), 913-927. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n4/v23n4a10.pdf>

Rubini, C. (1999). Dialética dos Grupos: contribuições de Sartre à compreensão dos grupos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 7(2).

Sangalli, H.L.K & Martinuzzo, J.A. (2017). Facebook e o fim da vida pela ótica dos usuários. *Contemporânea*, 15(3), 727-747.

Santos, T. C. F dos & Fensterseifer, L. (2016). Educação para a morte na formação do psicólogo da PUC Minas São Gabriel. *Pretextos*, 1(1), 157-175. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13591/10483>

Saporetta, L. A., Andrade, L., Sachs, M. F. A & Guimarães, T. V. V. (2012). Diagnóstico e abordagem do sofrimento humano. In R.T. Carvalho & H.A. Parsons, H. A. (Orgs.), *Manual de Cuidados Paliativos ANCP*. (2.ed.). São Paulo, SP.

Sartre, J. P. (1972). *Situations, IX*. Mélanges. Paris: Gallimard

Sartre, J. P. (1987). *A imaginação*. (3a ed., pp. 33 – 106). (Coleção Os Pensadores). (L.R.S. Fortes, Trad.). São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1936).

Sartre, J. P. (1987). *O Existencialismo é um humanismo*. (3a ed., pp. 1 – 32). (Coleção Os Pensadores). (R.C. Guedes, Trad.). São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1970).

Sartre, J. P. (1987). *Questão de método*. (3a ed, pp. 109-191). (Coleção Os Pensadores). (B. Prado Jr., Trad.). São Paulo: Nova Cultural (Trabalho original publicado em 1960).

Sartre, J. P. (1979). *Crítica de la razon dialéctica*. 1a. ed. Vol. I e II. Buenos Aires, Editorial Losada, S/A. (Trabalho original publicado em 1960).

Sartre, J.P. (1996). *O Imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação*. São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1940).

Sartre, J.P. (2005). *Entre quatro paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1944).

Sartre, J.P. (2005). *Os dados estão lançados*. Rio de Janeiro: Editora Papirus. (Trabalho original publicado em 1947).

Sartre, J.P. (2005). *Une idée fondamentale de la phénoménologie de husserl: l'intentionnalité*. (R. L. Lopes, Trad.). *Veredas Favip*, 2(1),102–107. Recuperado de <https://gmeaps.files.wordpress.com/2012/05/uma-ideia-fundamental-da-fenomenologia-sartre.pdf> (Trabalho original publicado em 1939).

Sartre, J. P. (2010). A transcendência do ego – esboço de uma descrição fenomenológica. *Cadernos Espinosanos*, (22), 183-228. (Trabalho original publicado em 1937). <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2010.89393>

Sartre, J. P. (2010). *Esboço para uma teoria das emoções* (P. Neves, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1939).

Sartre, J. P. (2011). *O Ser e O Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (19a ed). (P. Perdigo, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1943).

Sartre, J. P. (2013). *O idiota da família*, v. 1. Porto Alegre, RS: L&PM. (Trabalho original publicado em 1971).

Sartre, J. P. (2018). *As palavras*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964).

Schneider, D.R. (2002). *Novas Perspectivas para a Psicologia Clínica: um estudo a partir da obra de “Saint-Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a psicologia clínica*. Florianópolis: Ed. Da UFSC.

Sibilia, P. (2008). *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Sibilia, P. (2003). Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In *Anais do XI Encontro da Compós*. Recife: Compós. [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1049.PDF](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1049.PDF).

Silva, L. D. (2006). *Existencialismo e marxismo: a filosofia de Sartre entre a liberdade e a história*. 2006. Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Carlos.

Silva, S. da C. (2007). *Contribuições da psicologia existencial no enfrentamento das perdas e da morte*. (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade do Vale do Itajaí. Recuperado de [http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane\\_Soieto\\_da\\_Silva.pdf](http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane_Soieto_da_Silva.pdf)

Silvestre, J. C. & Aguilera, N. V. (2008). Morte e luto no ciberespaço. In *Anais do II Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura*. São Paulo: CENCIB/PUC-SP.

Simmel, G. (1987). A Metrópole e a Vida Mental. In O. G. Velho (Org.), *O Fenômeno Urbano*, (pp. 11-25). Rio de Janeiro: Editora Guanabara (Trabalho original publicado em 1902).

Sousa, D. P. & Amorim, M. C. (2017). Túmulos Virtuais: Leitura Bakhtiniana da Morte no Ciberespaço. In *Anais do XIV Evidosol e XI Ciltec-Online*, 6, 1-6. Recuperado de [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/12139/10341](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/12139/10341)

Souza, C. P. & Souza, A. M. (2019). Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>

Tisseron, S. (2008). *Virtual, mon amour – penser, aimer, souffrir à l'ère des nouvelles technologies*. Paris: Albin Michel.

Tomanik, E. A. (2004). *O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais*. Maringá: Eduem.

Tomanik, E. A. (2009). O Sujeito Humano e o Conhecimento: constituição psicossocial e complexidade. In E. A. Tomanik; A.M.P Caniato; M.G.D. Facci (Orgs.). *A Constituição do Sujeito e a Historicidade* (pp. 33 – 61). Campinas: Editora Alínea.

Tomasi, J. M. (2011). A morte no Orkut: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). In *Anais do V Simpósio Nacional ABCiber*, 1- 13. Florianópolis: ABCiber.

Tomasi, J. M. (2012). Dor de filhas, irmãs, mães e esposas: as mulheres enlutadas na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011). *Revista Ártemis*, 13, 187-198. Recuperado de <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14223/8151>

Tomasi, J. M. (2013). Com flores e velas virtuais: as práticas do luto nos cemitérios online (1994 – 2011). In *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, 1-16. Natal, RN.

Turkle, S. (2011). *Alone Together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.

Wainstock, B. C. (2013). *Filhos que vão, pais que ficam: a web como recurso de comunicação durante o luto*. 2013. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Recuperado de <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28965/28965.PDF>

Vaccaro, M. M. (2014). *Constituição do Sujeito e Historicidade: um estudo a partir do existencialismo sartreano*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá. Recuperado de <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2014/marina-mene>

Zanella, A.V., Soares, D. H. P., Aguiar, F., Maheirie, K., Prado Filho, K., Lago, M.C.S., Coutinho, M. C., Toneli, M. J. & Scotti, S. (2006). Diversidade e Diálogo: Reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em Psicologia. *Interação*. XII(22), 11-38. Recuperado de <http://redalyc.org/articulo.oa?id=35402202>

## ANEXOS

### ANEXO 1- Termo de Consentimento Livre E Esclarecido

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “*O Luto e as Redes Sociais Virtuais: um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas*” que faz parte do Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e é realizada pela pesquisadora Ms. Marina Menegueti Vaccaro, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Cecília da Silva.

O objetivo da pesquisa é investigar se e, de que forma, as redes sociais virtuais (blogs, Facebook, Instagram, etc.) atendem as necessidades de pessoas enlutadas que as buscam frente à situação de perda de um ente querido.

Para que tal objetivo possa se cumprir sua participação é muito importante. A partir do seu consentimento em participar será realizada uma entrevista, com perguntas disparadoras, que abrangem a temática que será desenvolvida na pesquisa. Será necessário para a realização da entrevista aproximadamente uma hora, sendo possível seu prolongamento, dependendo de sua disponibilidade de tempo e, principalmente, de sua disponibilidade emocional. As entrevistas poderão ser realizadas na Universidade Estadual de Maringá, em salas apropriadas que garantam o sigilo e conforto para o participante; na clínica particular de atendimento psicológico da pesquisadora ou um local de preferência do participante. Também serão prestados esclarecimentos antes e durante a pesquisa sobre a metodologia a ser aplicada para o estudo.

Informamos que poderão ocorrer possíveis riscos/desconfortos durante a entrevista. Um dos riscos pode ser o desconforto emocional – tristeza, ansiedade, angústia - já que na entrevista abordaremos sobre uma experiência de perda importante para você. Caso isso aconteça, o pesquisador se coloca a disposição para reparar possíveis danos e se necessário será feito encaminhamento para um profissional da área da Psicologia atendê-lo gratuitamente. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Para as entrevistas será utilizado um gravador, sendo que as gravações e as

transcrições das entrevistas serão guardadas por cinco anos e depois descartadas, ou seja, serão incineradas.

Espera-se que esta pesquisa, ao aumentar a compreensão sobre as manifestações do luto na contemporaneidade, possa contribuir para a melhoria da rede de atendimento ao luto, na medida em que possibilitará aos profissionais de Psicologia a elaboração e ampliação de trabalhos também em ambientes virtuais que contribuam com a escuta, acolhimento e demais encaminhamentos necessários ao apoio a pessoas enlutadas que se encontram em sofrimento.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa realizada pela pesquisadora Ms. Marina Meneguetti Vaccaro e orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Cecília da Silva.

---

Assinatura do participante

Eu, Marina Meneguetti Vaccaro, R.G.: 9.956.645-0, C.P.F.: 062.941.009-76, declaro que forneci todas as informações referentes a pesquisa intitulada “O Luto e as Redes Sociais Virtuais: um estudo a partir da vivência de pessoas enlutadas”.

---

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com a pesquisadora e/ou orientadora da pesquisa, nos endereços/telefones abaixo:

Nome: Marina Meneguetti Vaccaro (pesquisadora).

Endereço: Rua Ivaí, 722, apto 204 – Vila Marumby

Telefone: (44) 9 9859-3377

E-mail: [marih\\_menegueti@hotmail.com](mailto:marih_menegueti@hotmail.com)

Nome: Lúcia Cecília da Silva (orientadora).

Endereço: Rua Monsenhor Kimura, 353, apto 701-2 – Maringá (PR)

Telefone: (44) 9 9881-6704

E-mail: [lcsilva2@uem.br](mailto:lcsilva2@uem.br)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444

E-mail: [copep@uem.br](mailto:copep@uem.br)